

50
300
15.000,00

alterosa

10 DE SETEMBRO A 10 DE OUTUBRO - Cr\$80,00

GARRINCHA, URGENTE:

PORQUE UM ÍDOLO

NÃO PODE AMAR



A GUERRA FRIA ENTRE JACKIE E GRACE KELLY

TRATANDO-SE DE
PLÁSTICO...



ÔLHO NELA

Ao adquirir seus artigos de plástico, não o faça antes de verificar se têm a garantia da matéria-prima empregada. A etiqueta que Você está notando é a sua segurança, pois indica que os produtos foram fabricados com ELTEX — mais qualidade em plástico!

ELTEX é o melhor plástico porque soma estas qualidades de grande importância para os artigos indispensáveis em seu Lar, na copa, na cozinha, no banheiro, no toucador, no uso pessoal etc.:

INQUEBRÁVEL — INODORO — INALTERÁVEL — ESTERILIZÁVEL
RESISTENTE AO CALOR, AO FRIO E À CORROSÃO QUÍMICA.

ELTEX é mais moderno, tem mais brilho e é muito mais funcional!

Para seu Lar, prefira sempre artigos em ELTEX, mas, ATENÇÃO,
ANTES DE COMPRAR, verifique se têm a etiqueta ELTEX!



* Eu olhei e escolhi **ELTEX**
- você o escolherá também!



MAIS QUALIDADE EM PLÁSTICO!

APCBH//C.16/X-67
1963.09/10

SUMÁRIO

Nossa Grande Reportagem	10 Os Segredos, Os Mistérios, As Alegrias E As tristezas De Um Craque Chamado Garrincha
Exclusividade	4 A Guerra Fria Entre Jackie Kennedy E Grace Kelly
Mulher Santa	24 Na Porta Da Casa De Lola, A Mulher Santa Que Recusa Alimentar-se Há 20 Anos
Arte Cara	16 Cem Milhões De Cruzeiros Estão Pendurados (Em Quadros) Nas Paredes Mineiras
S.O.S.	30 O Brasil Morre Por Onde Nasceu: Pôrto Seguro Pede Socorro
Aleijadinho	68 Os Profetas Estão Sendo Agredidos Pelos Turistas
Carlos Drummond	64 A Psicologia Da Mulher Na Praia Desmente O Poeta De Itabira
Doce Vida	20 O Grande Fotógrafo Armando Rosário Descobre No Rio O Refúgio Onde Artistas Famosos Brincam De Italianos
Nilton Santos	48 Sem Futebol: O Nilton Santos Que Ninguém Conhece
O Cabelo Da Outra	70 O Que Aconteceria Se Brigitte, Sofia, Etc. Usassem O Cabelo Da Outra
Os Bichos	74 Jovem Artista Mineiro Ganha A Fama à Custa De Gatos, Galos E Galinhas
Cidade Flutuante	54 Em Manaus, Nosso Enviado Especial, Dilson Martins, Revela A Cidade Que Caminha
Viúvas Tristes	60 Elas Juraram Não Amar Nunca Mais, Desde A II Guerra
	AS AMARGAS, NÃO
Otto Lara Resende	78 De Como O Prof. Jubileu De Almeida Salvará A República
Lúcia Machado De Almeida	84 Mais Uma Aventura De Xisto, O Pequeno Herói
Ivan Ângelo	88 A História De Um Assalto
Bosc	87 Pra Rir (De Verdade)
Henfil	86 Toureiro, Olé
	FEMININAS
A Elegância	38 a 47 As Surpresas Da Nova Moda Só Para Você
	CURTAS
Em Poucas Palavras	28 Pequenas Notas De Grande Interêsse
Elas	36 Os Passos Das Mulheres Famosas
	CAPA
Flor Morena	Lourdinha Bicalho, Môça Belorizontina, Vista A Côres Por Karl Schmidt

alterosa

Propriedade da Editora Alterosa S.A. —
Rua Rio de Janeiro, 926, 3.º andar,
Caixa Postal 279, Enderço Telegráfico:
«Alterosa», Tel.: 2-4251, Belo Horizonte,
Minas, Brasil.

FUNDADORES

Miranda e Castro
e N. M. Castro

DIRETOR-PRESIDENTE

José Aparecido de Oliveira

DIRETORES

Roberto Drummond
Carlos Alberto R. Proença

SECRETÁRIOS

Carlos Wagner
Charles Corfield

REPORTAGEM

Dirceu Soares, Euler Cássia, Hilton
Ferreira, Karl Schmidt, Maurílio Tôr-
res, Carlos Orlando e Alvimar de
Freitas.

PAGINAÇÃO

Jarbas Juarez

PROMOÇÃO E CIRCULAÇÃO

Paulo Venâncio Guimarães

COLABORADORES

Jorge Amado, Otto Lara Resende,
Lúcia Machado de Almeida, Bueno
de Rivera, Ivan Ângelo, Henfil, Junia
Rios Netto, Geraldo Andrada, Vi-
cente de Abreu, Deodato Alves, Ray-
mond Druon, Bosc.

SUCURSAL NA GUANABARA

Dilson Martins

TÉCNICA

Wilson Manso Pereira, Vicente Pe-
nido Malta, José Fiuza Filho.

PUBLICIDADE

BELO HORIZONTE: José Alberto
da Fonseca

SÃO PAULO: Salvador Lauria, Av.
Ipiranga, 795, Conjunto 1408, Fone:
35-1713

VENDA AVULSA

Cr\$ 80,00 em todo o Brasil
Cr\$ 100,00, números atrasados

ASSINATURAS

6 números — porte simples:	Cr\$ 500,00
6 números — registrado:	Cr\$ 700,00
6 números — aéreo:	Cr\$ 850,00
12 números — porte simples:	Cr\$ 950,00
12 números — registrado:	Cr\$ 1.300,00
12 números — aéreo:	Cr\$ 1.550,00

cuidado
com as imitações!



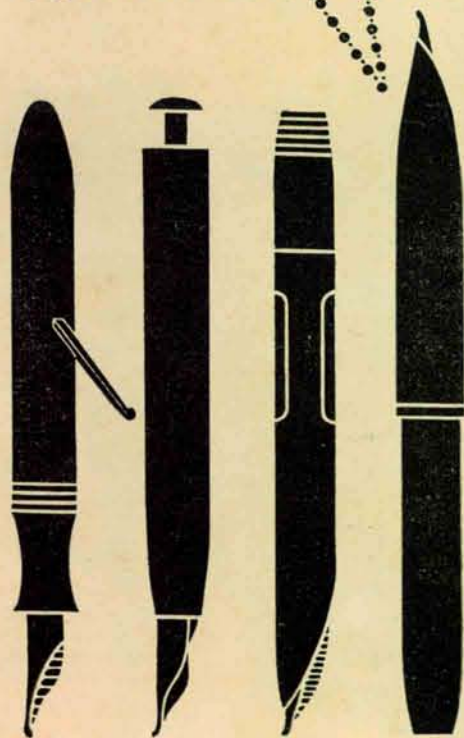
exija sempre o legítimo

**FERRO
- QUINA
BISLERI**

**não sendo BISLERI
não é o FERRO-QUINA
de que você precisa!**

Representante em
BELO HORIZONTE
ANTÔNIO SCARPELLI
Rua Sta. Maria, 130
Tel.: 2-6379.

— Num ponto
nós somos iguais:
trabalhamos
melhor com
Super Quink!



Com a garantia do nome Parker, Super
Quink proporciona escrita mais fácil, rá-
pida, segura, duradoura — e muito mais
brilhante! Oito lindas cores. E lembre-
-se: Super Quink contém Solv-X, que
limpa e protege a caneta enquanto escreve.

30 cm ³	Cr\$ 110,00
59 cm ³	Cr\$ 120,00
473 cm ³	Cr\$ 600,00
946 cm ³	Cr\$ 1.000,00



TINTA DE ESCRIVER
PARKER

super Quink

Distribuidores exclusivos para todo o Brasil:

**COSTA PORTELA
INDÚSTRIA E COMÉRCIO S.A.**
Av. Pres. Vargas, 435 - 8.º andar - Rio

Standard - Rio

Diálogo Com O Leitor

Genival Rabelo Depõe

Empolgado com a nova fase de **Alterosa**, o jornalista Genival Rabelo, diretor da revista PN (Política & Negócios) enviou ao jornalista Roberto Drummond uma carta que vale como mais um depoimento importante sobre o sucesso da **sua** revista. Eis o que diz Genival Rabelo:

— «Escrevo-lhe informalmente para lhe dar os parabéns pela **Alterosa** que você está conseguindo fazer. Meus 25 anos de jornalismo e a espontaneidade com que saio de minha trincheira (PN) para conversar com você emprestam certo calor, humano e profissional, a este aplauso. Começo dizendo que, durante anos seguidos amigo íntimo do saudoso Miranda e Castro e, em consequência, velho leitor da antiga revista, confesso que a mudança do formato, no começo, provocou em mim uma reação negativa. Sobretudo porque fiz o inverso com PN. Diminuí o formato de minha revista, como talvez seja de seu conhecimento. Aliás, o grande revisteiro — talvez o maior do Brasil — que é Justino Martins, num telefonema franco, reagiu à minha medida, dizendo que preferia PN no formato antigo (maior). Hoje, ele concorda que PN está mais viva, vibrante e fácil de se levar no bolso. É sempre assim: o leitor não gosta que modifiquem sua revista. Monteiro Lobato, em **Mr. Slang e o Brasil**, dá este conselho: não modifique sua revista ou jornal. Inove-o pouco a pouco. A violência da mudança pode fazer que você perca os leitores antigos antes de conquistar novos. Entretanto você e eu vencemos: ganhamos — e muito — com o novo formato. **Alterosa** deixou de ser provinciana. Está, de número para número, ganhando em paginação, em escolha de assuntos, conquistando, sem dúvida alguma, maior interesse do leitor. Tenho diante de mim a edição de agosto. Lamento apenas que V. não disponha de processo mais moderno de impressão. Mas quem não tem cão... E você está conseguindo tirar o melhor partido com os recursos (pobres) da clichéria e processo gráfico de que dispõe. «A Face Negra do Racismo» é uma reportagem de gabarito internacional, sobre o assunto mais pungente da atualidade. Não poderia receber melhor tratamento na sua diagramação. «Robinson Crusoe nº 2» desperta interesse. Pena que os repórteres tivessem deixado a meiga Piedade relegada a um apagado e distante segundo plano. Ela merecia maior atenção. Releia a reportagem e creio que, depois desta minha tranqüila observação profissional, você se lembrará da velha fábula de La Fontaine: se a reportagem tivesse sido escrita por repórteres femininos a história teria sido escrita, com muito mais razão, em torno de Piedade, ou, pelo menos, ela participaria da mesma também como heroína... Fica a sugestão. Mande uma mulher entrevistar Piedade. O público vai adorar o outro lado romântico da aventura da ilha. «Um Sonho Para Daqui há 8 Anos», com Sarita Andrade fazendo escola, é uma beleza de reportagem. Mais uma vez, meus parabéns, mesmo. (a) Genival Rabelo». N.R. — Nosso diretor, Roberto Drummond, pede que os leitores passem para o plural os elogios, feitos no singular, por Genival Rabelo: o êxito da nova **Alterosa** deve-se não apenas a um, mas aos vários integrantes de nossa equipe.

Ibraim Sued Goulart

A notícia, publicada na seção «Em Poucas Palavras», contando que o cronista Ibraim Sued aproximou-se do Presidente João Goulart através de seu cunhado, o líder sindical Fausto Drumond, «foi dada por pessoa de imaginação fértil» — garante o próprio Sr. Fausto Drumond, em carta mandada ao deputado José Aparecido, diretor-presidente de **Alterosa**, na qual diz ainda: 1 — «Ignoro ser o Sr. Ibraim Sued homem da copa e da cozinha do Presidente da República; 2 — «Sei apenas que não o sou: minhas relações, superficiais por sinal, com o Sr. João Goulart decorrem, apenas e tão somente, das atividades que exerci e exerço; 3 — «Se o Sr. Ibraim Sued é tão íntimo do Presidente, deve sê-lo por aproximação própria, ou de outros — que não eu — que teriam intenção de aproximá-los. 4 — «O fato de ser o Sr. Ibraim Sued meu cunhado não implica em que tenhamos — tanto eu como ele — de endossar e comungar, reciprocamente, as posições que assumimos ao tratar dos problemas nacionais. **Nota da redação:** O informante que deu a notícia para a seção «Em Poucas Palavras» era, até agora, digno de toda confiança.

Já o Sr. Waldo Coelho, de Almenara, que é um dos novos assinantes de **Alterosa** escreve para falar de seu entusiasmo pelas crônicas de Ivan Angelo a quem, segundo diz, não pode deixar de exaltar apesar de, por temperamento, achar «muito difícil o elogio». — Uma outra carinhosa observação — diz o Sr. Waldo Coelho — quero fazer à crônica «Morte Sem Lógica», de Carlos Wagner, que me fez recordar o Conde de Sanduiche. Ivan Angelo e Carlos Wagner agradecem. Uma boa notícia: a partir de outubro, Carlos Wagner voltará às crônicas de humor policial. Ainda sobre os dois cronistas, a Srta. Lourdes Pérsia, de Belo Horizonte, numa carta quase telegráfica: — «É uma alegria saber que as crônicas deles nos esperam em **Alterosa**».

De São Paulo, o Sr. Melchíades Cunha Júnior — Rua Dona Veridiana, 410, apt. 22, escreve pedindo duas assinaturas e dá o seu depoimento sobre a nova **Alterosa**: — «Como mineiro do Araxá, o prazer de ler esta nossa **Alterosa** tem uma motivação evidente, porém, a outra pessoa que faz a assinatura, é paulista, o que demonstra sua aceitação, independente de regionalismos. Aliás, todos os que têm lido os números que compro, são unânimes em elogiar a nova **Alterosa**. Um pouco de promoção por estas bandas seria muito bom, pois o jornalismo que os senhores estão fazendo é dos melhores e é mesmo um desperdício os leitores de bom gosto não ficarem conhecendo a **Alterosa** atual.

E com muito atraso — a carta tem a data de 10 de Julho — o Sr. Luiz Gonçalves, de Governador Valadares, sugere que **Alterosa** publique novamente a reportagem «Aqui Se Morre Como Passarinho», dos repórteres Dirceu Soares e Euler Cássia. — «Já li esse belo trabalho seis vezes». Apesar de o aumento do número de leitores de **Alterosa** ser muito grande — somente em Belo Horizonte, com os últimos dois números conquistamos mais dois mil leitores — seria cansativo, Sr. Luiz Gonçalves, voltar a publicar a reportagem que o senhor chama de «uma das dez mais da imprensa brasileira».

Aimorés, a personagem da reportagem «Esta Cidade Dorme Cedo Para Não Morrer» (**Alterosa**, Julho) de Dirceu Soares e Euler Cássia, está cansada de ser má e sonha trocar o noticiário policial, onde chegou pelas mãos de seus pistoleiros, pelas colunas sociais que nunca publicaram seu nome: ela comemora este mês 48 anos, idade em que já se quer paz. Quem revela as novas intenções de Aimorés, em carta enviada à nossa redação, é o Sr. Jaime Corrêa de Barros, chefe do gabinete do Prefeito Secundino Cipriano da Silva, o famoso Coronel Bimbim. — «Será uma oportunidade — diz o Sr. Jaime Corrêa — de mostrarmos o lado bom de Aimorés que, infelizmente, só tem sido manchete do noticiário policial». Em nome do Coronel Bimbim, o Sr. Jaime Corrêa faz dois pedidos. Podemos atender o primeiro: dizer que Aimorés ficará muito feliz se receber, dia 18, muitos visitantes. O segundo, que é mandar dois repórteres para «dar cobertura às festividades», lamentamos não atender: no dia da festa já estão previstas outras viagens. PS — Em tempo: se alguém quiser conhecer Aimorés, passando por Belo Horizonte, poderá fazê-lo de avião, trem ou ônibus via Governador Valadares. A passagem fica em Cr\$ 7 mil e 500 (aérea) ou em Cr\$ 2 mil e 730 (trem e ônibus).



Um flêrte rápido, que durou apenas alguns segundos, no quarto de um hospital de Boston, há 18 anos, entre uma loura de óculos e um jovem veterano de guerra, o Tenente John Kennedy, namorado da outra que aparece à esquerda, transformou em inimigas secretas estas duas ex-amigas íntimas. Mas a passagem dos anos, que as separou pelo Atlântico, em vez de esfriar a rivalidade entre ambas, aumentou—ainda mais—e hoje, depois que uma se tornou princesa e a outra ganhou o título de Primeira Dama, elas continuam em estado de guerra (fria) pelo primeiro pôsto da elegância e da popularidade. Um equilíbrio de fôrças, parecido com o que existe entre as potências atômicas, não permite prever quem ganhará a disputa: os últimos telegramas enviados diretamente do “front”, informam que Grace, a Princesa, está vencendo a batalha da moda, mas Jackie, a Primeira Dama, é a mais popular desde que fêz um filme exibido em 105 países e traduzido para 29 línguas.



Reportagem de Robert Tristan,
da Agência Dalmas, especial para Alterosa

GRACE E JACKIE VÃO À GUERRA





O prestígio europeu da Princesa está em ascensão: segundo os colunistas sociais a «moda Grace Kelly» passou à frente da «moda Jackie». Mas a rivalidade continua cada vez mais forte.

Em Plena Luta, Um Dilema: Qual A Mais Elegante?

A disputa pelo título de mais elegante, que Jacqueline Kennedy e a Princesa Grace travam nos salões iluminados da Casa Branca e do Palácio Grimaldi, e que às vezes se transfere, como nestas fotos, para as recepções oficiais em Paris, desdobrou-se em uma nova frente de conflito: elas passaram a encarnar, também, o papel de adversárias na eterna oposição entre louras e morenas.

Em companhia do Presidente Kennedy, por ocasião de sua visita oficial à França, Jackie exibiu em Paris, no Palácio de Champs-Élysées, um casaco de seda pura sobre um modelo de Oleg Cassini, seu ex-figurinista, com a blusa trabalhada em brocado. Pouco tempo depois, chegou a vez de Grace: quando os Rainiers foram recepcionados pelo governo francês, a Princesa transformou o Palácio em passarela, provocando o seu confronto com a Primeira Dama norte-americana. Mas diante das duas os entendidos não souberam ao certo qual delas merecia o primeiro posto: Grace foi à recepção com um vaporoso vestido enfeitado com pedrarias e um colar de brilhantes.

Embora Jacqueline Kennedy tenha conquistado um prestígio fora do comum na área da moda (seu famoso guarda-roupa, agora entregue ao costureiro Bill Blass, vale muitos milhares de dólares), a imprensa européia acha que o tempo está favorecendo Grace: o jornal londrino «Daily Express» predisse, no fim do ano passado, a supremacia da Princesa, afirmando que a «moda Jackie» se achava próxima do fim, enquanto a «moda Grace» começava a se impor. Por enquanto, porém, não se pode prever quem ganhará: elas ainda mantêm o equilíbrio do contraste. Jacqueline prefere um estilo ousado, sem ser extravagante, e Grace Kelly adota a linha clássica.



Os salões de Champs
Elisées assistiram pela
primeira vez a um
concurso inédito na
história da França: diante
do Presidente De Gaulle,
Jackie Kennedy e Grace
Kelly desfilaram sua
elegância.



O Ciúme Por Kennedy Acabou, Mas A Batalha Continua

A guerra fria entre Jackie e Grace, que começou, em 1945, no quarto de um hospital de Boston, quando elas eram apenas a jornalista Jacqueline Bouvier e a jovem rica Grace Kelly, ganhou dois quartéis-generais depois que ambas se tornaram a Primeira-Dama dos Estados Unidos e a Princesa de Mônaco: embora separadas pelo Atlântico, as duas adversárias continuam, uma na Casa Branca e a outra no Palácio Grimaldi, uma disputa de 18 anos que, no início, era apenas por um homem chamado Kennedy — mas agora se estendeu à moda, aos acontecimentos sociais e ao prestígio de cada uma delas. As colunistas mais bem informadas da imprensa norte-americana asseguram que Jackie Kennedy tem ciúmes da Princesa Grace, e que este é o móvel de toda a rivalidade entre as duas: tudo teve início logo após a guerra, quando Kennedy, então apenas o namorado de Jacqueline, esteve internado vários meses no hospital, em Boston, em consequência de um desvio da espinha dorsal. Sua garôta, Jackie, achou que o melhor tratamento seria a distração: por isso, passava o dia inteiro lendo romances em voz alta, contando piadas e jogando cartas com ele. Depois de um certo tempo, ela se cansou e pediu a ajuda de sua melhor amiga, Grace Kelly. As duas foram para o hospital na ocasião em que Kennedy estava na fase de maior sofrimento. Com o coração batendo, Grace abriu a porta do quarto, mas o doente, sem vê-la, reclamou dizendo que preferia ficar sozinho para sofrer em paz. Grace, então, fez uma careta e afirmou, com voz doce: — «Eu sou a nova enfermeira da noite». Kennedy, surpreso, começou a rir — e eles trocaram, então, o primeiro olhar. A publicação, muitos anos mais tarde, de um livro de fotografias indiscretas de personalidades importantes aumentou os rumores da paixão da princesa por Kennedy. Havia no livro uma foto de Grace flertando com o Presidente, com esta legenda: «E eu tive que casar com um príncipe».

Mas a disputa da popularidade é o principal «front» da guerra fria entre a Princesa e a Primeira-Dama: para começar, Jackie não se conforma em ser uma pessoa comum, enquanto sua ex-amiga íntima Grace, descendente de uma família humilde que enriqueceu e ganhou posição social, é hoje a mulher com mais títulos no mundo — duas vezes princesa, três vezes duquesa e seis vezes marquesa. Há alguns anos, Jackie procurava imitar ou ultrapassar os métodos usados pela Princesa de Mônaco para ganhar publicidade. Mas depois de tudo isso continuou sendo apenas uma plebéia. A Primeira-Dama americana fez recentemente um filme para a televisão, na Casa Branca, no qual ela aparece como uma mulher ultra-refinada e elegante, muito culta e familiarizada com a arte. Pouco depois, Grace apareceu em um filme quase idêntico, realizado em Mônaco, e a imprensa disse que ela copiou a idéia de Jackie.

Quando a Sra. Kennedy foi passar as férias em Mônaco, os jornalistas a fotografaram cercada de meninos.



No começo, a rivalidade entre Grace e Jackie era só por Kennedy, mas agora elas estão lutando em todos os terrenos, embora o Presidente e o Príncipe não participem da guerra-fria.





Imediatamente, Grace achou uma idéia melhor: convidou 40 meninos argelinos para passar as férias em Mônaco. E foi além na sua promoção: visitou as casas dos súditos monegascos e apareceu na imprensa conversando com as donas-de-casa. Isto, certamente, aborreceu Jacqueline.

Os jornais norte-americanos e europeus estimularam sempre as paradas de elegância entre Jackie e Grace: nas grandes reuniões sociais do alto mundo de Washington, Nova Iorque e Paris, cada uma tenta vencer a outra no primeiro pôsto da moda, diante do julgamento da opinião pública e dos colunistas sociais.

Embora as duas damas pareçam ter idéias parecidas quanto à decoração de suas casas, alguém já observou que até nos mínimos detalhes elas estão em guerra fria: quando chegou à Casa Branca, a Jacqueline Kennedy trocou todas as flores artificiais por flores naturais. Meses depois, Grace fez o mesmo.

As viagens são outro «front» da rivalidade. A Princesa de Mônaco realizou visitas oficiais à França, Irlanda, Itália, Suíça e Vaticano. Mas ainda assim está «perdendo» para Jackie, que foi à Grécia, ao Paquistão, à Índia, ao México, ao Canadá e a alguns países latino-americanos.

Mas nem todas essas diferenças surgem sem a participação do público. Recentemente, foram lançadas no mercado americano bonecas gêmeas imitando Jackie e Grace. A Primeira Dama dos Estados Unidos ficou furiosa e provocou um protesto oficial do Departamento de Estado. Resultado: as bonecas «Jackie» foram retiradas do comércio e substituídas por outras parecidas com Gina Lollobrigida.

Quando comparecem às recepções da alta sociedade norte-americana e européia, com toda certeza uma está pensando na vitória sobre a outra, quando os jornais do mundo inteiro publicarem, na manhã seguinte, as suas fotos na primeira página exibindo um modelo de Oleg Cassini ou de Christian Dior. E' assim que Jackie deve ter sentido inveja de Grace quando os Rainiers aceitaram o convite de Elza Maxwell para o baile do Hotel Paris: o Príncipe estava elegantíssimo e a Princesa usava um chapéu de palha sobre os cabelos louros que batiam no ombro. A Primeira Dama americana soube, então, pelas colunas sociais, que às cinco horas da madrugada, no fim da festa, Sua Alteza «pôs o maiô e nadou como um peixe», em companhia do marido.

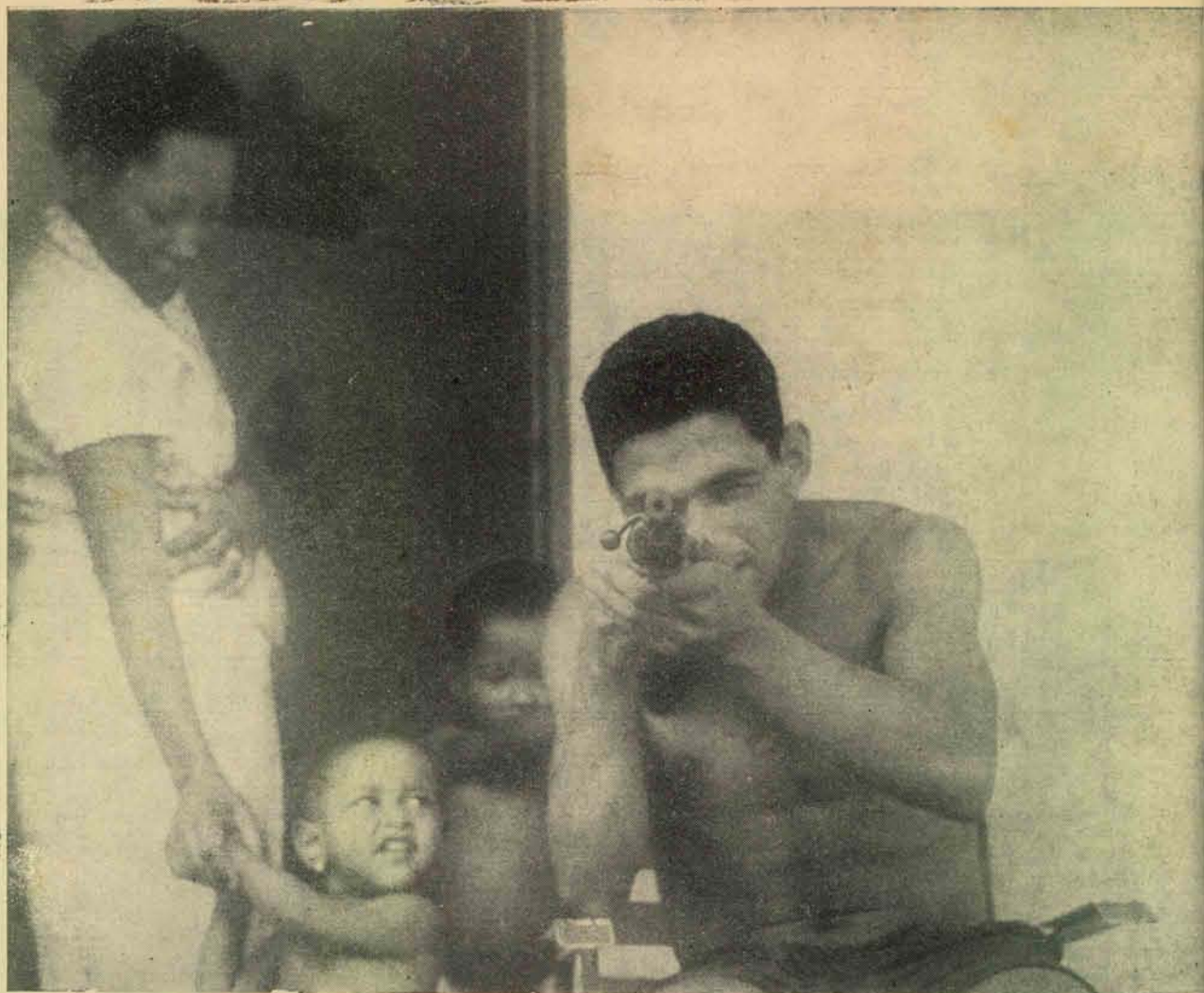
O cinema, que fez a glória de Grace Kelly, já não é mistério para Jacqueline, que fez um filme intitulado «Jackie Kennedy's Asian Journey» (O Passeio Asiático de Jacqueline Kennedy), para o USIS, exibido em 105 países, com versões para 29 línguas. Talvez não demore muito, e Grace fará um novo filme, mesmo sem deixar a coroa de princesa, para ganhar outra vez a parada da tela. E então o equilíbrio de forças estará restabelecido.

ÊSTE HOMEM ESTÁ PROIBIDO DE SER ÊLE MESMO

Três interrogações feitas de suspense, perseguem o cidadão Manuel Francisco dos Santos, o ex-homem tranqüilo que, agora, tenta driblar a imagem que 70 milhões de pessoas idealizaram para ocupar o seu eu verdadeiro. A primeira: êle tem o direito de descobrir o seu segundo amor? A segunda: o joelho pode, de uma hora para outra, decretar seu adeus ao futebol? A terceira: o público permitirá que êle não tenha mais a alma de passarinho? Enquanto espera as respostas, Garrincha vive a indecisão de quem descobriu que sua vida, não apenas dentro do campo, já não lhe pertence: é propriedade de todos os brasileiros. Isso acontece porque Manuel Francisco dos Santos, da mesma forma que Marilyn Monroe, é um mito. Entre os mêdos de Garrincha, o maior é o de que a torcida que descobriu a alegria em suas pernas tortas, não o aceite como êle é — um homem simples como os outros — e o persiga: então êle será um homem mais triste que os outros.







A Imagem Idealizada Do Homem Simples E Feliz

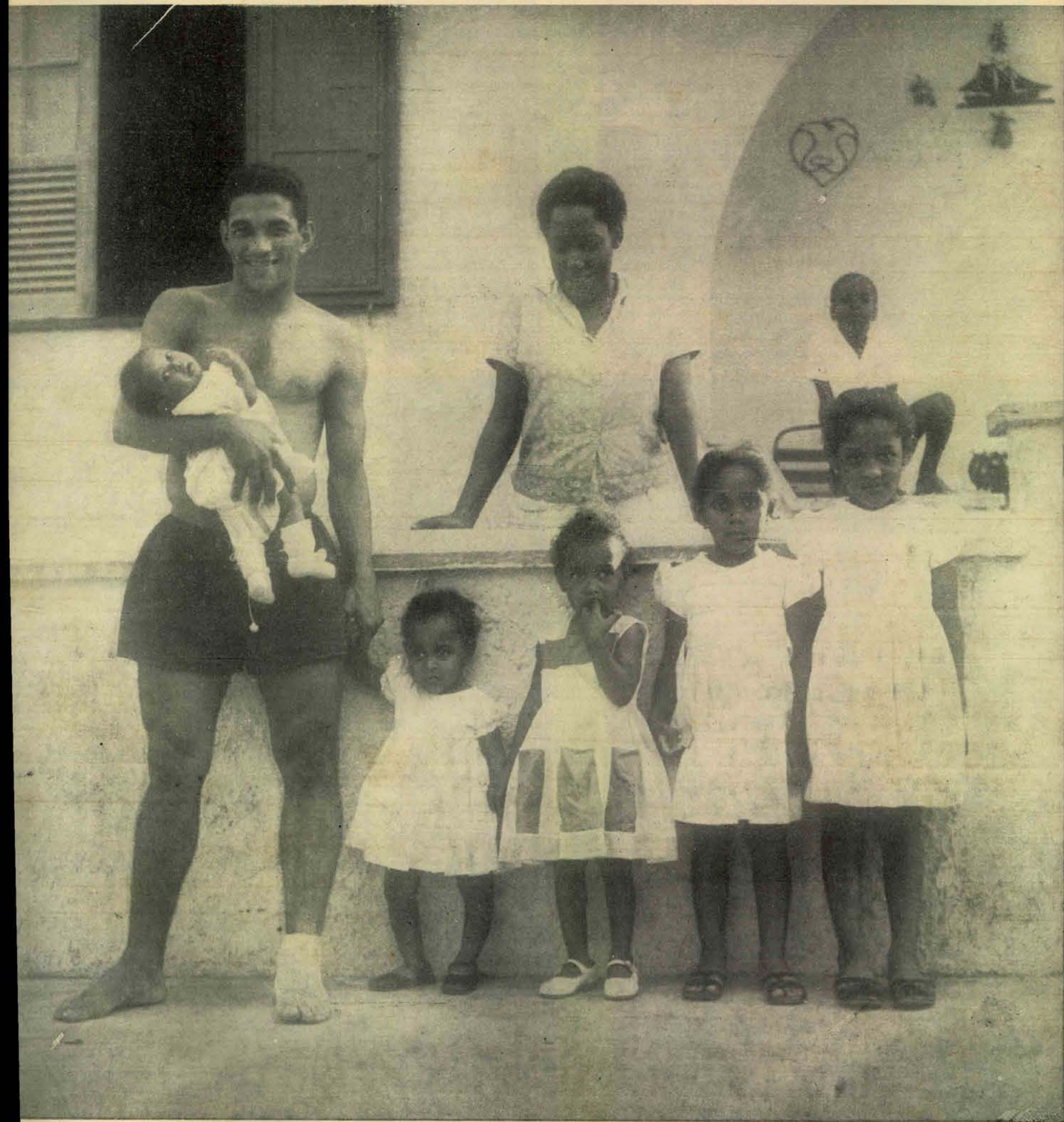
É assim, brincando de mocinho com as filhas ou aparecendo, ao lado de Dona Nair, carregando uma das meninas, que os brasileiros acostumaram a ver (e amar) o cidadão Manuel Francisco dos Santos. — «Olha só a perna da garrinchinha: é torta com a do Garrincha» — e assim todos penetravam na intimidade do moço que o Exército Nacional recusou por incapacidade física, vivendo com ele um drama pessoal: o de não ter um herdeiro para seu futebol. Sempre que Dona Nair esperava criança setenta milhões de pessoas torciam para que nascesse o menino dos sonhos de Garrincha. Mais que seus marcadores, cento e quarenta milhões de olhos seguiam seus passos, só que não permitiam que ele desse um drible errado. Por isso ninguém o perdoa por reviver, com outra, estas mesmas cenas: ele de calção, perto dela numa casa da Ilha do Governador. Sômente uma pessoa — o cronista José Carlos de Oliveira — teve coragem de defender, públicamente, a infidelidade de Garrincha. Dois fatos: na TV Rio, durante o programa da cantora Elza Soares, o produtor Carlos Alberto fez a câmara surpreender Garrincha num dos cantos do estúdio. Cinco minutos depois foi preciso desligar todos os telefones: os telespectadores protestavam contra a presença de Garrincha e Elza Soares juntos. Jôgo Botafogo versus Campo Grande: descoberto nas arquibancadas como um torcedor comum, Garrincha teve que abandonar o estádio fugindo das cascas de laranja e das alusões a seu romance. A cantora Elza Soares espera um filho, mas agora ninguém torce para que seja homem. Enquanto isso o samba do cantor «Noite Ilustrada», que diz «volta pra casa, abraça as crianças e pede perdão» continua a ser uma das músicas mais ouvidas.

Entre os que trocaram de amor, Garrincha não é o primeiro. Mas de seu futebol feliz nasceu, não apenas a esperança de gols e sorrisos, mas a imagem do homem simples, do marido fiel. A imagem idealizada do cidadão Manuel Francisco dos Santos começou, há dez anos, com uma pergunta: como um homem de perna torta, que nem serviu para o Exército, consegue jogar futebol tão bem? Em mais de 3 mil e 600 dias, o nome de Garrincha veio ocupando as pá-

ginas de esporte e os programas de rádio, mas nunca ninguém conseguiu explicar o fenômeno Garrincha.

Para o comentarista de televisão José Maria Scassa «Garrincha a gente não explica». Armando Nogueira chama-o, ainda hoje, de a «própria negação do drible». Cabe a Nilton Santos, o primeiro João da história de Manoel Francisco dos Santos como craque profissional dizer que «só com um revólver é possível alguém marcar o Mané». E João Saldanha, quando técnico do Botafogo, instruía todos, menos Garrincha, dizendo-lhe apenas: — «Joga o jôgo, Mané». Depois da Suécia, dois moços se transformaram nos grandes ídolos nacionais: um, quase menino, era Edson Arantes do Nascimento. Ganhou aquela ternura que se dá às crianças: era o menino Pelé. O outro, era Garrincha, o ingênuo, o da alma de passarinho. Os brasileiros precisavam de heróis que lhes permitissem sonhar, sem dormir — e sem saber porque Garrincha se transformou em mito. Por seu futebol e por sua vida: ao contrário de Pelé, era o pai de cinco meninas, sonhando com um filho; era o homem simples, casado com uma mulher comum, que não quis trocar a cidade pequena pelas tentações da grande cidade; era o amigo dos passarinhos, o homem com alma de amorador que, sem nenhuma vaidade, vestia a camisa sem glórias do Pau Grande Futebol Clube formando a linha com seus amigos Swing e Pincel; era ainda a pessoa misteriosa que foi aos armazéns de Pau Grande e pagou tôdas as dívidas de seus ex-colegas de trabalho na América Fabril. Diante dos olhos sonhadores dos brasileiros, Manoel Francisco dos Santos, era também o símbolo dos homens que não dão importância ao dinheiro e o jogador que, sozinho, destruíra os defesas inimigas para que outros — quase nunca ele mesmo — marcassem os gols. Pelé foi aceito pelo Exército Nacional, e seu futebol, que ganhou em Coutinho o parceiro ideal, dava, como ainda hoje, emoção: nunca aquela vontade de rir como num filme de Chaplin ou a sensação de desmoralizar o adversário. O grande herói nacional ficou sendo o moço de perna torta que Vasco e Fluminense recusaram sem supor que diziam não ao maior ponta direita do mundo.

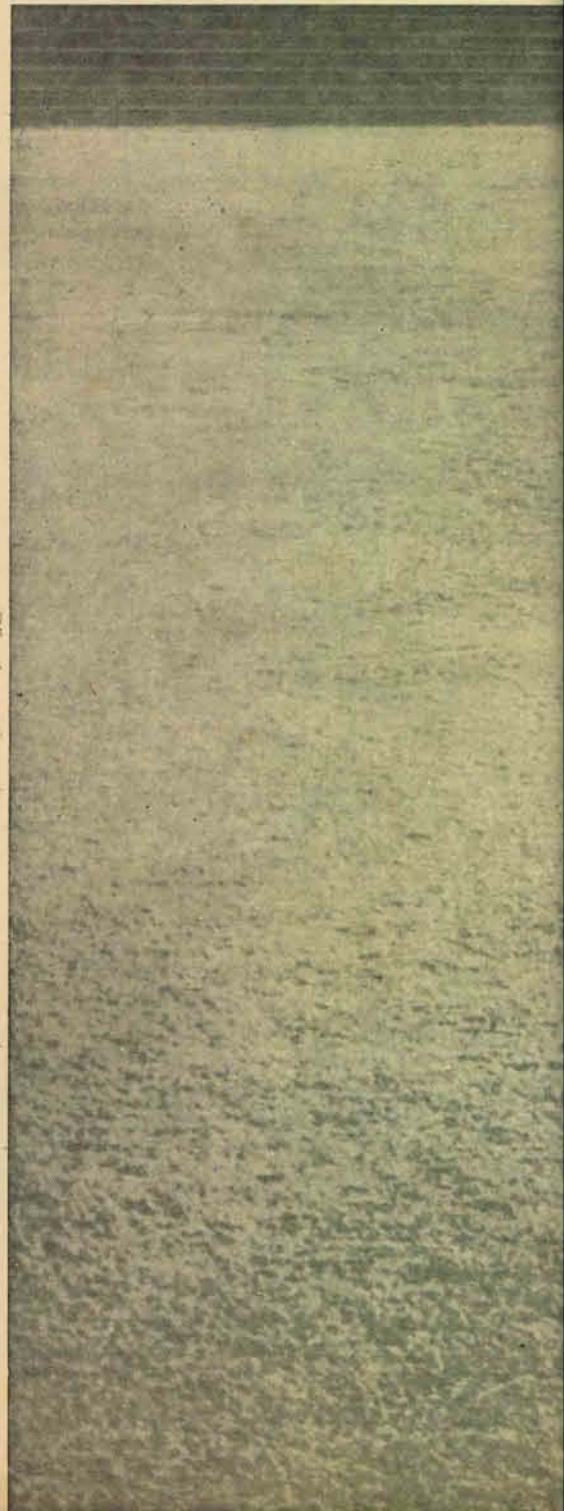
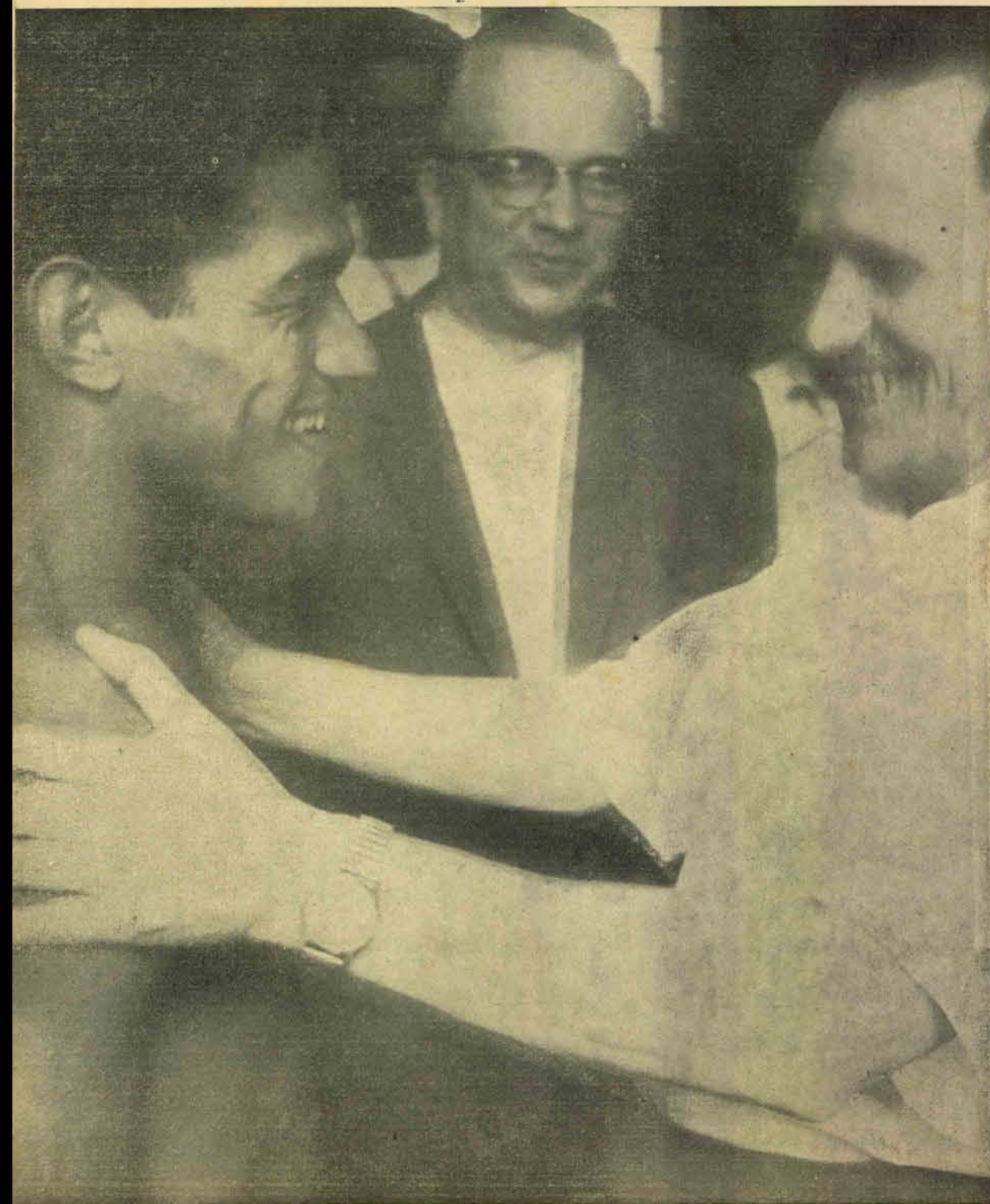
Uma lembrança do
passado: Garrincha
carregando uma
filha, ao lado de Dona
Nair e das
garrinchinhas. Nessa
época ele era,
ainda, o exemplo do
bom marido.



Quando O Jogador Não Pode Errar O Drible

As histórias de Garrincha passaram a ocupar nas revistas, jornais, rádios e tevês, um espaço muito maior que o dado ao Presidente da República. Falavam, de início, no craque que quase permanecia desconhecido: no Vasco, quando já era casado e tinha uma menina, Garrincha chegou a vestir a camisa, mas não chegou sequer a treinar. Não lhe deram importância e ele voltou ao Pau Grande Futebol Clube. Meses depois, tentou o Fluminense, onde treinou meio tempo e ouviu esta frase (que quer dizer: você não serve): — «volte na semana que vem». Manuel Francisco dos Santos já estava decidido a continuar operário da América Fabril quando o jogador Arati, lateral direito botafoguense, foi apitar um jogo em Pau Grande e descobriu Garrincha, levand-o para o Botafogo. Voltavam a contar o treino de Garrincha: Nilton Santos marcava os pontas-direitas em experiência com um grito — «oi!» que os levava a deixar a bola. Ao gritar com Garrincha ficou surpreso: além de não se assustar, matou a bola, esperou com um ar de desafio e passou-a debaixo das pernas de Nilton Santos. E então, ninguém conseguia mais saber o que era verdade ou ficção sobre Garrincha: a história de seus marcadores, que sempre chama de João — porque João era o nome do lateral esquerdo que o marcava em Pau Grande — mostrava o Garrincha ingênuo. Aquêlê Gar-

rincha que se referia a Roma como a cidade em que seu Zezé Moreira caiu da escada do avião». O Garrincha que, um dia, telefonou para o ex-técnico do Botafogo Paulo Amaral falando que não podia treinar e explicando porque: — «Meu pai morreu hoje». A imagem do Garrincha herói, para quem jogar contra o Canto do Rio ou o escrete da URSS era a mesma coisa, surgia nas declarações tranqüilas do craque. E o homem simples aparecia no prazer de tomar o subúrbio para Pau Grande só para poder pular do trem, em movimento numa curva — como uma criança qualquer. Ou na tranqüilidade com que caçava (nunca matava passarinhos) ou pescava, esquecido da fama e da opinião do técnico Sepp Herberger, treinador da Alemanha campeã de 54, que o considerava o maior jogador de toda história do futebol. A sua vida em família, o carinho pelas filhas e aquêlê jeito de pai bom e brincalhão, vieram somar-se ao resto para transformar Garrincha no homem ideal — aquilo que muitos sonhavam ser (sem conseguir). Aquela espécie de homem que muitas mulheres gostariam de ter como marido. Entre 10 pessoas, pelo menos 9 consideravam dona Nair uma mulher feia e é por isso que a fidelidade de Garrincha era mais reconhecida e exaltada. Do Chile, onde teve a responsabilidade de ser não apenas o Garrincha — mas o Garrincha e o substitui-



to de Sua Majestade, Edson Arantes do Nascimento — Manuel Francisco dos Santos voltou ainda mais cheio de glórias. Era o mito: novas histórias, falsas e verdadeiras. A de sua paixão pela cantora devia ser falsa, coisa de repórteres imaginosos, sensacionalismo de alguns jornais. O Garrincha nunca ia fazer uma coisa dessas. Quando o romance foi se tornando ostensivo, verdadeiro, ainda havia um consolo: — «Essa cantora quer fama às custas do Garrincha». Ou então: — «Ele dribla a Elza Soares rápido, rápido». O romance evoluiu e veio o pedido de desquite: mas Garrincha estava proibido de errar (ou amar a outra).

Não se podia, mais, culpar apenas a cantora. O que houve com o Garrincha, ele não podia agir assim? A condenação é de quase 70 milhões de pessoas, que não podem imaginar o homem da alma de passarinho assim, apaixonado, destruindo a imagem do pássaro Garrincha. Por que tudo acontece? O Garrincha que todos imaginavam nunca existiu, porque nasceu da imaginação e das notícias de uma imprensa que só podia contar as coisas boas do moço que nunca — a não ser no Chile — revidou os chutes, sem bola, de seus marcadores. (Até o 1º Ministro brasileiro telegrafou para a FIFA exigindo, no furor nacional, que Manuel Francisco dos Santos não fôsse suspenso. Houve reação violenta contra o juiz, no Brasil). Garrincha era o mito, o que, se-

gundo o «Dicionário Caldas Aulete» quer dizer: «coisa que não tem existência real; pessoa ou coisa incompreensível; enigma». O cidadão Manuel Francisco Santos ganhou um lugar ao lado de Marilyn Monroe, que também não existiu, do jeito que foi imaginada: tanto que preferiu dar adeus a um mundo que a amava. Garrincha, que não tem culpa de ter sido idealizado pelo povo, começou a aparecer como é — um homem como outro qualquer, sujeito a erros — pelo romance com a cantora Elza Soares. Os jornais e revistas sérios, só há pouco tempo decidiram tratar do assunto, que ficou bastante tempo restrito à «Luta Democrática», jornal de escândalo do deputado Tenório Cavalcanti. Depois do romance, veio sua briga com o Botafogo e o sonho com a Itália: Garrincha, pela primeira vez foi mostrado como um homem que, sabendo em que mundo vive, dá importância ao dinheiro. Até aí, Garrincha nunca reivindicara, chegando ao ponto de, pelo silêncio, ganhar muito menos que Amarildo: feriu a imagem do Garrincha que guardara dólares debaixo da cama — e descobriu, espantado, que eles valorizaram muito. De vez em quando, o Garrincha verdadeiro que queria ir para a Itália por ter sete filhas e querer ganhar o que seu futebol merece, reaparecia, no noticiário dos jornais, que contavam de sua vontade de morar fora de Roma, «num lugar assim como Pau Grande». Ninguém nunca imaginara

que ele fôsse querer deixar o Botafogo e suas peladas no Pau Grande. Aproveitando o momento de desprestígio do jogador, o ex-técnico João Saldanha começou a publicar crônicas sobre o outro lado do futebol: o que as notícias não contam. O principal personagem é quase sempre Garrincha, não o Garrincha ingênuo de antes, mas o jogador sabido que até noiva arranjava durante as excursões.

Garrincha esteve parado durante mais de dois meses: o romance e o joelho obrigaram-no a fazer uma pausa na carreira. Reapareceu no jogo contra o Santos e, mesmo não conseguindo salvar o Botafogo da goleada, revelou que pode ainda voltar a ser o maior ponta-direita do mundo. Resta saber uma coisa: se voltar a jogar futebol como antes o mito reaparecerá com toda a sua força? Tudo indica que não: o homem com calma de passarinho, ingênuo e feliz, é uma imagem que ninguém aceita mais. Também a imagem do jogador que tinha tanto prazer em vestir a camisa do Botafogo ou da seleção brasileira como a do Pau Grande Futebol Clube morreu. E ele não é mais o exemplo do bom marido ou do pai angustiado pela falta do herdeiro. Garrincha nunca mais alegrará a torcida como antes porque nos momentos de alegria alguém se lembrará com amargura que ele um dia deu um drible errado. E um mito não pode errar nunca.



CEM MILHÕES VOS CONTEMPLAM DA PAREDE

Cem milhões de cruzeiros em quadros de pintores brasileiros estão pendurados nas paredes das casas dos colecionadores de Belo Horizonte: para cultivar o seu "hobby", que lhes dá o prestígio de ter o nome impresso nos catálogos, e a segurança de um investimento em valorização, eles não se importam em assinar um cheque em branco só pelo prazer de ter na sala um Guignard, um Di Cavalcanti ou um Portinari. E muitos chegam a transformar suas casas numa galeria de arte, como o Deputado Paulo Pinheiro Chagas, que comprou uma coleção inteira por Cr\$ 500 mil que vale hoje mais de Cr\$ 20 milhões.



«Natureza Morta», a experiência cubista de Guignard, da coleção Santiago Americano Freire. Vale Cr\$ 2 milhões.
À dir., uma mulata de Di Cavalcanti, da coleção Francisco Longo. Valor: Cr\$ 1,5 milhão.





«São Pedro e o galo»,
de Portinari, da
coleção Gilberto
Faria, valendo
Cr\$ 2,5 milhões. É
um dos mais
caros de Minas.

Reportagem de Hilton Ferreira
Fotos de Pepito Carrera

O Mar De Pancetti E Os Santos De Marcier Valem Uma Fortuna

Um quadro de Portinari, que ficou exposto por muitos dias na Avenida Afonso Pena, em Belo Horizonte, há alguns anos, à espera de quem quisesse comprá-lo pelo preço de Cr\$ 50 mil, é considerado hoje uma das melhores obras pertencentes a colecionadores mineiros: embora todos o achassem muito caro, o banqueiro Gilberto Faria o arrematou e hoje ele vale Cr\$ 2,5 milhões. O quadro, que se chama «São Pedro e o Galo», pertence à fase religiosa da obra de Portinari, em uma tentativa de ligação com o elemento social: São Pedro tem o rosto de um camponês, de mãos grandes e musculosas. Da fase dos retirantes, um dos poucos quadros fora de museus é «Môça com baú», do colecionador Paulo Pinheiro Chagas, pintado em 1940 e que vale Cr\$ 3 milhões. Também de Portinari é a tela «Cabeça», resultado de um período de transição, marcando o brasileiro que iria, mais tarde, caracterizar a linha de toda a sua produção. Seu valor Cr\$ 2,5 milhões.

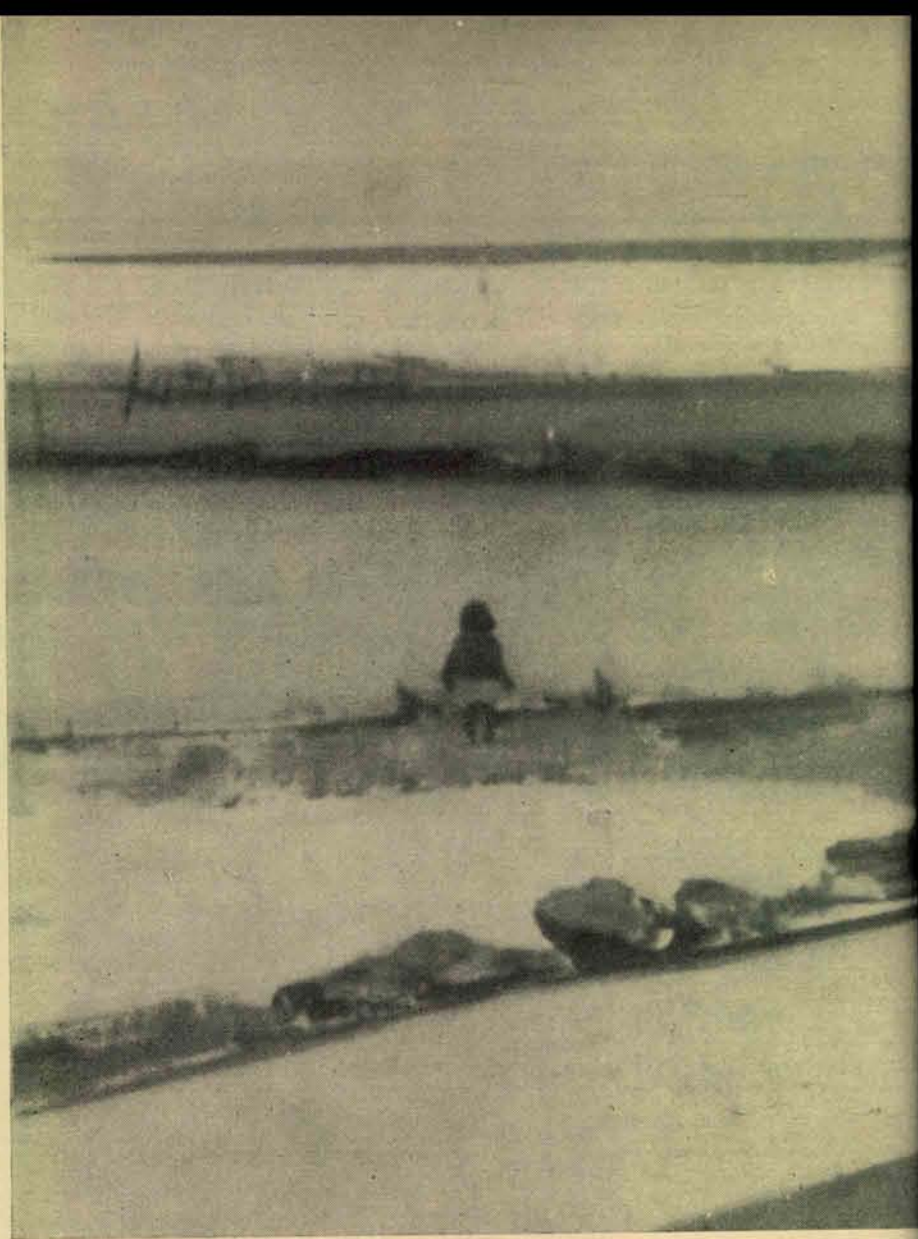
Depois de Portinari, o mais caro dos pintores brasileiros é Guignard: entre as suas obras estão o «Vaso de Flores» (Cr\$ 1,5 milhão) e «Flores» (Cr\$ 1 milhão), ambos do Sr. Paulo Pinheiro Chagas. São dois temas líricos que, entretanto, não agradavam muito ao pintor, pois ele preferia fazer paisagens e retratos. Embora considerado uma das piores criações de Guignard,

o quadro «Natureza Morta», de Guignard (coleção Santiago Americano Freire) já chegou à cotação de Cr\$ 2 milhões, porque representa uma de suas duas únicas incursões pelo cubismo, em 1927 e 1952.

Os quadros do pintor Emeric Marcier, considerado o maior pintor sacro da atualidade, no Brasil, estão em muitas coleções mineiras e, apesar de pertencerem a um artista vivo, valem Cr\$ 500 mil e conseguem, nas exposições, uma coisa rara: agradam ao público. Sua obra-prima é «Ceia» (1961), do colecionador Celso Melo de Azevedo, na qual, como em todas as outras «Ceias», ele fez seu auto-retrato como Judas Iscariotes.

Em 1960, Marcier pintou «Cristo Sendo Crucificado», para o colecionador Adriano Vaz de Carvalho. Nessa tela, os membros alongados de Cristo, seus dedos compridos e outros detalhes levam o pintor a aproximar-se muito de Jeronimus Bosch, um pintor flamengo do século 13. Os «marchands» afirmam que a posse de um Marcier é um investimento para o futuro, porque seus quadros chegarão ao teto dos Portinari, quando ele morrer.

Entre os pintores vivos, as melhores cotações pertencem a Di Cavalcanti, do qual há três «Mulatas» em Belo Horizonte: uma de Paulo Pinheiro Chagas, outra de



Marinha de Pancetti,
pertencente ao
Sr. Edvard Nogueira
Filho. Ela vale
Cr\$ 1 milhão.



«Cristo Sendo
Crucificado», de
Marcier, da coleção
Adriano Vaz de
Carvalho, no valor de
Cr\$ 500 mil. Em
baixo: «Ciclistas» de
Milton Dacosta,
da coleção Napoleão
de Andrade. Valor:
Cr\$ 600 mil.

Francisco Longo e outra de Sílvio de Vasconcelos, tôdas valendo Cr\$ 1,5 milhão cada.

As marinhas de Pancetti também estão nas coleções mineiras. Uma delas, a do colecionador Edvard Nogueira Filho, foi o quadro de maior sucesso numa exposição coletiva realizada na Reitoria da Universidade de Minas Gerais. Pancetti mostra um menino de costas, a praia, o mar e o céu, empregando apenas três cores, como se fossem manchas espalhadas sobre a tela, sem pretensão alguma. Ela vale Cr\$ 1 milhão. Há uma outra marinha, de propriedade do Sr. Francisco Longo, com o nome de sua grande paixão, Estela, escrito atrás.

Milton Dacosta, dos novos, é muito disputado em Minas entre os colecionadores: sua pintura cubista, em transição para o abstracionismo, atingiu a cotação de Cr\$ 600 mil por um quadro, embora ele tenha apenas 40 anos de idade. Suas obras estão em poder dos Srs. João Napoleão de Andrade («Ciclistas») e Adriano Carvalho («A Figura de Menino»). Muito influenciado pela temática mineira, porque passa dois meses por ano em Ouro Preto, o pintor Carlos Scliar é o que mais vende no Brasil, e sua cotação oscila entre Cr\$ 300 e Cr\$ 500 mil, que é o preço do quadro «Natureza Morta», da coleção do sr. Geraldo Andrade.

FIorentina, A DOCE VIDA DO CINEMA

Nas mesas dêste bar, que lembra as "trattorias" romanas da Via Veneto, os artistas do cinema brasileiro procuram, em um ambiente de "doce vida", o amor real que, horas antes, êles apenas fingiam viver sob a luz dos holofotes dos estúdios: enquanto alguns, como o casal John Herbert-Eva Vilma, já encontraram a sua felicidade, os produtores discutem bebendo chope e uísque sôbre a calçada, os milhões que vão financiar seus filmes e Odete Lara, Stanislaw Ponte Preta, Dias Gomes e outras estrêlas assinam seus nomes na parede diante dos fãs que vão, tôdas as noites, ao "La Fiorentina", na Avenida Atlântica, conhecê-los de perto.



Reportagem Fotográfica De
Armando Rozário

Nélson Pereira dos Santos, o diretor de «Vidas Secas», e seus companheiros de cinema, também estão sempre no bar mais famoso de Copacabana.



Sérgio Pôrto (Stanislaw Ponte Preta) é um dos freqüentadores mais conhecidos: êle sai da televisão, depois do trabalho, e vai sempre reunir-se com os amigos para tomar o uísque do «Fiorentina».



Odete Lara está tôdas as noites no «La Fiorentina», em companhia da equipe americana que produziu o filme «Pão de Açúcar».

Aqui Todos Vivem O Seu Próprio Papel



O «La Fiorentina» fica no Leme, Pôsto Um, de frente para o mar: é um restaurante como qualquer outro da Avenida Atlântica, mas a diferença está no nome das pessoas que o freqüentam. Em uma mesa, o cineasta Nélson Pereira dos Santos conversa com um grupo de amigos sôbre «Vidas Sêcas», seu último filme, enquanto, ao lado, Sílvia Hoffman, a proprietária, anuncia que já está fazendo sua fantasia para ganhar, outra vez, o primeiro prêmio no baile do Municipal, em 64. Eles vão chegando aos poucos: Jece Valadão, o «Bôca de Ouro», surge junto com Dias Gomes, o autor de «O Pagador de Promessas», e de atôres do filme «O Assalto ao Trem-Pagador». Em outra mesa, está reunida a turma da TV-Rio, que tem um encontro marcado tôdas as noites, depois do trabalho, no «Fiorentina». A beleza de Odete Lara, na calçada da Avenida, pára os que a reconhecem por «Mulheres e Milhões» e «Bôca de Ouro»: ela está em companhia dos produtores norte-americanos do seu nôvo filme, «Pão de Açúcar». Mas há, também, os fãs anônimos, que aparecem no bar para conhecer os cartazes da televisão e do cinema, na intimidade da sua «doce vida», e ter, por sorte, a glória de sentar-se, por alguns instantes, na mesa de Stanislaw Ponte Preta ou de Eva Vilma.



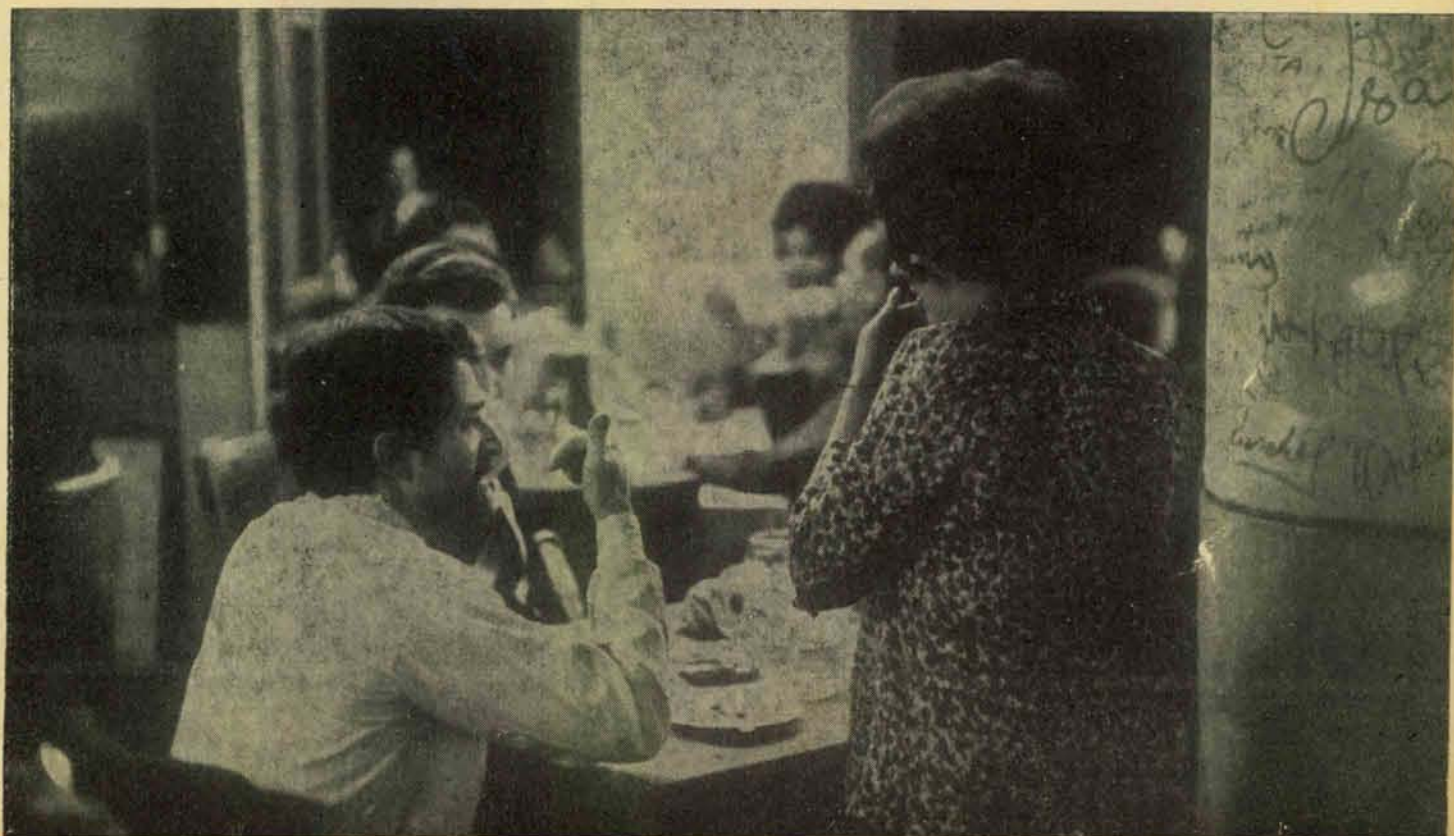


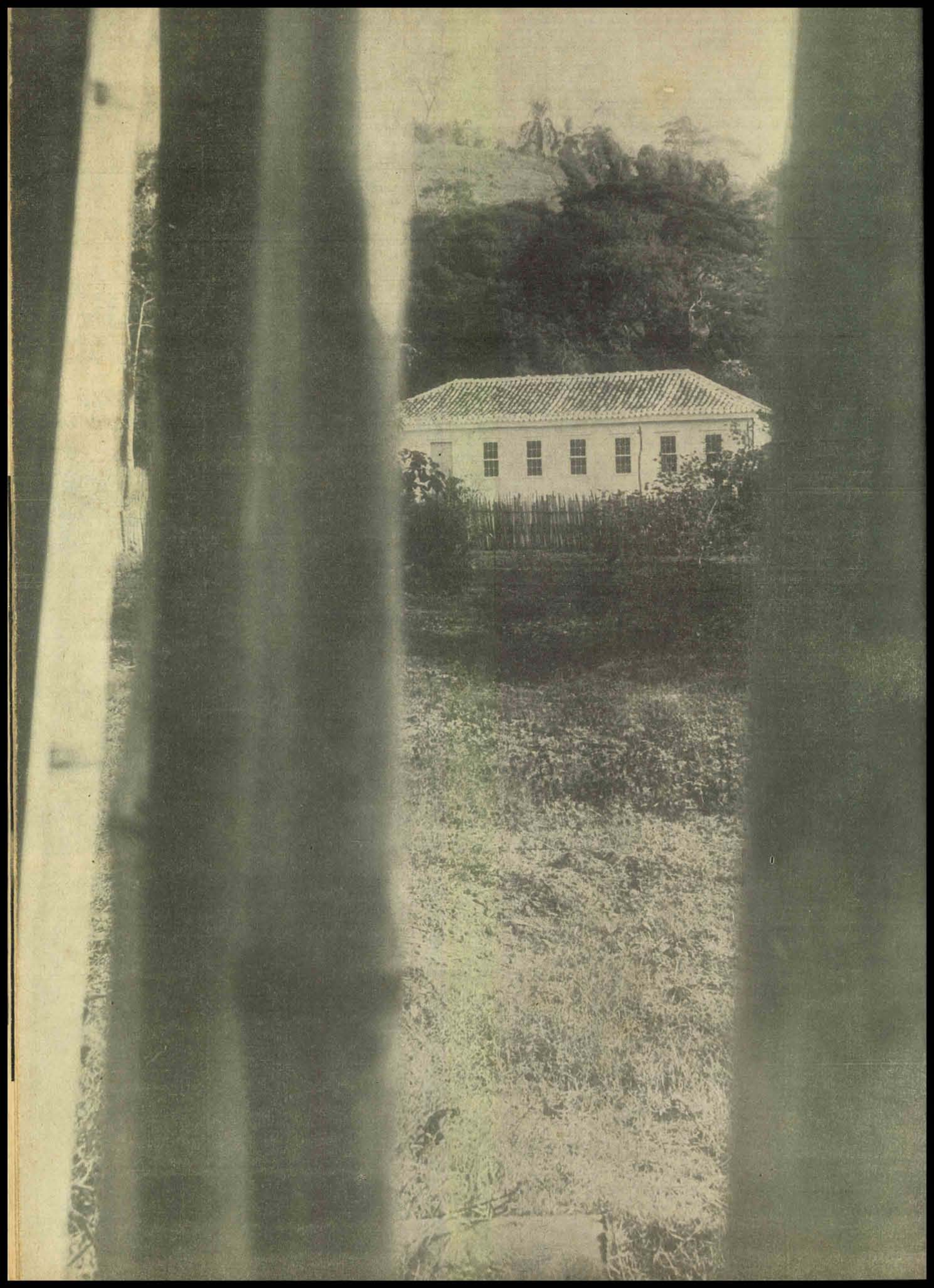
À esquerda:
Dias Gomes, o
autor da peça
«O Pagador de
Promessas».
Abaixo, o casal
John Herbert-Eva
Vilma.

Com um ar de
atriz da «nouvelle
vague», ela dá
um toque francês ao
bar dos grandes
nomes do cinema e
da tv carioca.



Jece
Valadão
(à esq.)
em companhia
de atores do
filme «Assalto
Ao Trem-Pagador».







AQUI MORA O MISTÉRIO

Nesta cerca de bambus que aparece em primeiro plano, nas fotos ao lado, termina a liberdade de quem tentar se aproximar da casa do fundo: oculto atrás de uma das janelas, precisamente a última à direita, mora um mistério de 20 anos que ninguém, até hoje, conseguiu decifrar. Duas cercas, um cão de guarda e dois homens armados de punhal protegem uma mulher chamada Lola, que está deitada, desde 1943, sobre um estrado de madeira, sem comer e sem beber, num quarto escuro de 20 metros quadrados, a cinco quilômetros de Rio Pomba, Minas. Depois de ter recebido mais de 300 mil pessoas que lhe foram pedir sua graça, ela mandou bloquear todas as entradas da casa e hoje só um homem, o vigário da cidade, pode vê-la à hora que quiser: com exceção dele, quem abrir a porta da frente está sujeito a não voltar vivo.

De Hilton Ferreira e Euler Cássia,
Nossos Enviados Especiais a Rio Pomba

O Padre Gladstone Batista Galo,
Vigário de Rio Pomba, é a única
pessoa que tem acesso livre
ao último quarto à esquerda, onde
a janela está sempre fechada:
dentro dêle, na escuridão, um mistério
de 20 anos desafia a religião e a
ciência. Na janela do meio,
uma mulher, a irmã de Lola, vigia
dia e noite a entrada do sítio, para que
ninguém perturbe a paz da «santa»
que não come nem bebe desde 1943.



Quem

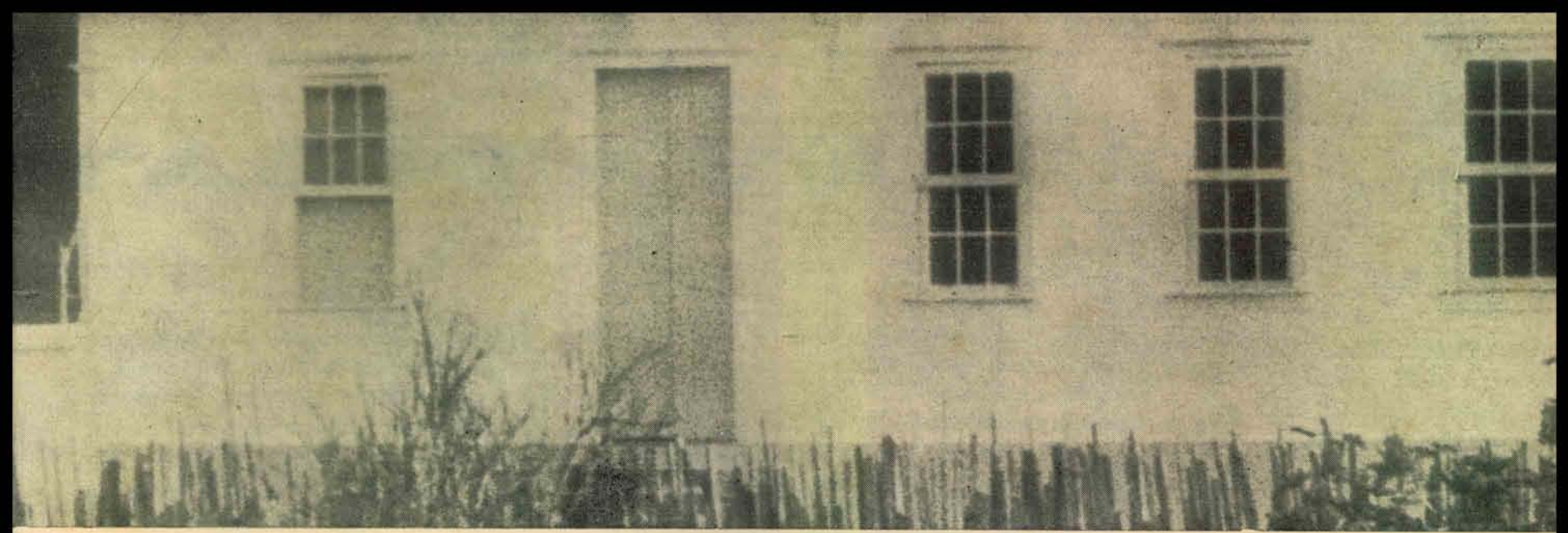
Violar A

Solidão De

Lola Corre

Perigo





A cinco quilômetros de Rio Pomba, protegido por um bosque de aroeiras, jatobás e perobas, mora um mistério de 20 anos: quem violar a fortaleza de árvores e cercas de bambu que o separa do resto do mundo estará correndo risco de vida. Quando a porteira, a única entrada existente, se abre fazendo barulho, o alarma está dado: o cachorro late atrás da casa, a velha Dorvina se assusta e olha pela vidraça, vigilante, e dois homens surgem no pátio, desconfiados, fiscalizando os visitantes. A aproximação é perigosa, porque um deles está picando fumo com uma longa faca de ponta, encostado na parede branca da casa. Se o estranho trouxer uma máquina fotográfica, a mulher abre a janela e faz um pedido, que na verdade é uma ordem enérgica: «Tenham dó, vão embora, não façam essa santa sofrer mais. Não batam fotografia, pelo amor de Deus!». O visitante compreende, então, que é melhor voltar — e a solidão reina de novo entre as árvores. Com o sol no meio do céu, batendo no pátio cimentado, as galinhas ciscam a palha, um gato está tomando sol na escada. A casa do sítio parece deserta: ninguém aparece mais nas cinco janelas, com as venezianas abertas e as guilhotinas de vidro sempre descidas. A última janela à esquerda, porém, está completamente fechada: em 20 anos, ela não se abriu exceto por umas quatro ou cinco vezes, no máximo. Dentro do quarto, um cômodo pobre de 20 metros quadrados, uma mulher de 52 anos vive desde 1943 trancada na escuridão, sem comer e sem beber, deitada sobre um estrado de madeira. Ela se chama Euripes Dorneles de Jesus, mas para todos o seu nome é Lola, a santa que faz milagres. Nesse quarto, todos os dias, às 18 horas, uma lâmpada fraca se acende: para os seus olhos este sinal significa que a noite está começando. Onze horas depois, quando um fio de luz solar chega pela porta e a lâmpada se apaga, Lola sabe que chegou um outro dia. A sucessão dos dias e noites, através destes dois avisos — uma lâmpada que se acende e se apaga — é sua única comunicação com o exterior, mas isso não tem muita importância: no seu estranho mundo, o tempo é apenas a distância que a separa de Deus.

Desde o dia em que se isolou no quar-

to para rezar, mais de 300 mil pessoas já a visitaram, em romarias diárias ao sítio, durante 20 anos: na mesma posição em que está hoje, deitada no estrado de madeira, Lola recebeu os fiéis e conversou com eles sobre o drama particular de cada um. Mas a partir de 1962 ela cancelou as visitas e escolheu a solidão: além de sua irmã Dorvina e do Padre Gladstone Batista Galo, Vigário de Rio Pomba, ninguém mais pode entrar no quarto, nem mesmo figuras importantes como o Ministro Nelson Hungria, que a procurava todos os anos para obter suas graças e hoje envia o pedido por escrito, através de um emissário, e aguarda a resposta. Quem quiser bater uma foto da casa precisa esconder-se no mato, a 500 metros de distância, e usar uma teleobjetiva. Ainda assim há perigo, porque para o povo de Rio Pomba Lola é mesmo uma santa — e por isso sua vontade deve ser respeitada: quem a desobedece estará contrariando uma ordem divina. A casa onde ela vive foi um presente da população: quando o pai de Lola morreu, o sítio foi dividido entre os filhos, que decidiram vendê-lo. Ela concordou, doando a sua parte ao hospital da cidade. Mas, sem poder mover-se, surgiu um problema: Lola teria que ser carregada com o máximo cuidado, pois, além de viver imobilizada na cama, ela fica tonta até se alguém esbarrar na cama. O povo resolveu, então, comprar de novo o sítio e entregá-lo à sua santa. E diante do estrado de madeira, centenas de pessoas faziam filas para pedir-lhe a graça da salvação, com a promessa de comungar durante as nove primeiras sextas-feiras do mês.

Antes de se tornar um mistério para a ciência, Lola era apenas uma moça de fazenda, que se levantava cedo e fazia serviços pesados: a única diferença era a sua vontade de tornar-se freira da congregação do Coração de Jesus, seguindo os passos de sua irmã Cesarina. Ela ajudava o pai na fazenda das Mercês, no município de Rio Pomba, esperando o dia de entrar para o convento, quando caiu de uma jabuticabeira e bateu com as costas numa cerca.

Foi então que surgiu o primeiro enigma: três meses de exames médicos em Juiz de Fora e várias radiografias revelaram apenas uma mancha roxa na espinha. Não havia nenhuma fratura, embora a moça es-

tivesse completamente imobilizada. O acidente foi interpretado por ela como uma vontade do Sagrado Coração de Jesus, e valeu esta promessa: Lola iria refugiar-se no seu quarto, para passar a vida rezando e anunciando ao mundo a sua devoção. E voltou em seguida para o sítio do pai, deitando-se numa cama sem colchão, onde está até hoje.

O Vigário de Rio Pomba considera Lola uma santa de verdade, depois de ter feito uma investigação minuciosa, em 1946, sobre a sua vida, a fim de apurar se o fenômeno era real ou não. Com o pretexto de rezar em sua companhia, o Padre Gladstone Batista, a mulher de um médico e uma moça que não acreditava em Lola se revezaram durante três dias e três noites no quarto: durante todo o tempo ela não comeu, não bebeu, não dormiu em nenhum instante e não exerceu as funções fisiológicas. A comissão concluiu, então, que Lola vivia em circunstâncias inexplicáveis: normalmente uma pessoa pode ficar vários dias sem comer, mas no caso da mulher, que já não comia há muitos anos, o prazo não poderia ser superior a 24 horas; não se admite que Lola pudesse ficar 72 horas sem beber água; mesmo sem beber, a micção se produz de 24 em 24 horas, no máximo, pois caso contrário ocorre o trancamento dos rins, provocando a morte; depois de muitos anos deitada na mesma posição (do lado direito), Lola deveria estar com os tecidos da pele apodrecidos. A estes mistérios se acrescenta mais um: ela vomita qualquer coisa que comer, mas comunga todos os dias, sem sentir nada. Lola, porém, não faz milagres instantâneos, como a cura de um cego ou de um paralítico: ela consegue graças a longo prazo, em troca de comunhão e penitências dos fiéis.

Enquanto ela se esconde cada vez mais de todos, como um tabu, correm em Rio Pomba duas histórias proibidas a seu respeito: uma delas diz que, quando moça, Lola teve um namorado e até hoje é apaixonada por ele. A outra conta que Dolores, a irmã, não gosta dela. Mas tudo isso se afirma em voz baixa: quem falar muito pode até ir para a cadeia.

H. F.

EM POUCAS

José Carlos Guerra, deputado udenista da «bossa nova» ao ouvir o Sr. Tenório Cavalcanti citar Shakespeare e Machado de Assis durante um discurso na Câmara Federal: — «Vá lá que com sua metralhadora, êle não respeite os imortais. Mas é um absurdo êle desrespeitar os imortais com a língua».

O cronista Ibraim Sued não foi, o primeiro a usar a sigla «V.I.P.» (Very Important Persons) para dizer que fulano de tal é muito importante: Raimundo Martins, da revista «CN», de Curvelo, passou na sua frente, há uns 3 meses. Esta é a primeira derrota, no gênero, sofrida por Ibraim, logo para um colega da província.

Miguel Arraes, após a vantagem de seus candidatos na maioria dos municípios de Pernambuco: — «É a primeira vez que eu vejo os vencidos festejarem vitória» Explicação: o grupo do Sr. Cid Sampaio só faltou soltar foguetes por perder de pouco.

Di Stefano, desabafando após a emoção do sequestro: — «Quero dar adeus à bola para fazer o que não fiz nos 22 anos que sou jogador profissional: fumar, beber bons vinhos, descansar».

João Vicente Goulart, o filho do Presidente da República, cujas travessuras foram, até agora, recebidas com um sorriso de compreensão, recebeu muitas críticas por estar matando inocentes rolinhas com sua espingarda. Um exemplo: o poeta Carlos Drummond de Andrade escreveu uma crônica censurando S. Excia., o Presidentzinho.

O IBOPE, numa pesquisa de opinião nas dez mais importantes Capitais do País acaba de concluir que, se a reforma agrária dependesse do povo seria feita ainda hoje: dois milhões, quatrocentas e uma pessoas são a favor, e quatrocentas e oito são contra.

Ainda sobre a pesquisa do IBOPE: o maior índice favorável à reforma agrária foi encontrado não no Recife, mas na Guanabara, onde 73% opinaram a favor; no Recife 71% querem a reforma agrária. Conclusão: a maior parte dos cariocas discorda do Gov. Carlos Lacerda.

O Ministro Carvalho Pinto que, por medida de economia, só bebe uísque brasileiro — a sua fama de pão duro permite a brincadeira — vai provocar, ao proibir a importação, duas coisas — 1 — Uísque estrangeiro, de contrabando, no câmbio negro; 2 — Aumento no preço do uísque nacional, que continuará ruim e muito mais caro.

Graciliano Ramos, o grande escritor brasileiro que o grande público ainda não conhece, apesar de sua fama, terá um dos seus livros como «best-seller»: «Vidas Secas», transformado, por Nelson Pereira dos Santos, num filme que o romancista de «São Bernardo» assinaria se fôsse vivo.

Bolinha e Luluzinha, cuidado: um grupo de desenhistas gaúchos deseja matá-los, a contragosto. Êles se reuniram para criar personagens brasileiros para histórias em quadrinho. Zé Candango é o primeiro a tornar suas aventuras conhecidas.

PALAVRAS

O deputado José Aparecido, cuja atuação na C.P.I. do Ibad lhe custou três crises de úlcera com duas entradas no hospital, tem confessado a amigos que seu maior entusiasmo reside nas cartas que recebe: gente de todo País, que ele nunca viu e pela qual ele nunca foi visto, escreve para dizer-lhe: — «Parabéns. Continue».

Denner versus José Ronaldo é a briga na alta costura nacional. Depois que a Sra. Maria Tereza Goulart, a conselho do próprio Presidente da República, decidiu dividir entre os dois, a criação de sua elegância, está acontecendo o seguinte: Denner ataca José Ronaldo dizendo que a 1a. Dama lhe entrega os vestidos feitos pelo rival para que ele crie tudo de novo.

Evtuchenko, poeta russo odiado pelos stalinistas e apenas tolerado pelos kruchevistas poderá ser conhecido, na intimidade, pelos brasileiros: o cronista José Carlos de Oliveira está traduzindo para o editor José Álvaro a sua autobiografia *Precoces*.

O Sr. João Goulart que, apesar do recuo do gov. Lacerda, viveu agosto com algumas apreensões próprias do mês, na sua primeira frase na manhã do dia 1º de setembro: — «Ufa!».

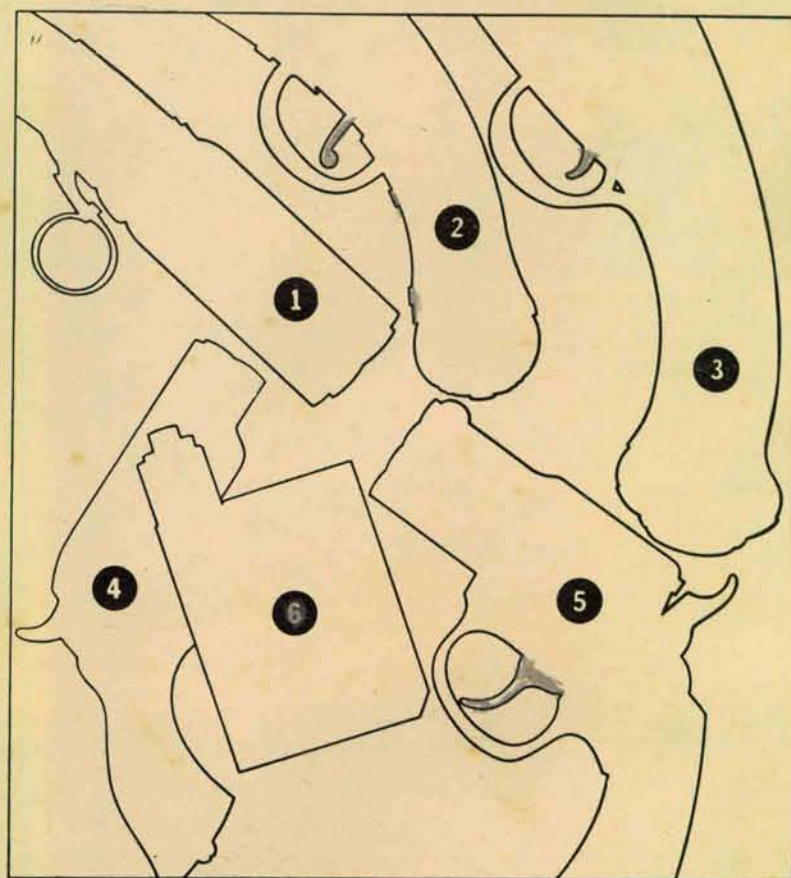
Alterosa está certa: depois da confirmação dos leitores, que cada mês mais preferem a sua revista, os publicitários brasileiros que respondem a um inquérito mostram seu entusiasmo por Alterosa, cuja maneira de fazer jornalismo consideram «muito boa».

Lamartine Babo, depois de ser «show» de Carlos Machado — «O Teu Cabelo Não Nega» — vai se transformar em filme de Herbert Richers: o cantor Joel de Almeida será, também, o Lalá da tela.

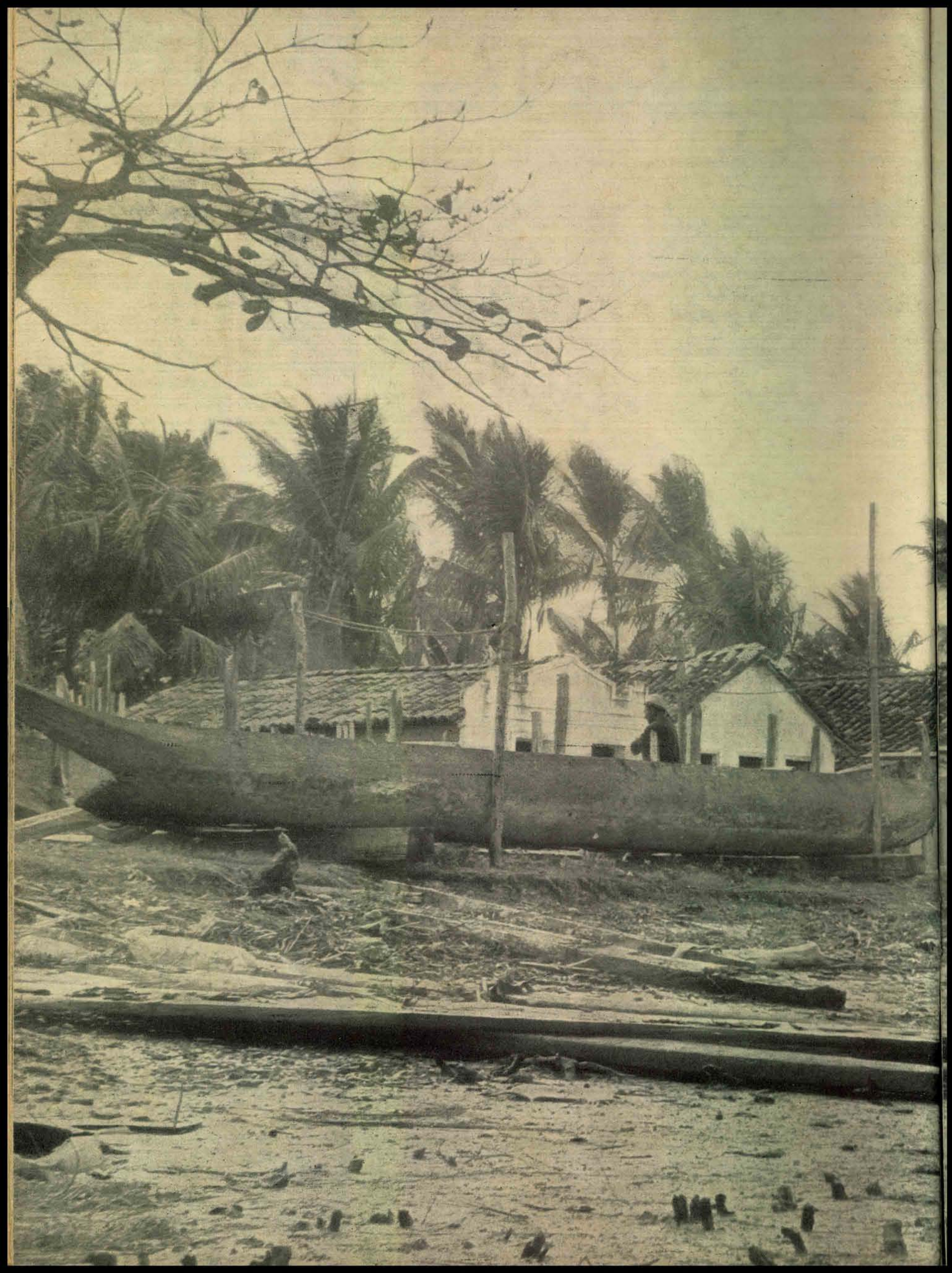
O pintor Guignard, se fôsse vivo, seria um milionário: os quadros que vendeu por Cr\$ 1 mil (ou deu) estão custando Cr\$ 1 milhão.

O Gov. Magalhães Pinto acha que agosto foi um mês muito bom: inaugurou várias obras — 10 grupos escolares apenas em Juiz de Fora — e viu seu prestígio crescer, também, como administrador.

VEJA ANÚNCIO NA CONTRA-CAPA



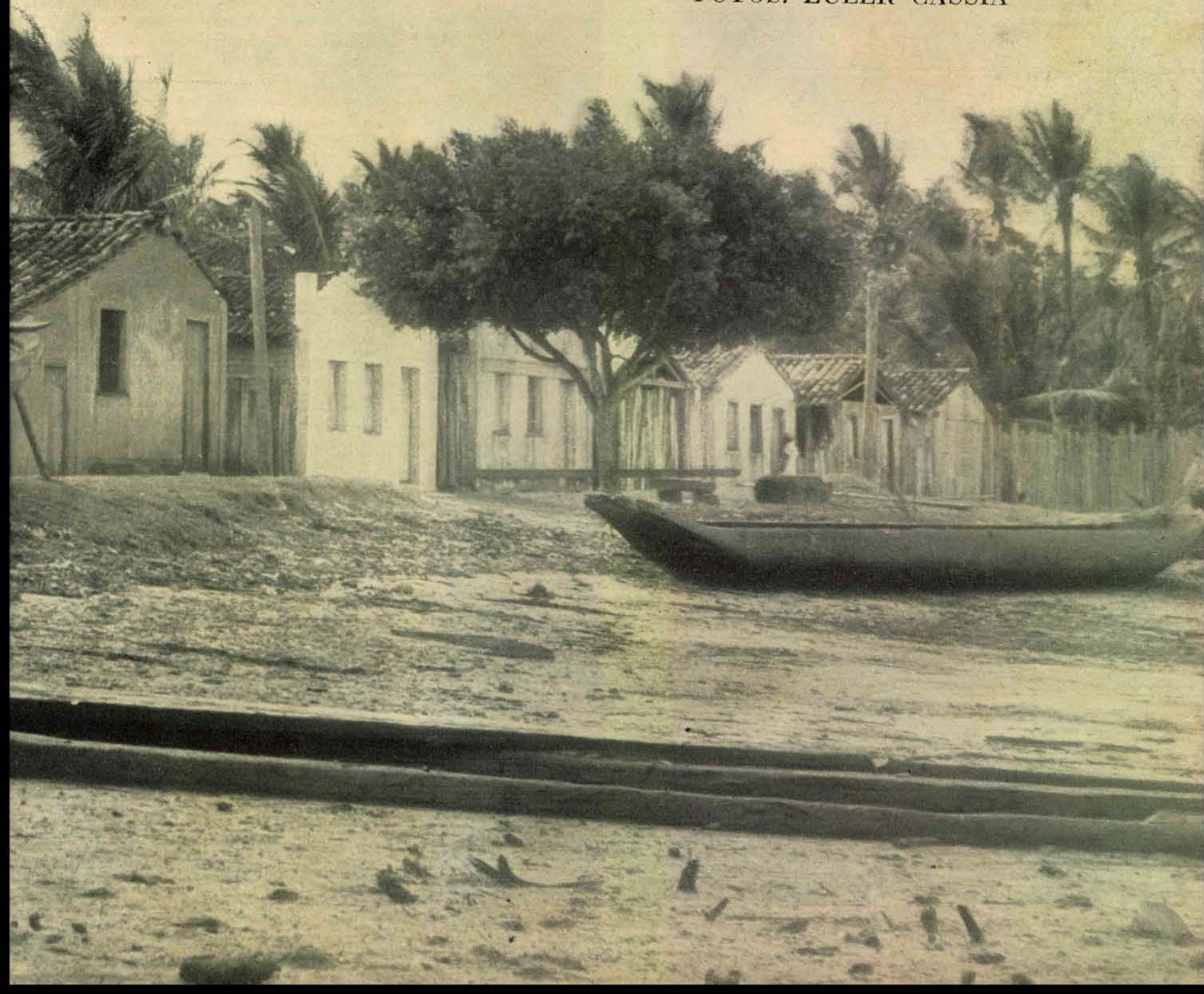
① Revólver, 5 tiros, séc. XIX ② Pistola-fulminante, séc. XIX
③ Pistola turca de duelo ④ Pistola, 4 tiros, Sharp ⑤ Pistola de repetição, séc. XIX ⑥ Cigarros LUIZ XV... sua arma de prazer!

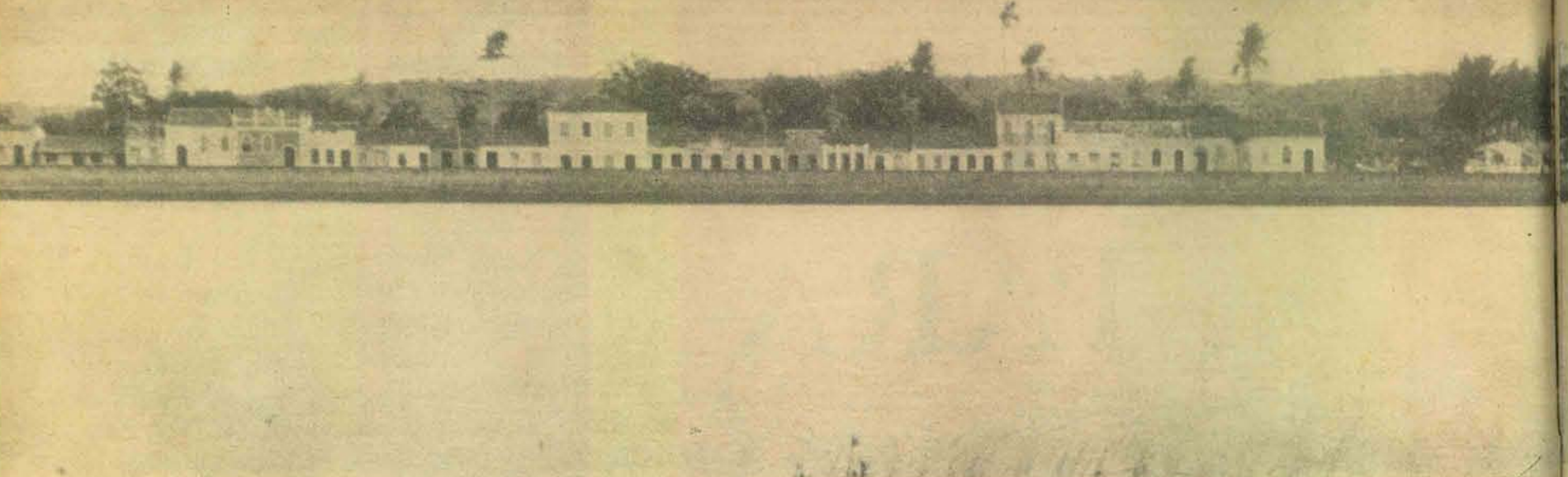


S.O.S. PARA PÔRTO SEGURO

Nesta praia pobre, onde, tôdas as tardes, as mulheres dos pescadores se reúnem para esperar seus maridos de volta do mar, o Brasil começou e parou: enquanto, a 120 minutos de um vôo de avião, automóveis, boates e refinarias de petróleo mostram a imagem de um país modelo século 20, aqui as môças nunca usaram batom nem ouviram falar em Christian Dior, há 15 anos ninguém comete um crime (as grades da cadeia são de madeira) e não se sabe onde fica um sonho chamado Paris — que é apenas um nome no mapa do grupo escolar. Enquanto a tristeza de suas casas humildes esconde o lirismo de um romance de quatro séculos e meio — aqui também se amou pela primeira vez no Brasil — o vento sul que trouxe as caravelas de Cabral traz, agora, um apêlo em forma de S.O.S. que o barulho das ondas do oceano não consegue sufocar: Pôrto Seguro pede socorro para sobreviver.

REPORTAGEM: HÍLTON FERREIRA
FOTOS: EULER CÁSSIA





NESTE PÔRTO INSEGURO TODOS ESTÃO CONDENADOS À SOLIDÃO



Dois acontecimentos, a festa de Nossa Senhora da Ajuda, e a chegada dos navios de gado, conseguem quebrar, algumas vezes por ano, a monotonia de Pôrto Seguro, onde pouca coisa mudou depois de Cabral: uma barra, construída junto à praia, um avião que desce de vez em quando, um velho caminhão ligado a manícula, algumas igrejas e muitas casas de pobres pescadores dão à cidade um ar de pôrto abandonado que a história esqueceu. Ela fica na foz do Buranhém, o rio onde as caravelas portuguesas apontaram, em 1500, junto à rua principal, toda de casas coloniais, fazendo o contorno do mar. Quem chega de avião vai do aeroporto à cidade em duas etapas: na carroçaria do caminhão se faz o primeiro trajeto, de sete quilômetros, até o rio, pelo preço de Cr\$200; depois, toma-se uma canoa, para a travessia, em 15 minutos se o vento é bom. Quando a maré está baixa, o canoeiro pára na água e carrega os passageiros, um por um, até a barra.

Os pescadores de Pôrto Seguro, maioria da população, trabalham apenas para comer, mas passam frio e fome no mar: seu único agasalho é uma camisa de brim. E os meninos e meninas começam a trabalhar aos quatro anos: quando ficam môças, elas se vestem com a mesma simplicidade dos homens — um vestido comprido, sem pregas, à moda saco, de pano grosso desbotado pelo sol e pelo mar. Nenhuma usou até hoje pintura ou jóias, e não se encontra na cidade uma loja especializada em artigos femininos: as cinco casas de armarinho vendem tecidos, calçados e miudezas junto com arroz, feijão, açúcar (que é preto) e peixe salgado. Para se divertir, as môças realizam algumas festas, de vez em quando, com música de sanfona: como nas missas de domingo, elas se satisfazem com a troca do vestido velho por um novo (só que o modelo nunca varia).

A glória de terem nascido no lugar onde o Brasil começou não entusiasma as crianças de Pôrto Seguro: para começar, a maioria delas não sabe disso, porque só há um grupo escolar e nem todas podem estudar. Mesmo que houvesse vagas, os filhos de pescadores não podem pensar em escola, porque têm que ajudá-los a ganhar a vida no mar. Eles começam pescando na praia e nos mangues: com 12 anos, já podem entrar na canoa — e aos 16 vão pa-



ra o oceano em barcas de pesca. Enquanto esse dia não chega, os meninos sonham com o futuro e ficam em casa esperando a chegada do navio de gado. Um grande apito, na entrada da barra, leva todo mundo para o mar, onde eles fazem apostas para adivinhar o nome do cargueiro: «Nazaré», «Camacã», «Cachoeira» e «Dois de Julho». Sabendo que causam inveja nos garotos, os marinheiros sobem no mastro, gesticulam sobre a proa e dão gritos de comando. Seguindo o canal do Rio Buranhém, o navio entra na barra, lentamente, até chegar ao pôrto de embarque. O gado, que vem do norte de Minas, já está à espera. Três dias depois, o barco parte para o Nordeste: sôzinhos na praia, os meninos ouvem o último apito, e esperam até que a ponta do mastro desapareça no mar. Então, voltam tristes para casa, pensando que dariam tudo para estar naquele navio e com medo de nunca poder realizar o seu sonho.

A vida em Pôrto Seguro acaba às 10 da noite: quando o motor a diesel é desligado e toda a luz da cidade se apaga, as ruas ficam desertas e, de dentro das casas dos pescadores, na barra, só se ouve o ruído das ondas batendo na areia. Nos meses de férias, Pôrto Seguro conhece a alegria que não tem no resto do ano: os filhos de fazendeiros, que estudam em Salvador, se reúnem todas as tardes e vão com o violão para a beira do mar. Olhando pelas janelas, as moças pobres ficam ouvindo a música dos rapazes que vieram da cidade grande, mas sem coragem de chegar perto deles, porque são gente rica. — e quem vai namorar uma filha de pescador, que não tem ao menos uma roupa decente para vestir? Mas é bom escutar os sambas de Dorival Caími: pelo menos é uma diversão para a cidade que não tem cinema, não sabe o que é televisão e onde ninguém se lembra de quando houve o último baile. No fim das férias, as músicas dos estudantes acabam de novo: para as moças o único remédio é olhar para o oceano e sonhar também. Como os meninos que esperam o dia em que serão marinheiros ou pescadores de alto-mar, elas sonham com um noivo bonito, que a conhecerá nas férias do fim do ano, se apaixonará por ela e a levará, na volta, para Salvador ou — quem sabe? — para o Rio de Janeiro, onde com certeza serão muito felizes.

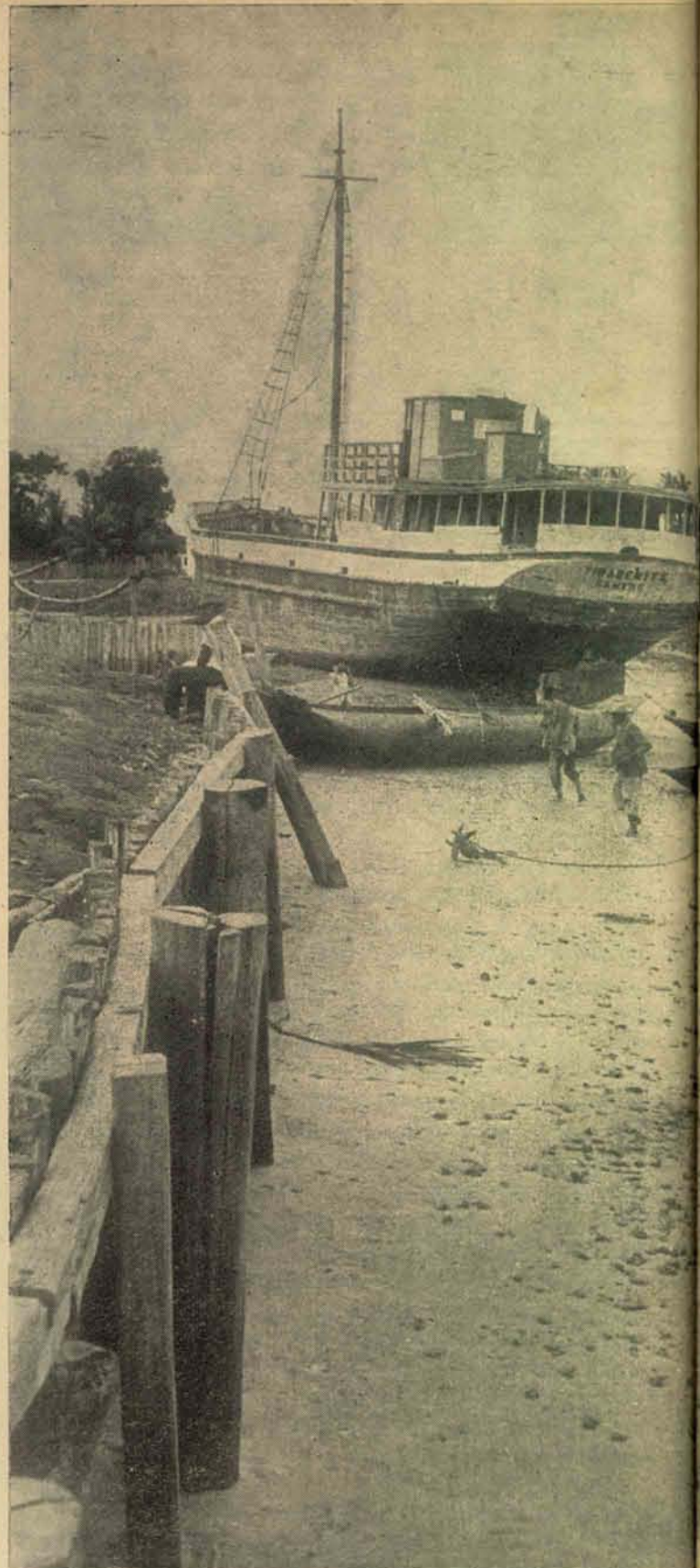


Entre O Mar E A Montanha A Cidade Morre Em Sigilo



Dois capuchinhos italianos, que moram no Arraial da Ajuda e atravessam o canal todos os dias, em uma barca, para inspecionar as obras da igreja que estão construindo em Pôrto Seguro, são os únicos padres que a cidade tem: o lugar ficou tão abandonado que até a religião sofreu as suas conseqüências — e durante muitos anos não se rezou uma missa, por falta de padres. No ano passado, Pôrto Seguro voltou a recebê-los, num acontecimento importante para os pescadores e suas famílias, que puderam de novo reunir-se na Igreja-Matriz, todos os domingos, assistindo à missa celebrada pelo Frei Emmanuele, um dos capuchinhos que vieram de Salvador.

O único médico que havia na cidade, representante do Serviço Nacional de Malária, também abandonou Pôrto Seguro: agora, contando apenas com um farmacêutico prático, sem ter um hospital, todos vivem sob o perigo das epidemias de varíola que surgem na região. Mas a solidão da cidade também tem seu lado bom: há 15 anos não acontece um crime de morte ou um roubo. A cadeia existe, mas é um monumento histórico, que ainda conserva as grades de madeira do século 18. O seu uni-

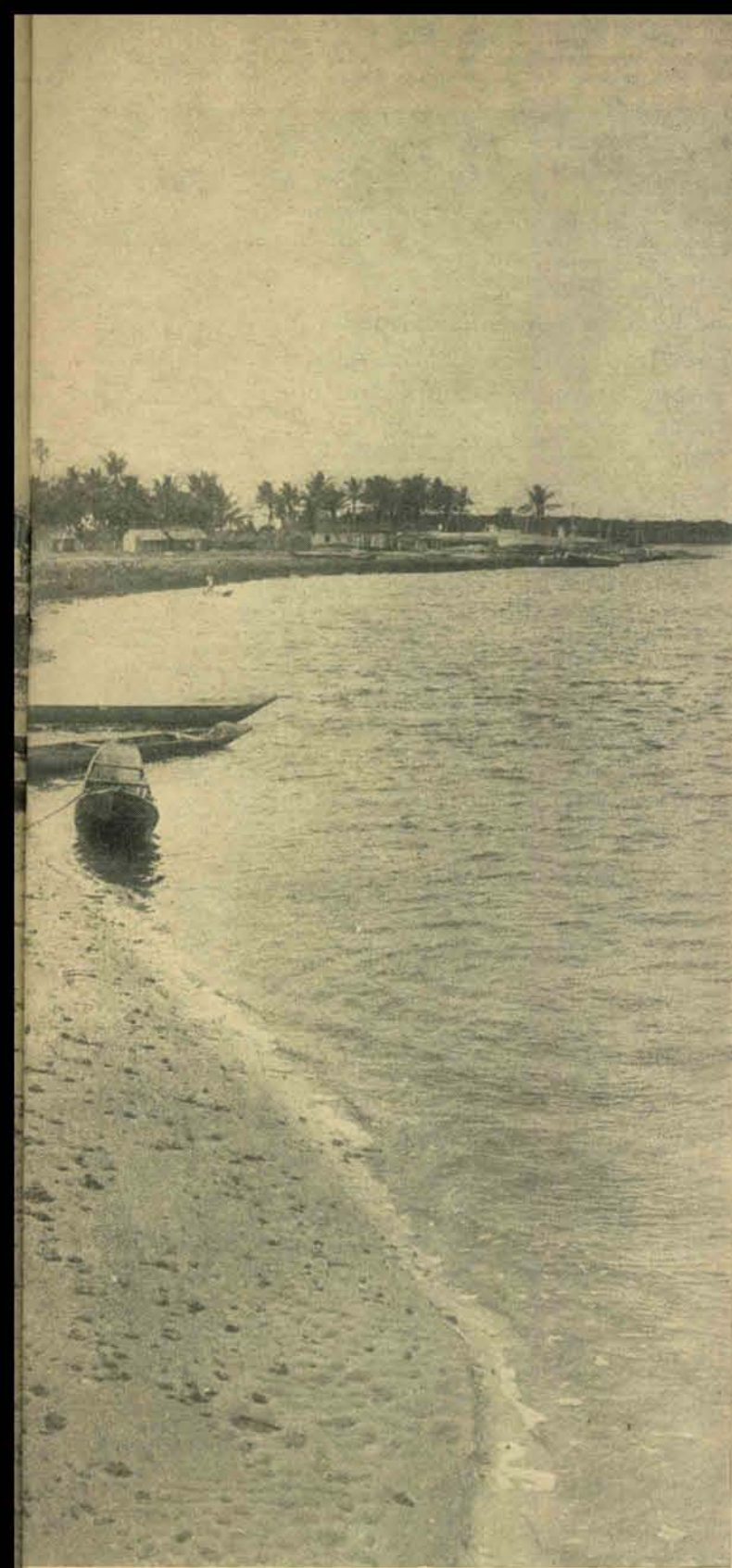


co preso não cometeu nenhum crime: é um epilético que ficou louco e espera condução para ser transferido para um sanatório de Salvador. Os dois outros que estavam lá, por terem assaltado um homem fora de Pôrto Seguro, arrombaram as grades, desceram por um atalho atrás do outeiro da Glória e fugiram. Os habitantes da cidade costumam dizer que «vida boa, aqui, é de polícia. Não tem o que fazer».

A política também não consegue abalar a calma do lugar. Os maiores partidos são o PR (que ganhou as últimas eleições), o PSD, a UDN e o PTB, mas ninguém tem inimigos por causa deles.

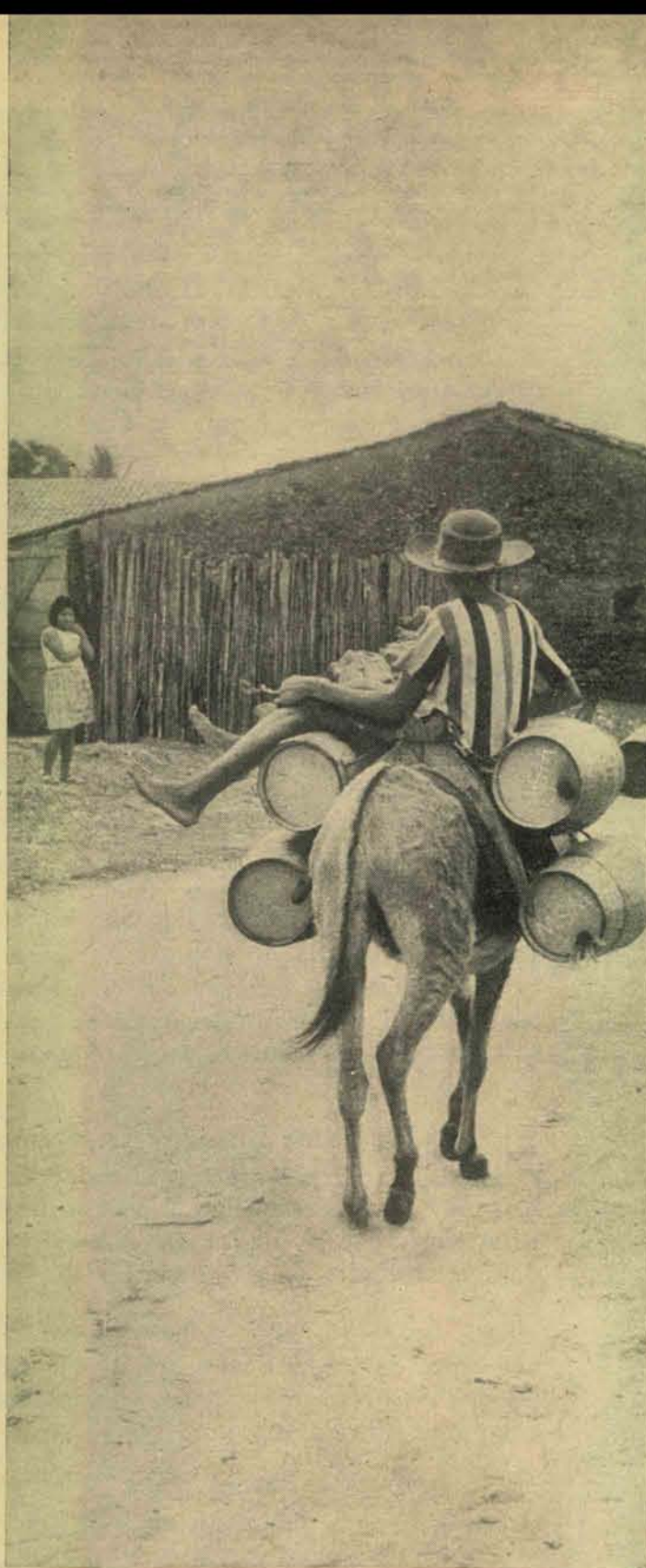
Um velho de 70 anos, José Maria Vinhas, é a maior autoridade local em história de Pôrto Seguro: conhecendo de cor a carta de Pero Vaz de Caminha, já realizou pesquisas para determinar o local exato onde foi realizada a primeira missa, onde Cabral aportou, e outros detalhes ligados ao descobrimento.

Como o Prefeito da cidade, ele acha que Pôrto Seguro poderia ser rica se o governo a transformasse num centro de turismo: para isso bastava apenas propaganda e um bom hotel de veraneio, porque o resto já existe — clima muito bom, muitas praias, pesca e caça nas



matas da região e a atração das igrejas e dos monumentos antigos. Com as vias de acesso, após o asfaltamento da BR-4 (Rio-Bahia) e o início das obras da BR-5 (Rio-Bahia-Litorânea), os meios de transporte ficaram mais fáceis. Quem sai do sul, Minas, Rio ou São Paulo, deve seguir pela BR-4 até Teófilo Otoni, onde há uma ligação para o Salto da Divisa, ponto de passagem da Rio-Bahia-Litorânea. Por ela vai-se até Eunápolis, no quilômetro 64, e de lá há outra estrada para Pôrto Seguro. Via aérea: há três vôos semanais do Rio a Pôrto Seguro e três que partem de Salvador, em dias intercalados. A cidade fica localizada no extremo sul da Bahia, a 123 milhas marítimas da capital.

Mas a grande tristeza do velho José Maria Vinhas é a destruição, pelos habitantes, de muitas coisas antigas de Pôrto Seguro, porque a cidade ainda não foi tombada pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Quando a Prefeitura retirou os canhões históricos do Alto da Glória, para transferi-los para a Cidade Baixa, só ele protestou: as peças devem ficar onde estavam, porque foi no outeiro que os portugueses instalaram o primeiro forte e o farol da barra. Mas os governos não se interessam pela cidade de Cabral: sem água encanada ou rede de es-



gotos, ela só tem uma fonte, que fica a três quilômetros. As cisternas só fornecem água salgada — e um barril de água doce custa Cr\$ 80, trazido pelos meninos que fazem várias viagens à fonte, montados em gericosos.

Enquanto os pescadores vão para o oceano, os seus filhos ficam na praia e apanham caranguejos, pias, cascudos, polvos, cações. Uma roda de siris (cinco) custa Cr\$ 50; se o peixe for mais raro, como o peixe-pena, a roda custa Cr\$ 500. No mangue, onde os meninos apanham os peixes na maré baixa, ficam ancoradas as barcas e as canoas de pesca, feitas de jacarandá inteiriço. Na rua estendem-se as redes, que secam em varais próprios ou no chão, junto às oficinas de conserto das barcas. Do outro lado, a Serra dos Aimorés cerca Pôrto Seguro: bloqueada pelo mar e pela montanha, ela morre sozinha e assiste, pouco a pouco, ao fim de uma glória de quatro séculos e meio. De noite, quando todas as luzes se apagam, o farol da barra ilumina a cidade e, como se ela fosse um navio perdido no oceano, surpreende na escuridão um pedido de SOS: é Pôrto Seguro que faz o seu apelo de socorro. Mas ninguém o escuta.

H. F.

ELAS

Zsa Zsa Gabor processou uma firma de gêneros alimentícios, pedindo a indenização de US\$ 3 milhões pelo uso de uma fotografia sua em anúncios de produtos para emagrecer. Segundo a atriz, a propaganda insinua que ela tem dificuldade em manter a linha, o que a ridiculariza. A justiça americana ainda não decidiu se Zsa Zsa tem ou não razão.

Maria Teresa Goulart trocou inesperadamente o costureiro paulista Dener pelo carioca José Ronaldo, encomendando vários vestidos exclusivos. A notícia teve a maior repercussão nos meios elegantes do Rio e São Paulo, mas a 1a. Dama se apressou em esfriar os mexericos, afirmando que não via nada de mais nisso, e que não deixaria de usar os modelos de seu ex-figurinista oficial.

A Princesa Anne, da Inglaterra, terá de comportar-se, aos 13 anos, como uma simples plebéia, no internato do colégio em que vai ser matriculada: além de ter que arrumar sua cama, diariamente, e dormir com quatro colegas em um quarto, ela terá, como as outras, uma pequena mesada, e mostrar como gastou o dinheiro.

Sofia Loren despiu a túnica de patricia romana, ao terminar a filmagem de «A Queda do Império Romano», para voltar às roupas simples de moça de bairro que marcaram o começo de sua carreira: ao lado de Marcello Mastroianni, e sob a direção de Vittorio De Sica, ela interpreta o principal papel feminino de «Ontem, Hoje, Amanhã», com uma personalidade «made in» Cristine Keeler.

Jacqueline Kennedy será representada no cinema, em um filme sobre a família do Presidente dos Estados Unidos, pela princesa italiana Esmeralda Ruspoli, descoberta pelos expertos de Hollywood como uma sósia perfeita da Primeira Dama. A figura de Jackie aparecerá na tela como a imagem-símbolo da feminilidade, da elegância e do refinamento da mulher americana.

Ira Pignatari, mulher de Baby Pignatari, foi «patronesse», em Paris, de um espetáculo beneficente no Theatre de Champs Elysées, junto com personalidades da nobreza européia, promovendo um «show» com mais de 50 artistas, entre os quais Patachou e Sacha Distel.

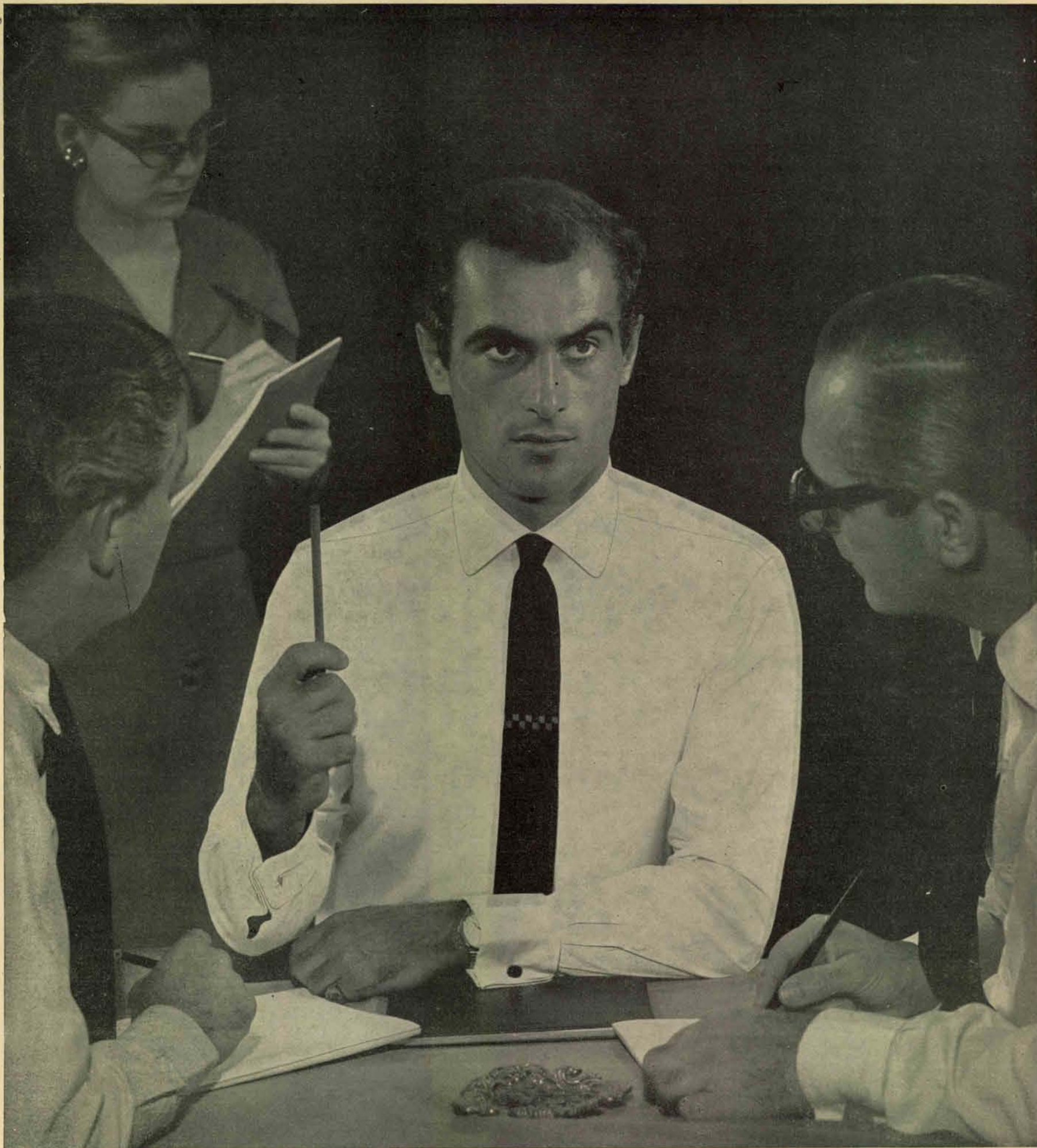
Brigitte Bardot perde terreno para Jeanne Moreau: depois de fazer, por três anos, a saudação oficial ao povo francês na passagem do Ano Novo, a convite do governo, ela cederá o seu lugar, desta vez, à atriz de «Uma Mulher Para Dois», numa prova de que a sua popularidade vem caindo dia a dia.

A Princesa Grace, de Mônaco tem sido vista de blusa marinheira e bermuda, a grande moda atual da Costa Azul, velejando tôdas as manhãs no seu pequeno barco, um iate de competições, sempre acompanhada de um marinheiro de confiança da casa real.

Lauren Bacall anunciou que voltará ao cinema em companhia de seu marido, o ator teatral Jason Robards Jr. Diz a atriz, que foi muito boa a sua experiência como dona-de-casa, mas ela se sente melhor diante das câmeras — e acha que ainda é muito cedo para encerrar a carreira. Lauren tem 43 anos.

Odete Lara vai processar o produtor de cinema Jece Valadão porque ele se recusou a cortar algumas cenas do filme «Bonitinha, Mas Ordinária», em que aparece com o decote inteiramente rasgado por causa de um incidente ocorrido durante a filmagem. Ao ser empurrada, na seqüência, por um ator coadjuvante, o rapaz exagerou e arrancou toda a frente do vestido.

Farah Diba deverá aparecer no cinema antes de Soraia, que também recebeu um convite para filmar: um grupo de cineastas franceses está fazendo um filme biográfico com a sua participação, intitulado «Retrato de uma Imperatriz». As cenas são tomadas no Palácio Imperial de Teerã.



o líder...
sem paletó

Detalhes que marcam o homem-chave: a camisa ORLY, sanforizada, de pesponto reduzido, com linha mercerizada. Dá-lhe arremate à aparência elegante e agradável, destacando a personalidade prática e segura de si. Garante-lhe conforto o dia inteiro e liberdade a seus gestos de execução.

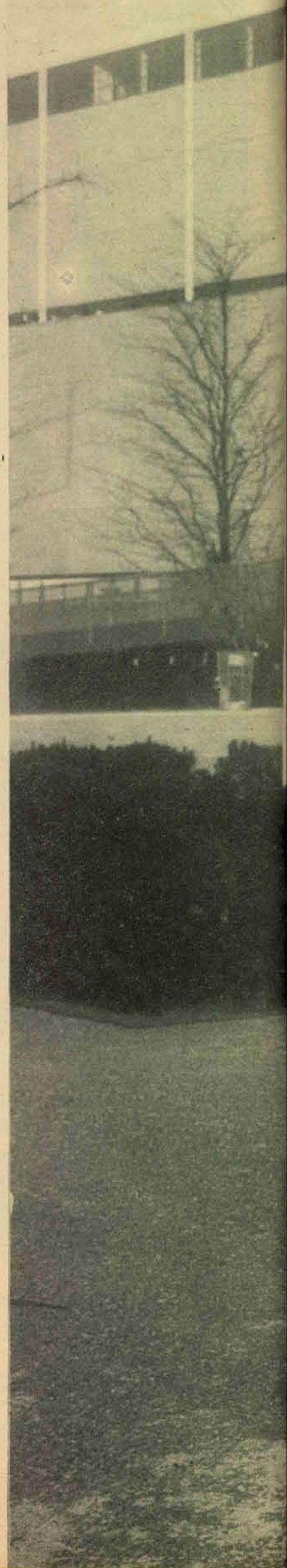
CAMISAS
Orly

COMPANHIA NACIONAL DE TECIDOS Rua Brigadeiro Tobias, 700 - São Paulo



***PRIMAVERA:
ELEGÂNCIA
EM
PRÉ-ESTRÉIA***

Roupas alegres, folgadas e coloridas fazem esta coleção de moda feminina para a primavera, em criações exclusivas dos grandes costureiros de Paris e Roma, para tôdas as horas. Seu nôvo guarda-roupa terá por base os vestidos de tecidos leves e soltos, como o linho e a sêda, que vão dominar na estação. E aqui estão as indicações para o controle de seu orçamento: à esquerda, com dois metros e trinta de algodão ou amorela, v. terá êste modelo para o cinema ou as compras. A pala redonda, sublinhando o busto, termina no meio com um pequeno laço. Para variar, pode ser usado reto como um tubinho. À direita, um vestido em opala pele-de-ôvo, estilo "chemise", com plastrom de preguinhas até a barra. O material: três metros de tecido, a ajuda de um molde e um pouco de paciência para fazer as pregas (com a opala você poderá tirar o fio).

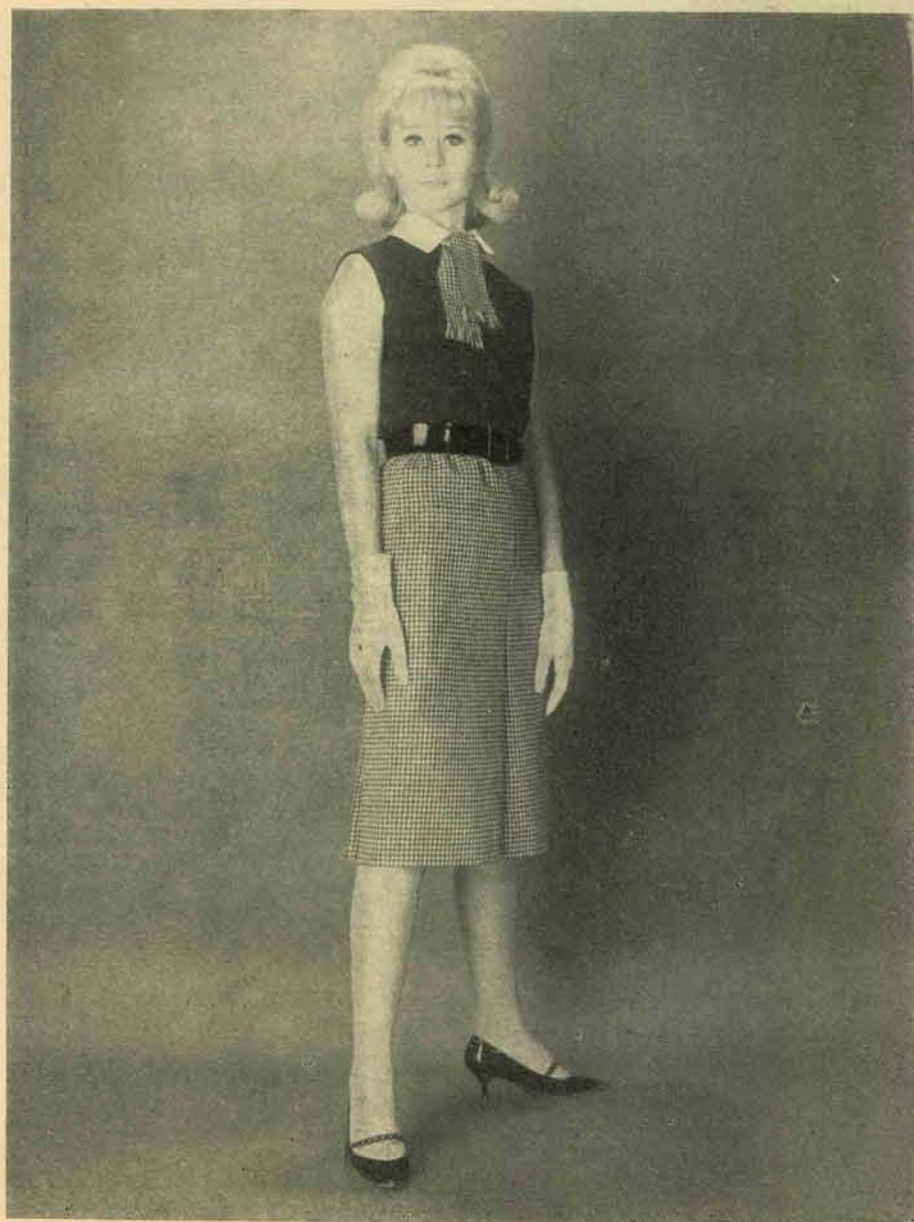






Você será mais feminina, na primavera, com êste tubinho vermelho de «pois» brancos. Babados leves e esvoaçantes compõem o decote e a barra, marcando bem a jovialidade da moda de setembro.

O estampado dêste modelo, em cores violentas, é suavizado pela delicadeza do talho diretório, que sugere a cintura mais alta. A saia parece mais ampla com o macho profundo que se abre à frente. Em jérsei estampado ou pintado a mão, você gastará apenas duas alturas; para jérsei fechado, uma altura, ou seja, um metro e 20 centímetros.



O colarinho branco, que prende a gravata xadrez, dá à modelo um ar de colegial em férias. A blusa, de popelina azul-marinho, foi feita com 1,20m, e a saia, em tergal xadrezinho, com largura dupla, de 80 centímetros. O conjunto é acompanhado pelos sapatos e pelo cinto de verniz.

SETEMBRO
DÁ UM NÔVO
TOQUE AO
VELHO LINHO

Desafiando a popularidade e a propaganda dos novos tecidos sintéticos, o linho volta nesta primavera, com suas cores sempre firmes, mais bonito do que nunca. Sob o sol de Setembro, êle será a base de todos os guarda-roupas elegantes. (Principalmente do seu, que pretende ser prático, bonito e econômico. Como o próprio linho).

Vestido em linho
maravilha, inspirado
nos quimonos
japoneses, com
mangas bem
curtinhas, trespasse
até a costura lateral
e um grande bôlso
quebrando a
simetria das linhas.
Prendendo os
cabelos, um lenço
amarrado à crioula,
também em
maravilha com
pastilhas brancas.





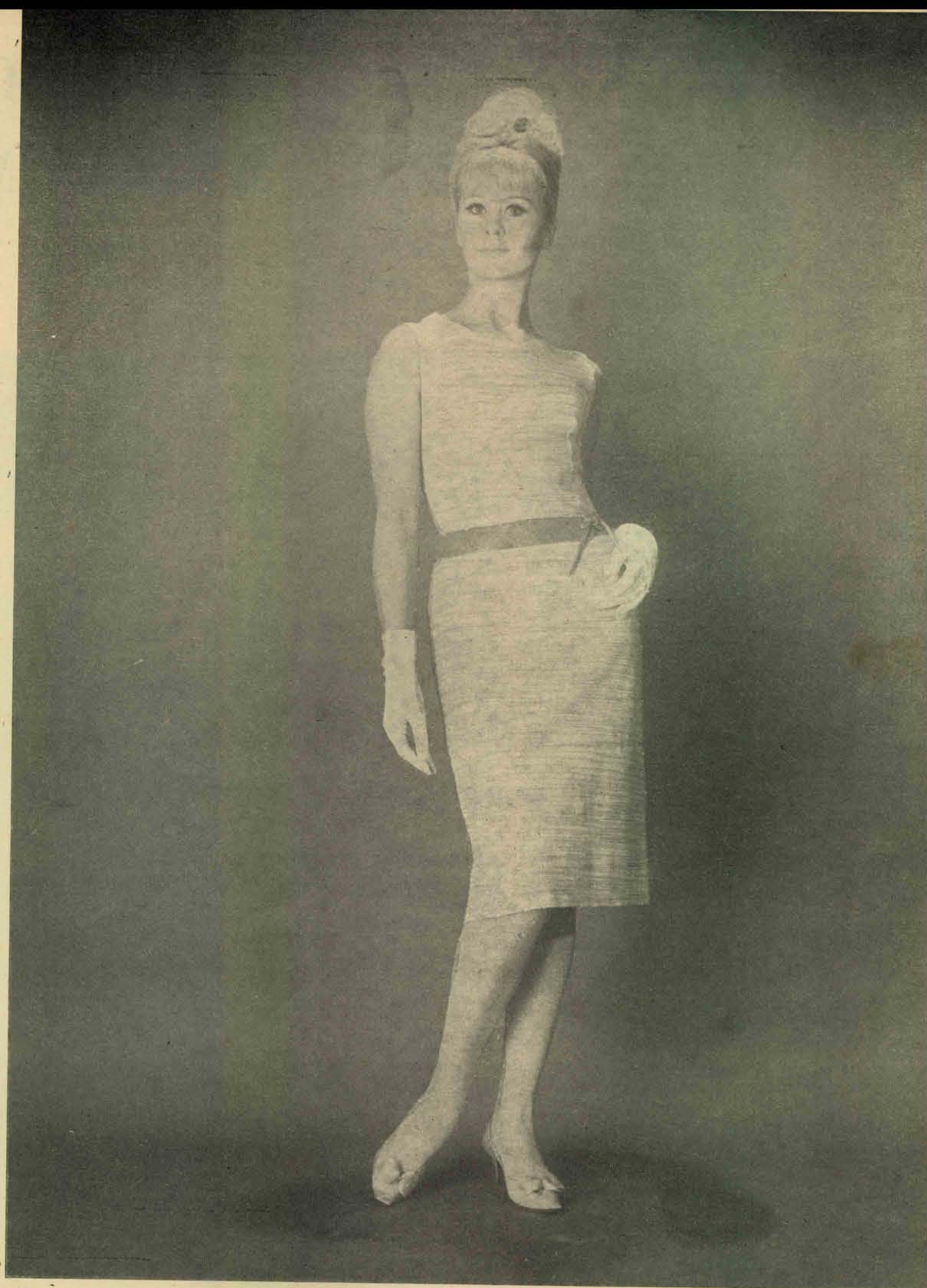
Mais sério, este modelo é de linho bege, com raias fininhas, quase clássico. Botões de dois prendem o trepasse largo, enquanto a gola é feita por um «foulard» de sêda marrom (num contraste proposital), combinando com as listinhas. Tamanho: apenas dois metros e meio.

Modelo simples e elegante, em amarelo vibrante, Van Gogh, com o decote beijando-se na frente, todo sublinhado por um pesponto largo. Dois grandes bolsos se fecham por botões trabalhados em contas de madeira. Na cintura, um lacinho borboleta.



Vestido inteiriço, abotoado de alto a baixo, embora as duas lapelas na cintura sugiram um bolero. Com bastante roda, as pregas laterais são sublinhadas por pespontos que formam nervurinhas. Três metros e meio de linho azul.





Vestido em linho mescla,
cinza e laranja, bem cavado, com
decote bôbo, acompanhando
o nascimento do
pescoço a dois centímetros de
distância. Detalhe novo:
o cinto em forma, de
couro cinza, apoiando-se com
suavidade nos quadris.

TONS ESCUROS VÃO DOMINAR NA NOITE

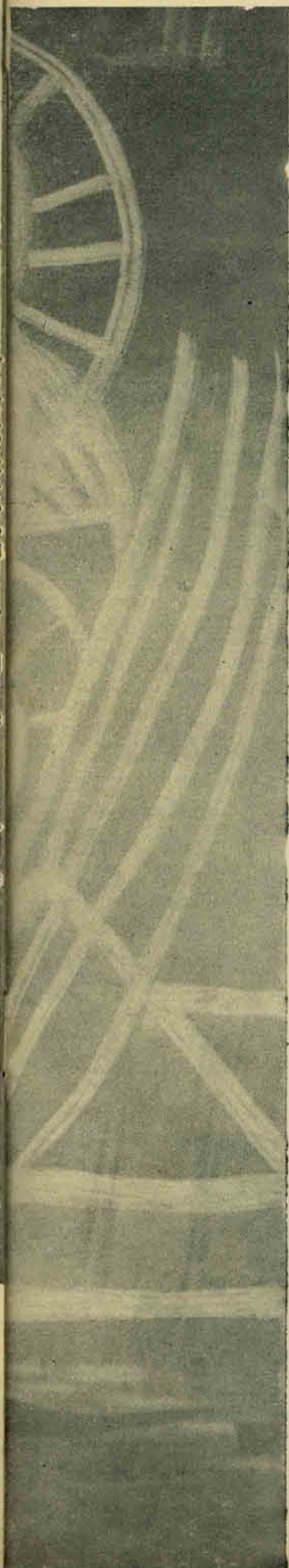


Para as festas da primavera: um tecido leve, transparente, com golinha colegial, laço de pintor e mangas que cobrem os braços. Você deverá gastar três metros e vinte de organza sêda pura.


Vestido em sêda azul-marinho, para cerimônia: saia trespessada na frente, como se fôsse dupla, com um laço do próprio tecido, sem fôrro, arrematando a cintura. Dois metros e meio de sêda bastarão. À dir.: modelo em crepe de sêda negra, muito elegante, com um drapeado em nó marcando o busto.



Vestidos em corte clássico, com tons escuros, tendendo para o azul-marinho e o negro, vão dominar nesta primavera: você os usará com os braços descobertos e com a barra das saias exatamente cobrindo os joelhos. E aqui estão os tecidos da temporada para as ocasiões de gala: organza sêda pura, sêda e crepe de sêda.





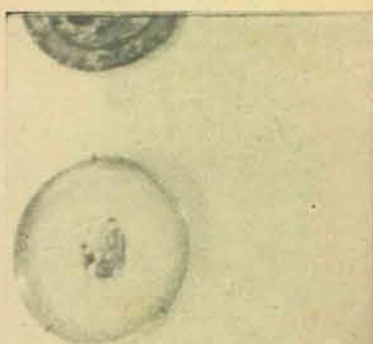
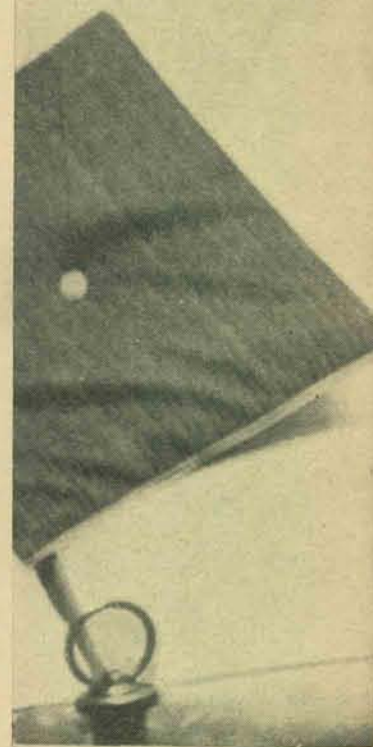


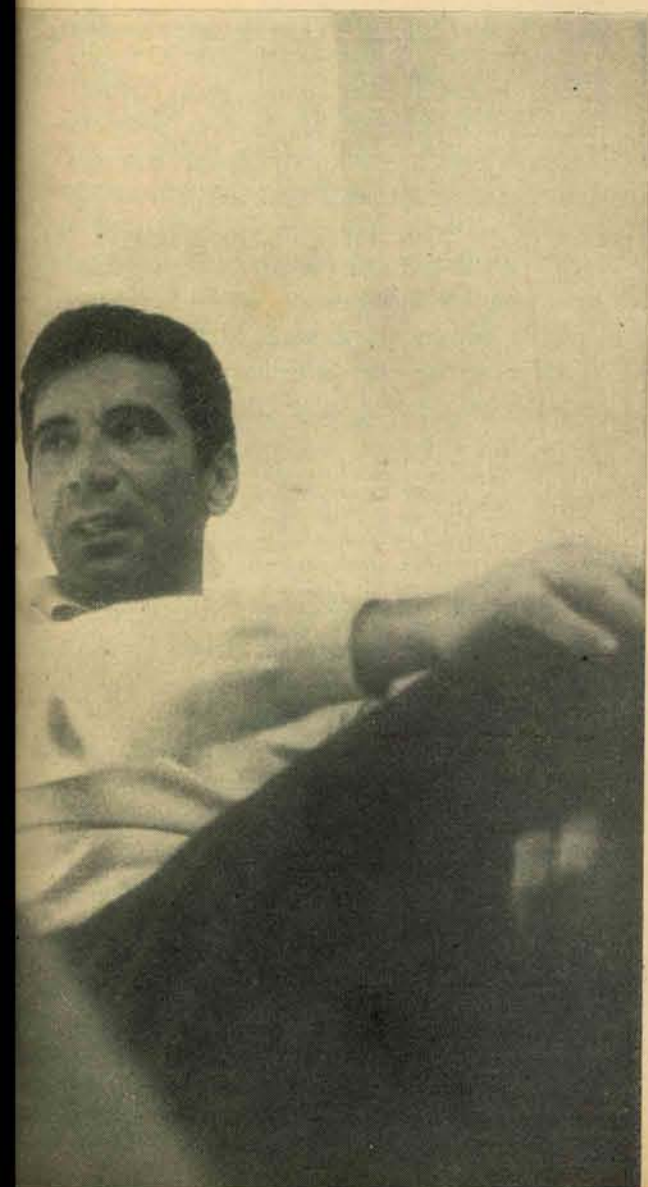
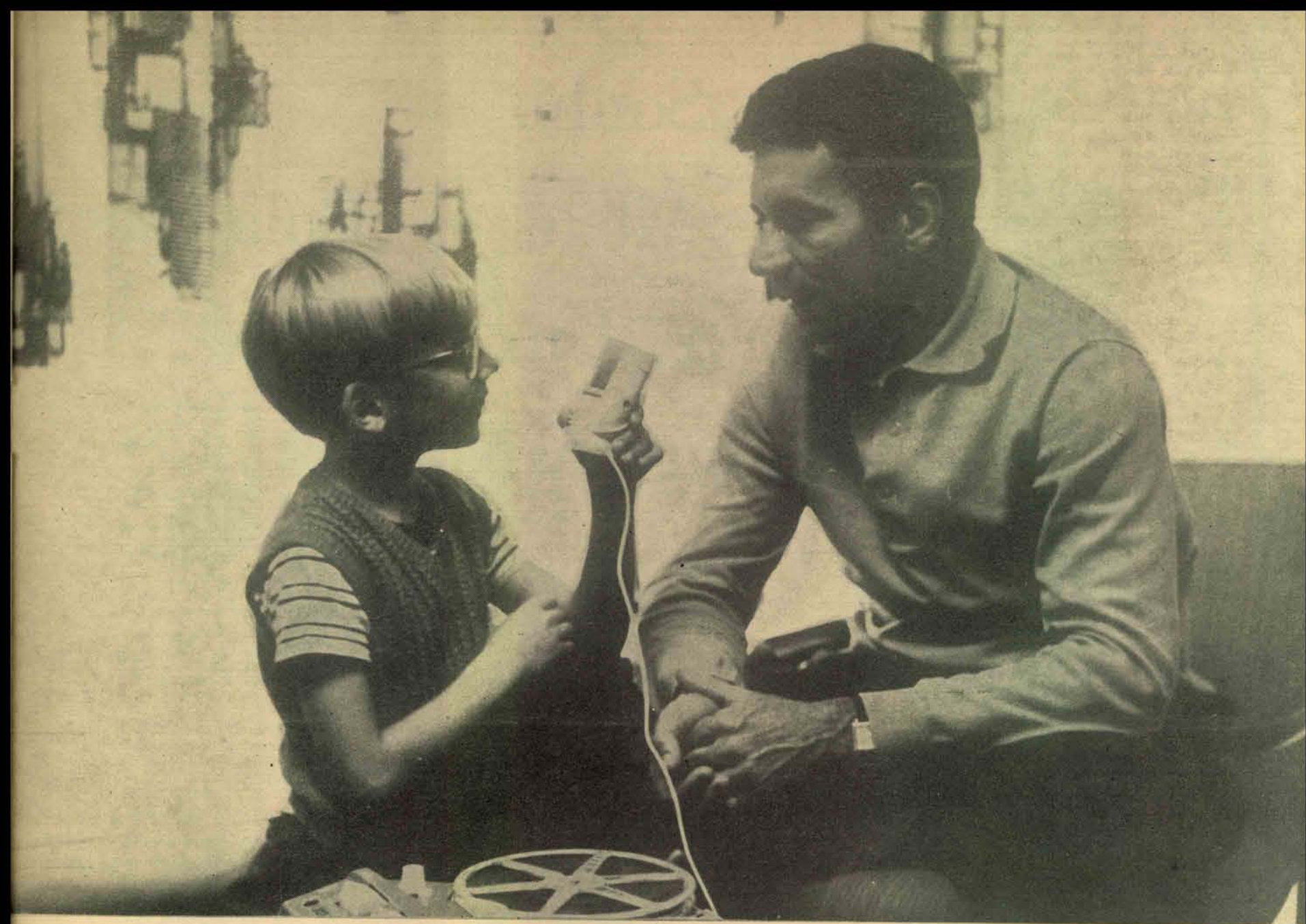
O NILTON SANTOS QUE NINGUÉM CONHECE

Nilton Santos não sabe bem porque, mas a música que Dorival Caimi canta, baixinho, na radiola, consegue comovê-lo tanto como se aquele fôsse o primeiro adeus, dado numa noite de 6a. feira, à mulher e ao filho de 9 anos: amanhã, como acontece sempre que o Botafogo joga aos domingos, o craque eterno entrará numa concentração, com sabor de presídio—e só voltará dois dias depois. Era para já estar acostumado e sentir-se alegre, ouvindo Carlos Eduardo contar, enquanto come biscoito, que a professôra gostou muito de sua prova de matemática (ganhou nota 9). Ou sonhar, junto de dona Abigail, com um fim de semana no sítio, em Correias. A voz de Dorival Caimi cala na radiola: vai cair outro disco, mas antes, Nilton Santos sente vontade de jurar que este é o seu último ano de futebol. No apartamento do Leblon, Nilton Santos é um homem que sente medo: teme que o segundo filho, que dona Abigail espera para setembro, nasça quando ele estiver na concentração.

De Hilton Ferreira E
Alvimar De Freitas,
Nossos Enviados
Especiais à Guanabara

*Um
Dilema
Aos 38 Anos*





Já não há mais nenhuma música na radiola. Dona Abigail abraça Nilton Santos, que ainda pensa no segundo filho — quer um outro menino — e repete uma frase, sempre renovada à véspera das excursões e das concentrações: — «Por que tu não me vendes teu passe? Gostaria de ser milionária só para comprá-lo». Quando dona Abigail fala assim, Nilton Santos vê crescer sua disposição de dar adeus ao futebol, mas vive uma indecisão: suportará, mesmo aos 38 anos, abandonar o que tem sido a sua outra grande alegria? Há de ser difícil, mas não só dona Abigail, também Carlos Eduardo, festejaria o acontecimento como quem vibra com um belo gol. O gol que não causa qualquer emoção em Carlos Eduardo, que parece filósofo, quer ser engenheiro e tem, entre seus brinquedos preferidos, tanques de guerra, revólveres, capacetes de aço e um gravador, no qual faz entrevistas com Nilton Santos sem nunca tocar em futebol. Para o pequeno repórter Carlos Eduardo a melhor notícia que ele gravaria seria a de que Nilton Santos deixou a bola.

No Sonho Do Adeus À Bola Nasce Um Santos Amargo



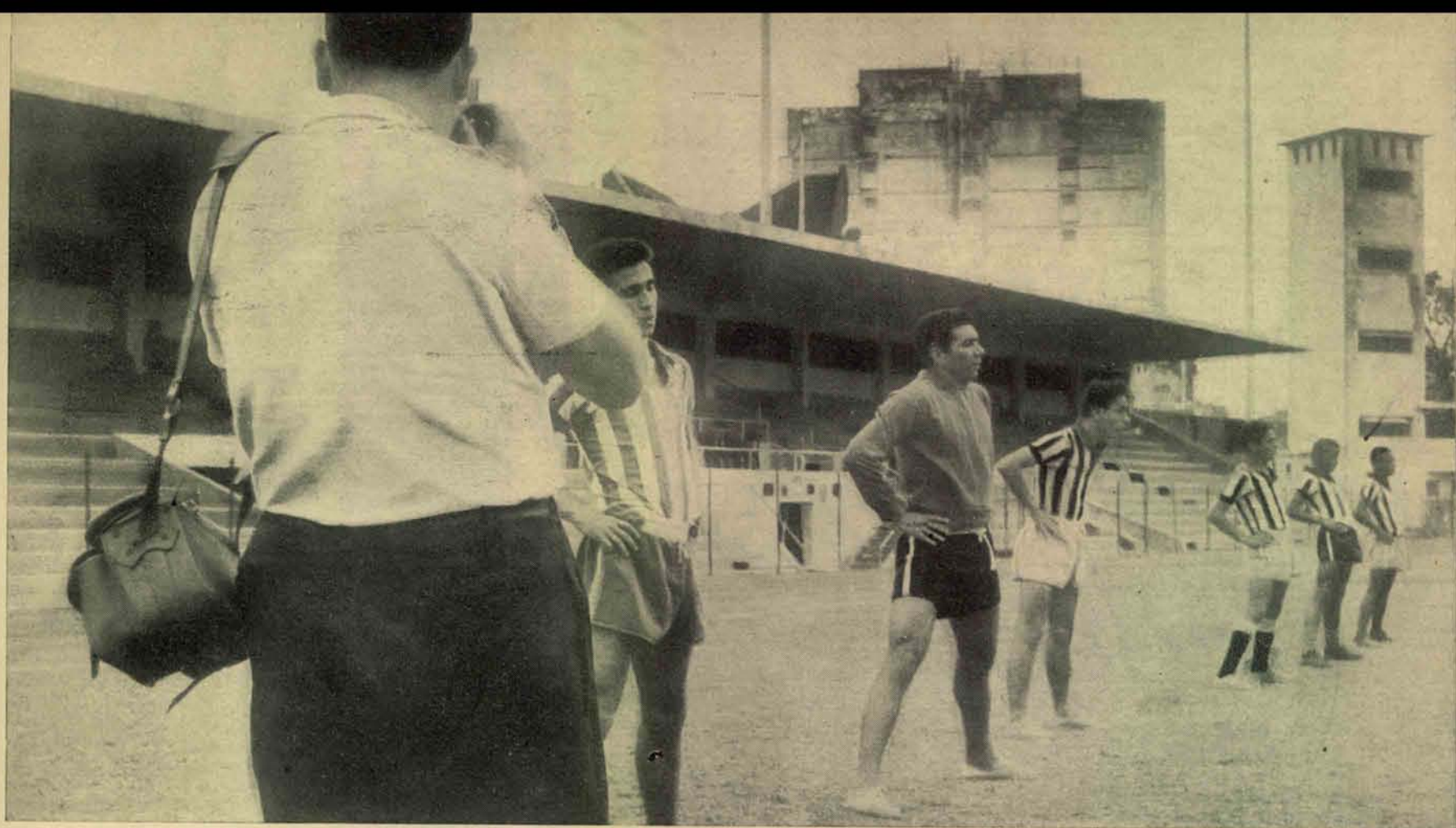
**VINHO
CASTO
não se discute,
b e b e - s e !**

O dilema de Nilton Santos é o de todo jogador de futebol para quem a mulher é tão (ou mais) importante que a bola: duas vezes herói da Copa Jules Rimet e considerado o maior lateral esquerdo que os olhos do mundo já viram, ele é, aos 38 anos, quando os locutores esportivos o comparam aos bons vinhos, um craque realizado. Vem honrando, desde que surgiu, ao lado de Gerson, no Botafogo, a camisa de um time glorioso: não precisa mais dormir para sonhar com glórias, nem mesmo com a fortuna. E Nilton Santos é feliz não só pelas próprias alegrias, mas pelas emoções que deu aos brasileiros, para os quais o futebol, a seu ver, é uma felicidade maior que o carnaval. Além de lhe dar um futuro tranqüilo, bem diferente do reservado aos craques do passado, a bola fez de Nilton Santos um homem culto que sabe ver no futebol toda a sua importância. Sabe, por exemplo, que um povo que grita um gol emocionado, é um povo com esperança, invencível. Quantas vezes Nilton Santos não viu lágrimas nascerem dos olhos dos mais duros, abraços serem trocados por gente que nunca se viu? Para Nilton Santos, a bola, essa esfera de couro descrita pelos locutores esportivos, merece ser amada.

Mas e a família? Doze anos atrás, quando trocou o primeiro olhar e se apaixonou por dona Abigail («era a moça mais linda que eu tinha visto»)

a bola deixou de ser seu único amor. Nilton não prometeu, no calor do noivado, dar adeus ao futebol, mas hoje, com dez anos de casamento feliz e um filho de 9 anos, sente ser preciso viver mais para a família. Porque, ainda que qualquer jogador profissional queira, os contratos o obrigam a servir, primeiro, à bola. Quantos craques não tiveram sequer lua de mel? Quantos, como Gilmar, Zito e o próprio Nilton Santos, não ficaram apenas dois dias com a mulher e os filhos, no Brasil, após a segunda Jules Rimet e logo seguiram numa nova excursão? E há mesmo os que, como Kopa, o grande Kopa da seleção francesa fizeram sorrir um estádio inteiro, enquanto em casa o filho estava morrendo. Nilton Santos pensa nisso tudo e vai ouvindo, novamente, as frases de dona Abigail. Uma delas: — «Para toda mulher o domingo é o dia mais feliz, menos para mim».

Nilton Santos é contra as concentrações que prendem, numa espécie de presídio que tem música, revistas e onde, às vezes, é permitida a entrada de jornalistas, os jogadores pelo menos três dias por semana. Em vez de descansar, elas servem, para energizar os craques, em particular os casados. E hoje, explica Nilton Santos, o futebol brasileiro evoluiu tanto que nenhum jogador sério precisa concentrar-se: — «Já se foi o tempo em que, em qualquer oportunidade, nossos



craques aproveitavam qualquer folga para freqüentar boites. Agora todos sabem que é indispensável o maior cuidado». Para Nilton Santos, as excursões, que rendem milhões aos grandes clubes, são outro sacrifício para o jogador e a família. Ao lado do medo do avião — Nilton Santos foi da Aeronáutica, mas sente pânico de voar — o craque eterno sofre pela saudade. Há mais tempo, gostava: ia conhecer o mundo, que hoje não tem mais mistérios para ele. E quando viaja pensa mais em dona Abigail, cuja maior vontade é poder viajar pela Europa tendo o marido como cicerone. Mas só quando abandonar inteiramente o futebol poderá levá-la.

Tudo isso vai fazendo Nilton Santos julgar-se um pouco egoísta, sentir que precisa dar mais tempo a dona Abigail e a Carlos Eduardo. Mês passado, ao ser suspenso por duas partidas, Carlos Alberto recebeu o pai com festa, a mesma festa quase que fez para recebê-lo como bicampeão mundial. O motivo: poderia ter o pai a seu lado em dois fins de semana no sítio de Correias. Mesmo assim, Carlos Eduardo obrigou o pai a garantir diante de um gravador, que iriam passear, dizendo: — «Se não for verdade, eu ponho o gravador para rodar e mostrar que o senhor falou uma mentira». Carlos, que só já chutou uma

bola, de brincadeira, num programa de televisão — tentou dar dribles no pai — gosta muito de conversar com Nilton Santos e aproveita todos os momentos. Para ele não há pessoa igual ao pai, com quem brinca e discute seus pequenos problemas. Os treinos, o trabalho, pois agora Nilton Santos é funcionário, afastam mais ainda o pai de casa. E Nilton Santos confessa desconhecer tôdas as alegrias do filho. Um exemplo: reunião em casa, à noite, com Nilton Santos de chinelos, dona Abigail, Carlos Eduardo e a avó materna, dona Alcina. Nilton brinca com o filho dizendo que breve ele, que já tem vontade de tomar uísque, vai pedir dinheiro. E diz:

— «Eu não não dar...»

A sogra intervém:

— «Mas dinheiro até que você poder dar, que eu saio com ele sempre...»

— «É? E onde vocês vão...»

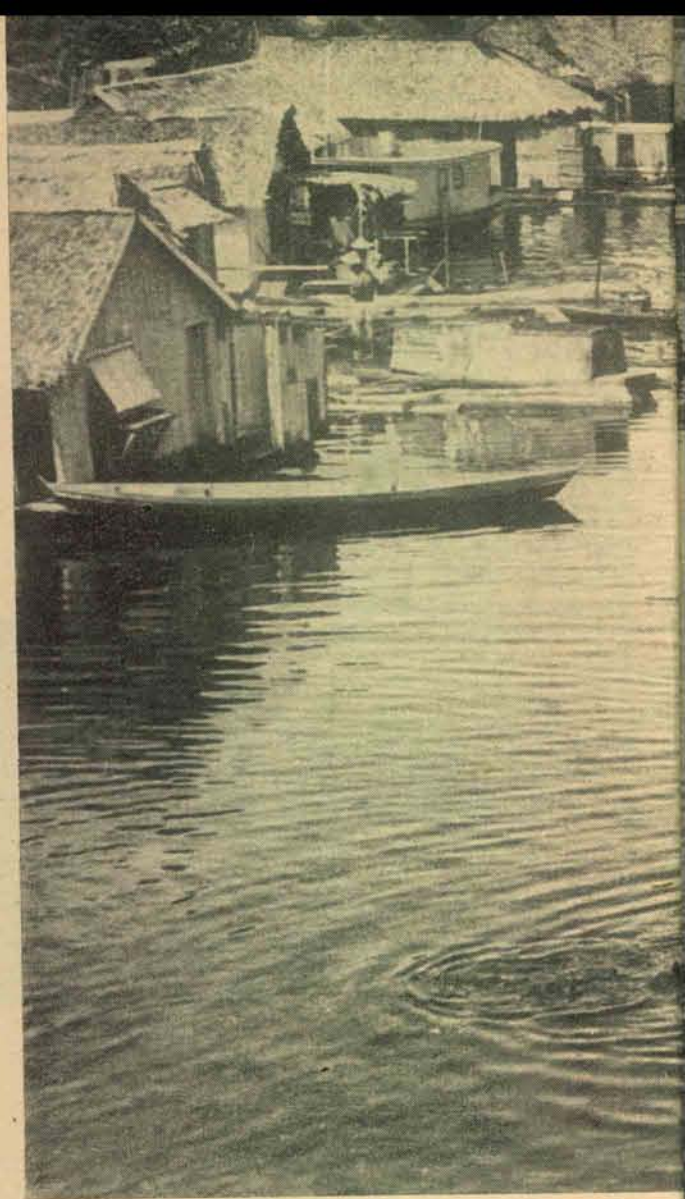
— «Ao cinema, fazer um lanche, comprar sorvetes...»

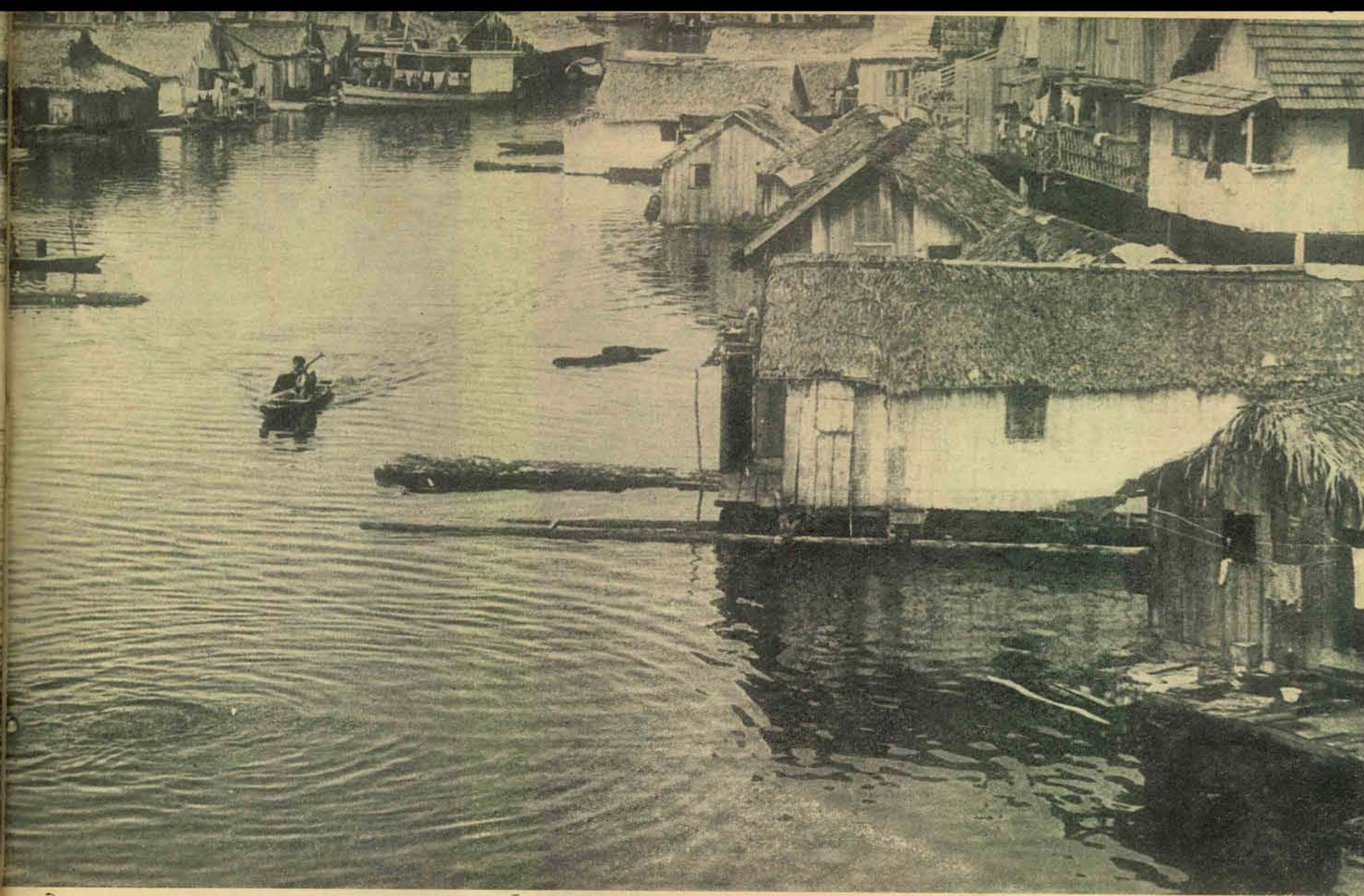
Nilton Santos não consegue esconder: ele sim, tem vontade de sair despreocupado, com o filho. E se comove tanto que volta a prometer abandonar a bola, aquela mesma bola que fez um rapaz de 19 anos perder o sono ao saber que o futuro, que esperava encontrar na Aeronáutica, estava numa camisa preta e branca da es-

trêla solitária. Essa mesma bola de quem os meninos brasileiros se fazem íntimos e em torno da qual passam a fazer girar sua esperança. Sem saber que mais tarde, ainda que tenham trezentas camisas de luxo como Amarildo, passarão de amantes, a escravos. Mesmo assim, Nilton Santos aconselha o casamento a todo jogador seu amigo: num discurso que fez ao agradecer uma homenagem pelos seus 15 anos de Botafogo, disse que para um craque nada melhor que uma mulher como dona Abigail. — «Se não fôsse ela, eu não estaria jogando até hoje». Depois aconselhou Rildo, jogador que surgiu para a fama quase tão depressa como ele, a casar-se. Nilton Santos sempre teve, em dona Abigail, o sorriso pelas vitórias. Pensa agora no outro filho («quem sabe não será um bom craque?») e promete ser em 64 apenas o cidadão Nilton Santos. Nos sonhos que ele tece, à noite, com dona Abigail, há o plano de construção de uma casa na ilha do Governador e os fins de semana em Correias. Lá, sim, no campo do amigo José Luiz Ferraz, Nilton Santos terá encontros com seu primeiro amor: a bola, uma bola despreocupada que não tem mistérios para ele.

H.F.

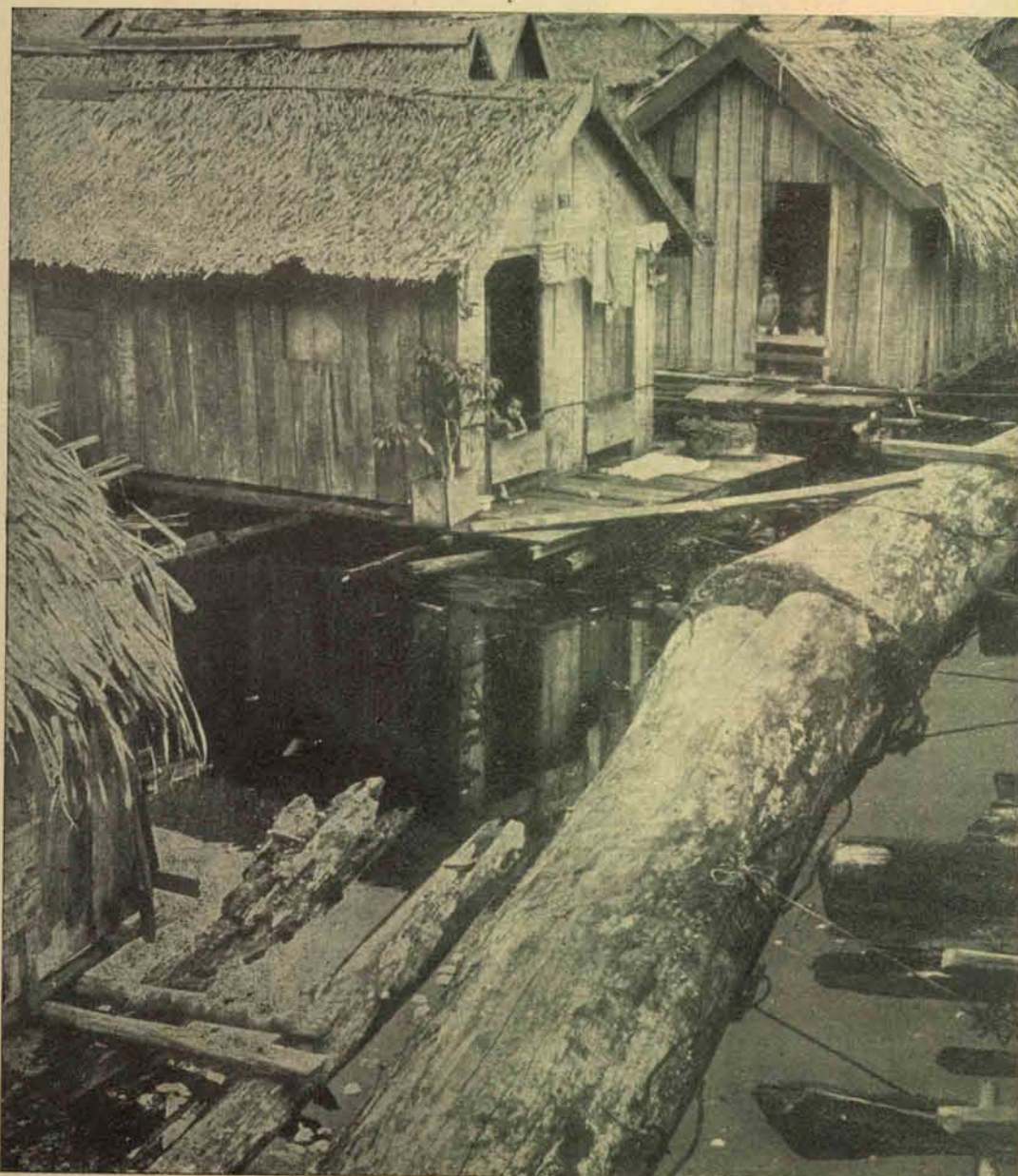
***ESTA É
A CIDADE
QUE
CAMINHA***





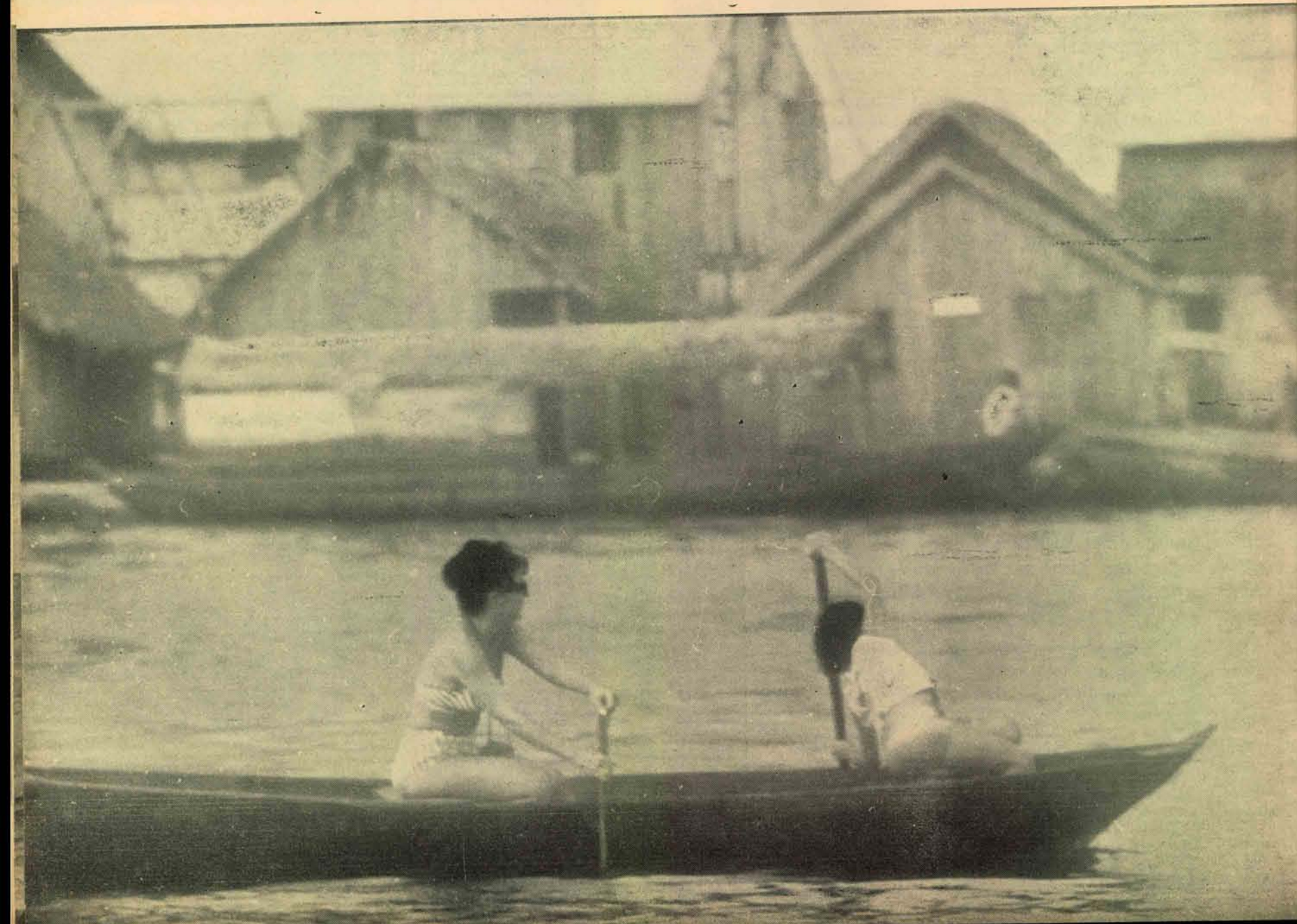
Eis a Cidade Flutuante, em Manaus: aqui, ao contrário de tôdas as crianças que tomam seu primeiro banho numa bacia de água quente com um pouco de álcool — muito bom para fazer dormir — os meninos, 10 minutos depois de nascer, são lavados na porta da casa. Qualquer descuido — era uma vez um menininho, bem pequenininho que, ninguém sabe porque (talvez por achar muito melhor ser peixe) escapou das mãos da parteira e, sem dizer adeus, sumiu nas águas do Rio Negro. Mas até agora, essa é apenas uma história muito bonita, que faz as crianças da Cidade Flutuante chorarem: recém-nascido nenhum morreu assim. Para os meninos até que é divertido: brincam na água, andam de canoa e quando fazem alguma travessura — ver foto à esquerda — driblam muito bem a mãe que lhes reserva boas palmadas e não consegue apanhá-los. Esse é o único tipo de drible dos meninos, que não sonham ser Pelé ou Garrincha: não têm como chutar bolas. Seu destino é o mesmo dos pais: operários de salário mínimo ou pescadores com as vidas entregues ao sabor das águas de um rio que não honra o nome — chama-se «Negro», mas é moreno ao sol. Ninguém tem endereço certo: se o rio enche suas casas caminham, dançando de leve e ficam mais próximas da cidade grande; se esvazia, elas voltam, saudosas.

Reportagem Fotográfica de
Dilson Martins, Nosso
Enviado Especial ao Amazonas



Uma Canção Noturna E Um Sonho Feito De Música

«It's wonderful», exclama a turista norte-americana, que paga Cr\$ 250 pelo passeio de canoa durante o qual seus olhos ansiosos de exotismo buscam o pitoresco protegidos por uma lente (de descanso) colorida. Mas para as mulheres da cidade que flutua não é maravilhoso subir ao telhado sem telhas — é de palha de coqueiro — e estender a roupa. Elas sonham sonhos simples: ter, por exemplo, um varal e espaço, mais espaço. Também um pouco de diversão como uma coisa simples, banal mesmo, que se chama rádio e toca música. Porque a serenata da orquestra de sapos, que cantam tôda noite, só encanta mesmo aos turistas («Por que não gravam um disco com essa canção estranha?»). Sua distração é lavar roupa e, quando mais jovens, olhar-se no espelho das águas do Rio Negro. Ah, o Rio Negro é bom amigo, é bom espelho: como ficam líricas refletidas nas águas as mulheres da cidade que flutua. E se tivessem aprendido na infância a história de encanto, poderiam dizer: — «Mágico espelho meu, há alguém mais bonita do que eu?»



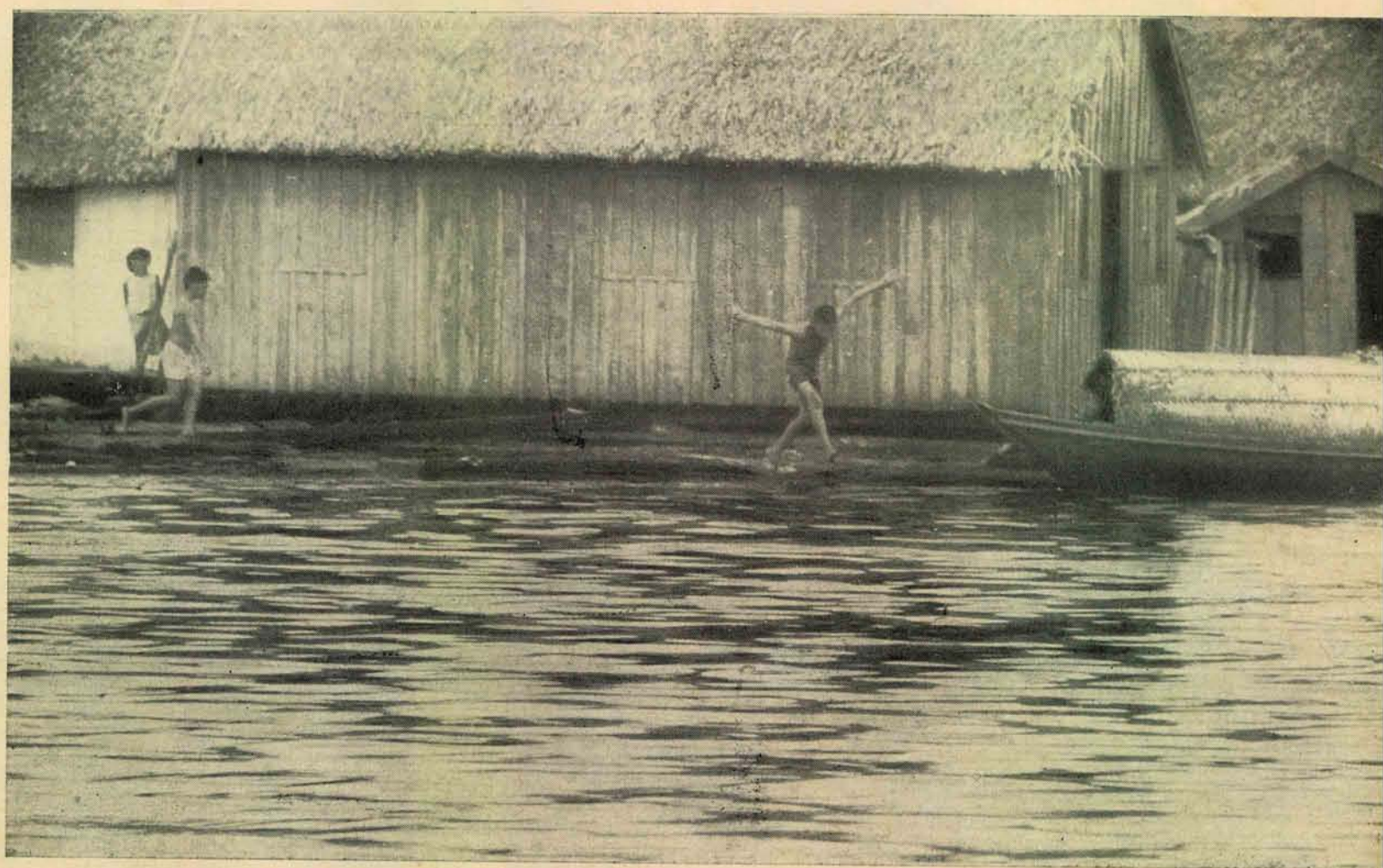


O Menino Prisioneiro Vizinho Das Flôres



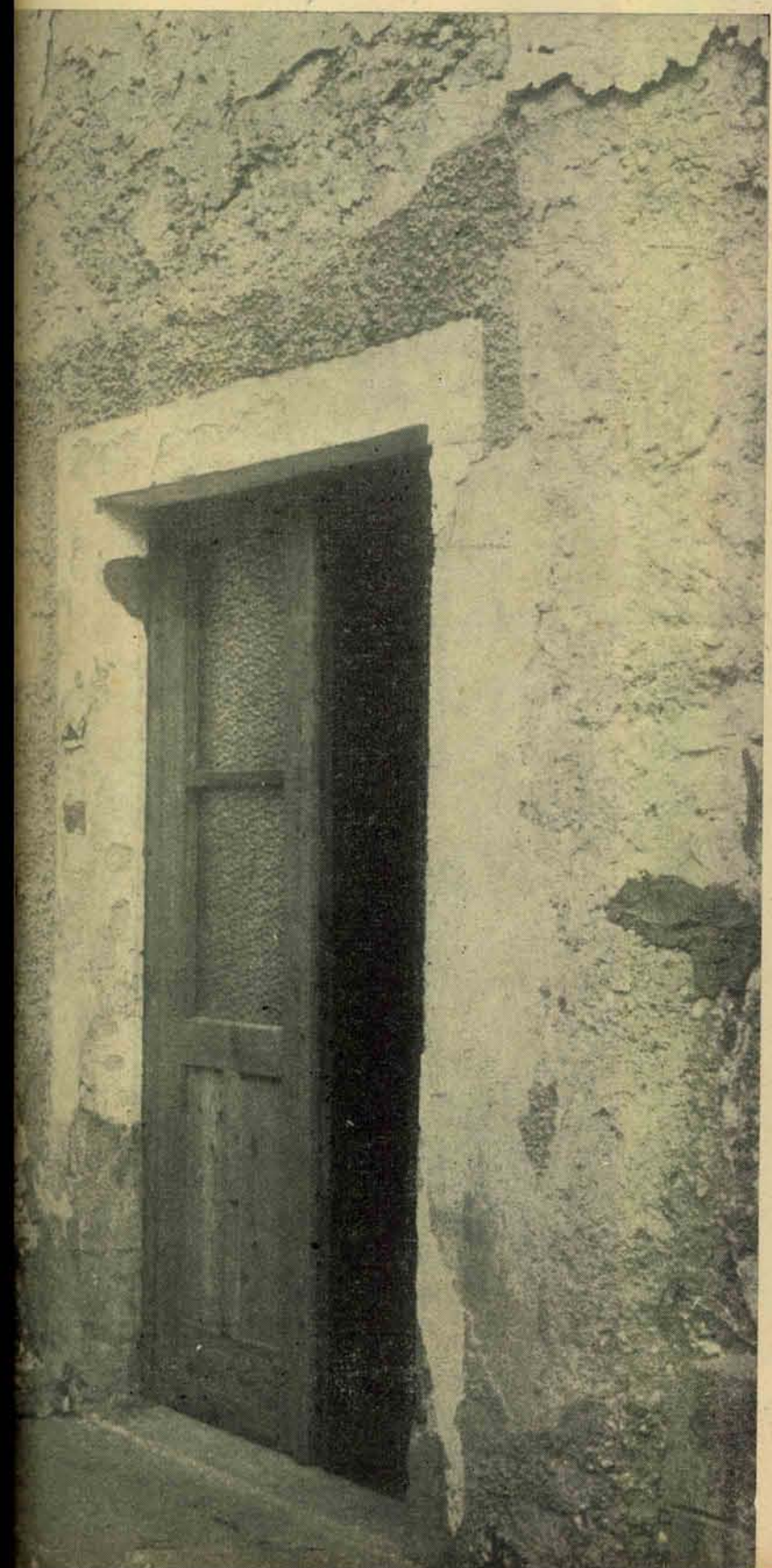
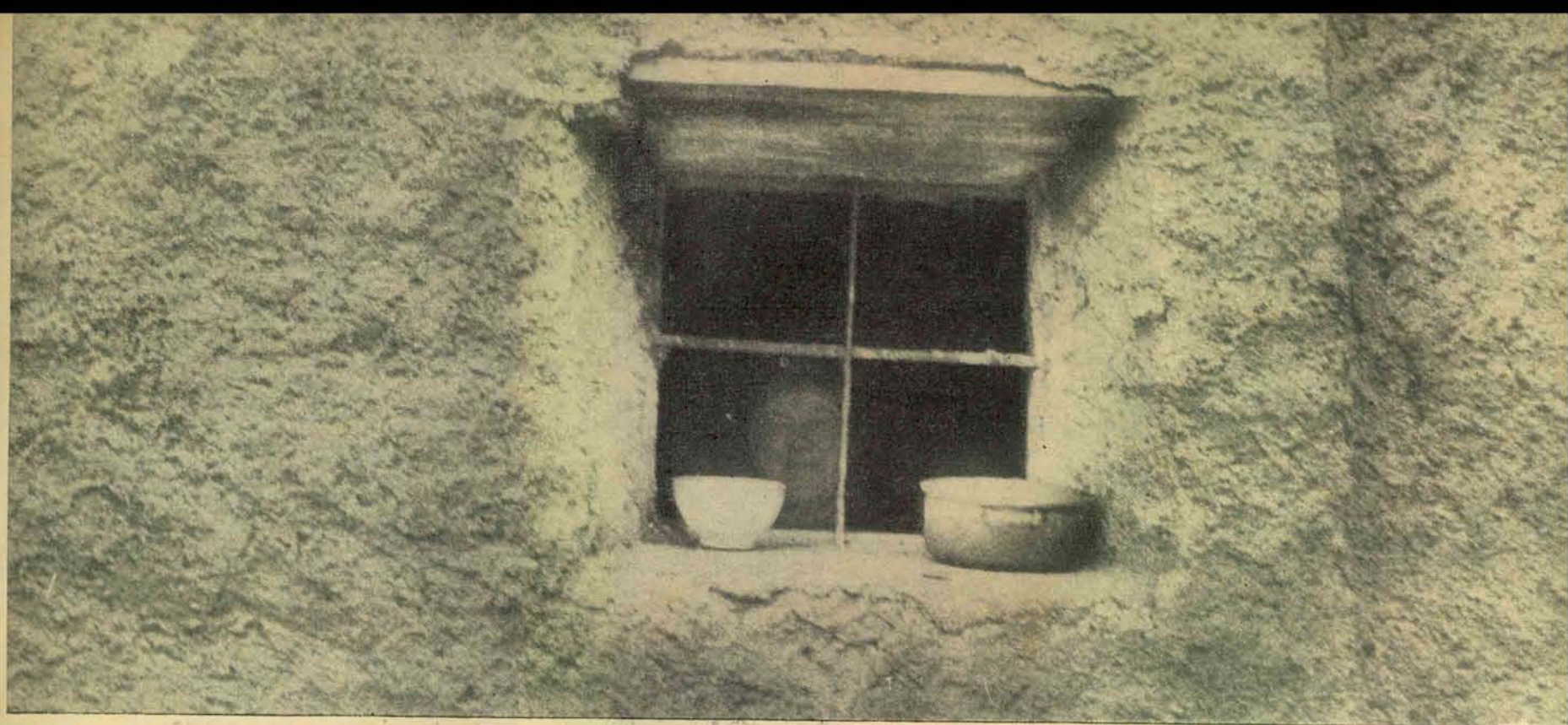
Há um sonho de flôres entre as mulheres que, talvez pelo simples motivo de serem mulheres, sentem-se frustradas: é proibido ter jardins na cidade flutuante. Elas se compensam comprando cortinas de plástico desenhadas com flôres — rosas, cravos e margaridas — ou plantando, em pequenas latas, violetas e amor perfeito. Em tôdas casas pode faltar, num dia qualquer, um outro prato que não seja o peixe, dado pelo Rio Negro, menos uma flor. Porque é pelas flôres que as mulheres ainda se sentem fortes, conseguindo evitar que morra uma esperança que transmitem aos filhos — aqueles meninos que se divertem arriscando a vida e têm ao lado, em vez de bonecas louras que falam mamãe e jogam beijos, uma presença negra. Quando crescerem, se ainda morarem na cidade que flutua, hão também de plantar flôres — essas estranhas flôres pelas quais mulheres cansadas e sofridas são capazes de sorrir, cantar, sonhar, ainda que, por trás de uma janela — e vizinho das flôres — um menino de 2 anos olhe o mundo como prisioneiro. A explicação: na cidade que flutua, hão também de plantar flôres — sair de casa; é melhor vê-las prêsas a mortas nas águas negras, morenas ao sol, do rio e amigo.





A SAUDADE MORA ATRAS DESTAS JANELAS





A mulher de negro que desce a rua com o andar de quem não tem pressa morreu há vinte anos, mas quem a vê pensa que ela está viva. A outra mulher que se esconde atrás da janela parecendo ocultar a solidão também morreu no mesmo dia. E com elas, mais cinco mulheres: são as sete viúvas de Stermetz, uma pequena aldeia iugoslava perto da fronteira com a Itália. Morreram numa manhã de 1943, no mesmo instante em que as balas das metralhadoras da S. S. atingiram os seus maridos, filhos, irmãos e pais, para que fosse vingado um general alemão. Naquela manhã nenhuma mulher foi assassinada: apenas os homens. Mas as sete viúvas resolveram fazer o tempo parar, para que a crueldade do massacre não fosse esquecida. E hoje, vinte anos depois, ainda permanecem numa vigília que parece não ter fim, sempre rezando pelos seus mortos.

**Reportagem de Victor Franco, da
Agência Dalmas
Fotos de Claude Austin**

Na Procissão Da Tristeza Não É Permitido Chorar



Quem chega a Stermetz sente logo uma sensação estranha: as paredes brancas das casas dão impressão de alegria, mas ela não se completa por causa do silêncio. Não se ouve uma voz de homem ou de mulher e não há um riso de criança. De vez em quando, uma mulher de negro, com passos lentos e aparência triste, atravessa a única rua e desaparece. Não há mais nada. Algumas rajadas de metralhadoras acabaram, em 1943, com a vida e com o barulho da aldeia.

Stermetz era, antes, uma aldeia como todas as outras da Iugoslávia. Os seus 700 habitantes eram alegres e ruidosos. Mas veio a guerra. Numa manhã, uma patrulha descobriu, na entrada da aldeia, o cadáver de um general alemão. Uma hora depois chegaram os soldados da S.S. Todos os habitantes foram levados para a única rua e separados. Os homens de um lado, as mulheres do outro. Quando os alemães partiram, todos os homens de Stermetz estavam mortos. E só restavam paredes e muros calcinados: as casas tinham sido incendiadas. Depois do massacre as mulheres refugiaram-se no vale, onde ficaram até a libertação. Voltaram para reconstruir as casas e, terminado o trabalho, desceram novamente para o vale, dispostas a esquecer o dia trágico. Ficaram apenas as sete viúvas, que resolveram não se separar dos seus mortos.

Numa tarde Maria Vogink, a «Velha», reuniu as companheiras para propor um pacto: continuariam fiéis aos seus maridos, filhos, irmãos, pais e amigos — os mortos de Stermetz — enquanto vivessem.

— Minhas irmãs, disse ela, não nos esqueçamos que os nossos mortos estão aqui entre nós, sempre presentes.

— Crês verdadeiramente que eles nos observam? perguntou Stefânia Kuk.

— Eles nos vêem, eles nos compreendem, eles nos julgam.

— Mas eles estão mortos, disse Yvanka Manja.

— Crês, sem dúvida, que nas sepulturas do nosso cemitério há apenas cinzas — retrucou a «Velha». É engano. Sob as pedras das sepulturas há muita coisa mais do que cinzas: há os nossos mortos, nossos maridos, nossos filhos, nossos pais, nossos amigos. Estão lá porque nós não os esquecemos. Enquanto houver a lembrança, nossos mortos continuarão a viver, sempre perto de nós, muito mais perto do que se imagina. Chegará o dia da nossa morte. Somente então os nossos mortos morrerão de verdade. E, nas sepulturas fustigadas pelo vento e pela chuva, nada haverá a não ser as cinzas.

Feito o julgamento, as viúvas iniciaram uma rotina que só terminará com a morte da última delas. Todas as manhãs, ao nascer do sol, elas seguem lentamente, parecendo espectros, uma atrás da outra, como numa procissão, na direção do cemitério. Cada uma traz, na mão direita, um ramo de alecrim (que é o símbolo da saudade)





Na Stermetz de hoje as aparências enganam: as casas brancas com as janelas sempre fechadas são os símbolos da infelicidade, enquanto as ruínas são as testemunhas de um passado remoto, quando não era proibido ser feliz.

e, na esquerda, uma vela branca. No cemitério, separam-se: cada qual vai para uma sepultura diferente, deposita o alecrim com cuidado em cima do túmulo e reza. Terminado o ritual, voltam de novo em fila, sem dizer uma palavra. Na aldeia separam-se para cuidar de suas obrigações. Com um forcado, uma foice, uma enxada ou um machado, conforme o trabalho que vão fazer, dirigem-se para os campos ou para a floresta próxima. O trabalho era dos homens, mas elas executam-no sem queixas.

Na Stermetz reconstruída é proibida a entrada de homens e não há, como nas outras aldeias, galos, cachorros, bois, que são também proibidos. Maria Vogink, a «Velha», explica essa aversão ao sexo masculino: «Nós adoramos e detestamos os homens. Eles são ao mesmo tempo anjos e monstros. Estão assentados à direita do Senhor e ousam freqüentar o diabo. Um dia estão amáveis como cordeiros, mas no dia seguinte estão mais sanguinários que os lobos. Eles nos deram os nossos anos mais belos e felizes, mas logo condenaram-nos a lastimá-los. Os homens legaram-nos lembranças maravilhosas e tenebrosas».

Numa tarde de inverno, um casal de turistas pediu abrigo em Stermetz. Explicaram que estavam cansados e não poderiam continuar a viagem porque nevava. A «Velha», que os recebeu na entrada da aldeia, ofereceu-se para hospedar a mulher. «E eu?» — perguntou o homem. «Você — disse ela — vai até Bovetz, porque a nossa aldeia está fechada para os homens».

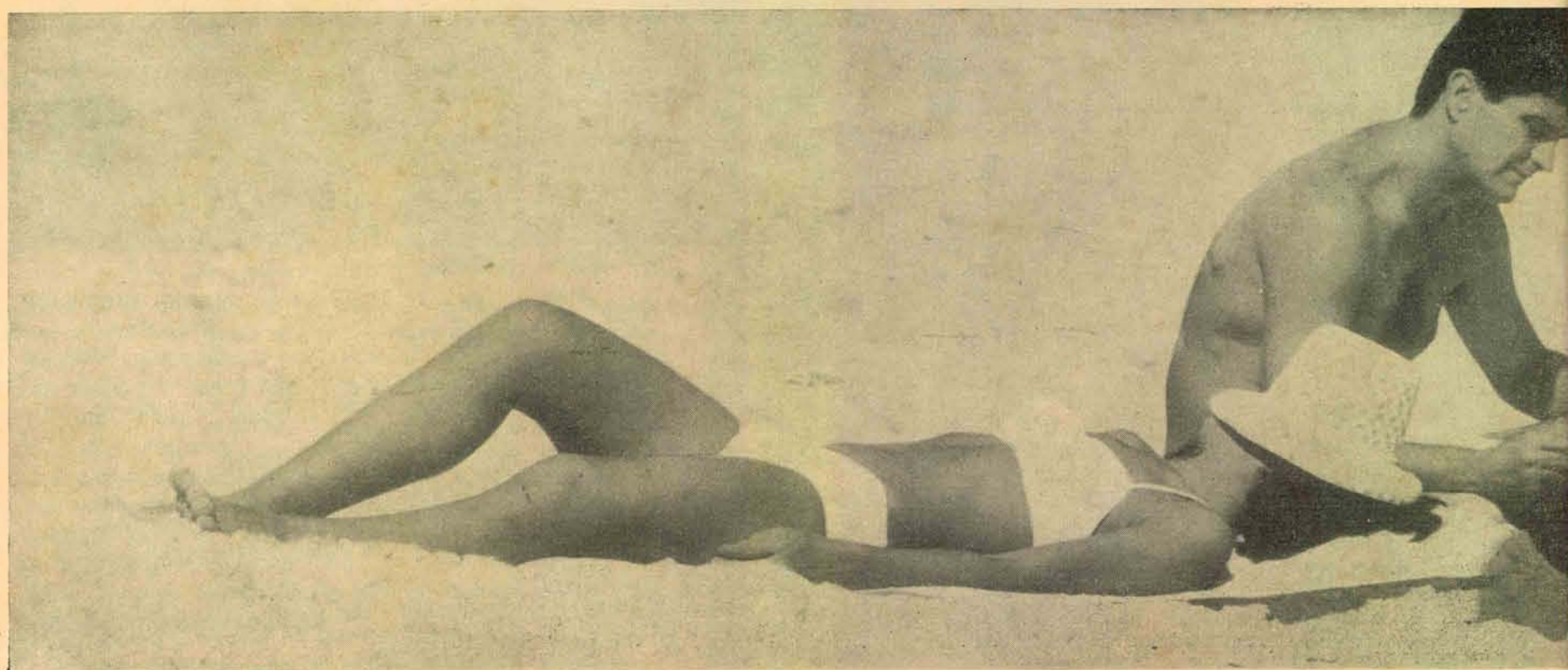
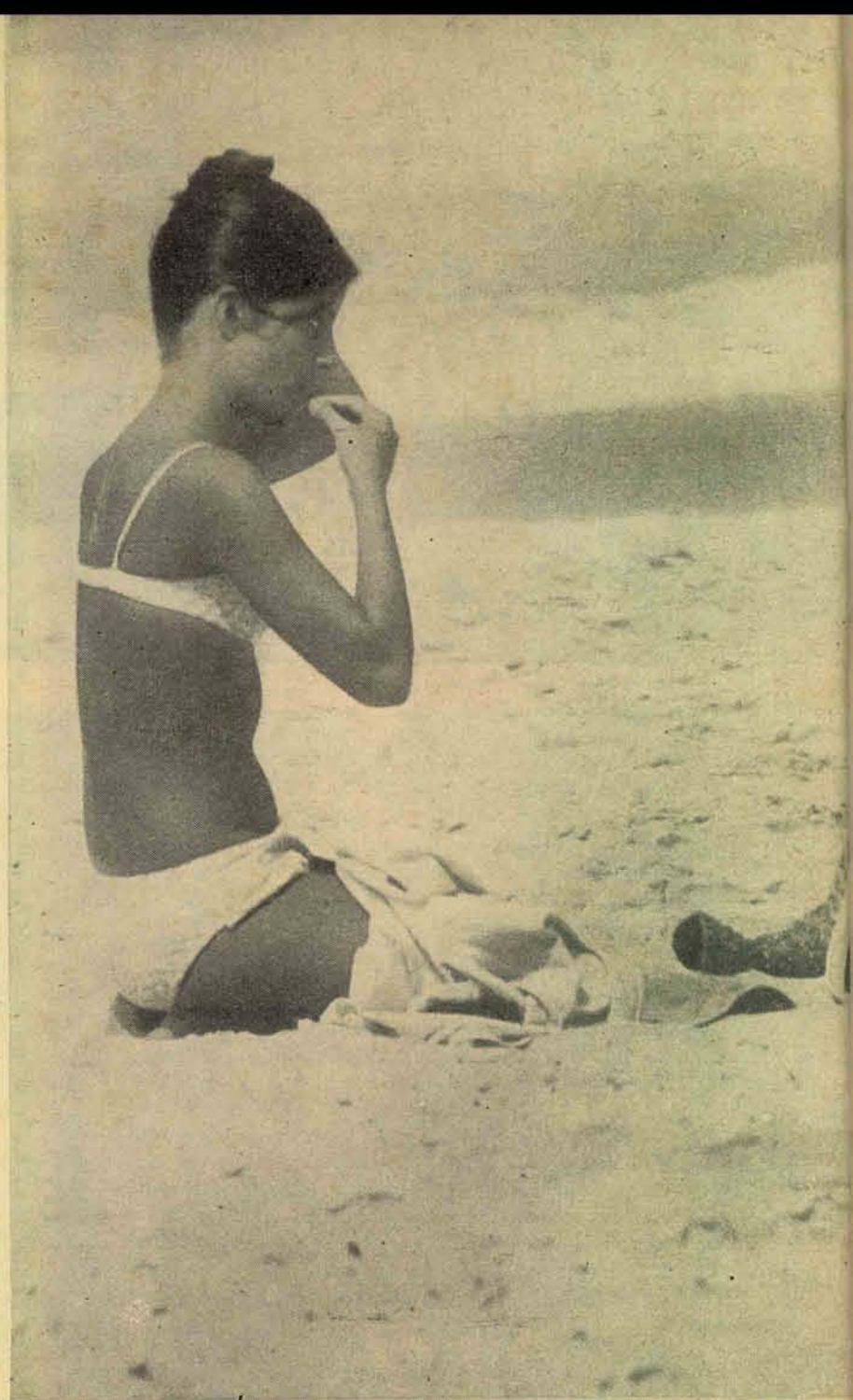
Uma das viúvas teve um menino, Douchko, poucos meses depois do massacre e levou-o para a aldeia quando foi reconstruída. No dia em que ele fez 13 anos, a «Velha» procurou-a para dizer que ele não podia continuar vivendo lá. Explicou que Douchko estava na idade de escolher uma profissão e iniciar o aprendizado e que deveria ir para o vale. A mulher procurou convencê-la a deixar o menino ficar por mais uns anos, porque ele era ainda muito pequeno. «Não», disse a «Velha». «O teu filho deve partir. Será melhor para ele». No dia seguinte, depois da visita ao cemitério, o menino foi mandado para o vale.

Stefânia Kuk, uma das viúvas, explica a resignação das mulheres de Stermetz, dizendo que «as grandes dores não precisam de gritos». E, depois de uma pausa, com os olhos ainda mais tristes, acrescenta: «Hoje não sentimos mais nada, perdemos até o sentido das lágrimas. Além disso, para que chorar, para que lamentar? Estamos mortas, nós também, disse a «Velha». Não somos heroínas. Quiseram condecorar-nos, mas recusamos. Para que medalhas? Não há nenhum orgulho em nossa atitude, porque não é uma atitude e sim uma situação. No dia em que nossos maridos, nossos irmãos, nossos filhos e nossos pais foram massacrados, nós também morremos. Só que ninguém percebeu isso. Todos acham que estamos vivas, mas é uma ilusão. Morremos há vinte anos».



Enquanto trabalham arduamente no campo, as viúvas esquecem o drama da solidão e recordam os tempos antigos, quando os seus mortos eram homens alegres e as roupas escuras simbolizavam apenas uma infelicidade passageira.

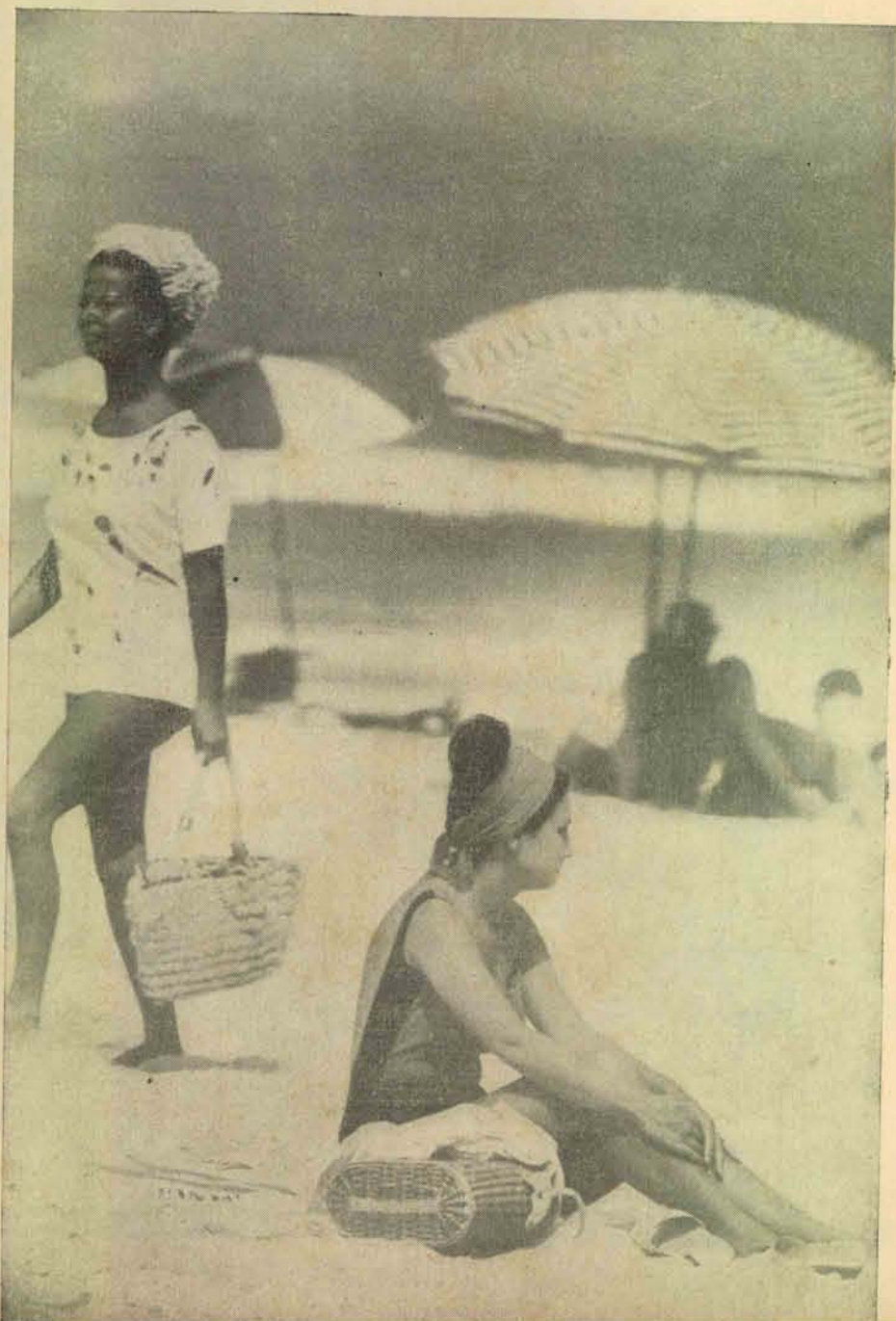
*ELAS MOSTRAM
AO SOL O QUE
O FRIO
ESCONDEU*



Reportagem: Dílson Martins



Pôsto Dois, Copacabana, 10 horas de uma manhã de agosto. Sem ter apenas o sol por testemunha, mas, junto com ele, uma multidão de olhos (que não são sômente mineiros), a môça de biquíni desmente, sôbre a areia branca, o poeta Carlos Drummond de Andrade: transformando a praia numa passarela onde se pinta, penteia-se e desfila o seu bronze entre um cêrco de adjetivos, ela prova que não ficou alienada pelo mar. Mesmo sem ver o navio do poeta, que cruza a baía com turistas e contrabando, a môça tem um compromisso com a vida que continua para além da areia: o de mostrar aos homens que sua beleza pode parar o mundo. Começando pelo trânsito da Avenida Atlântica.

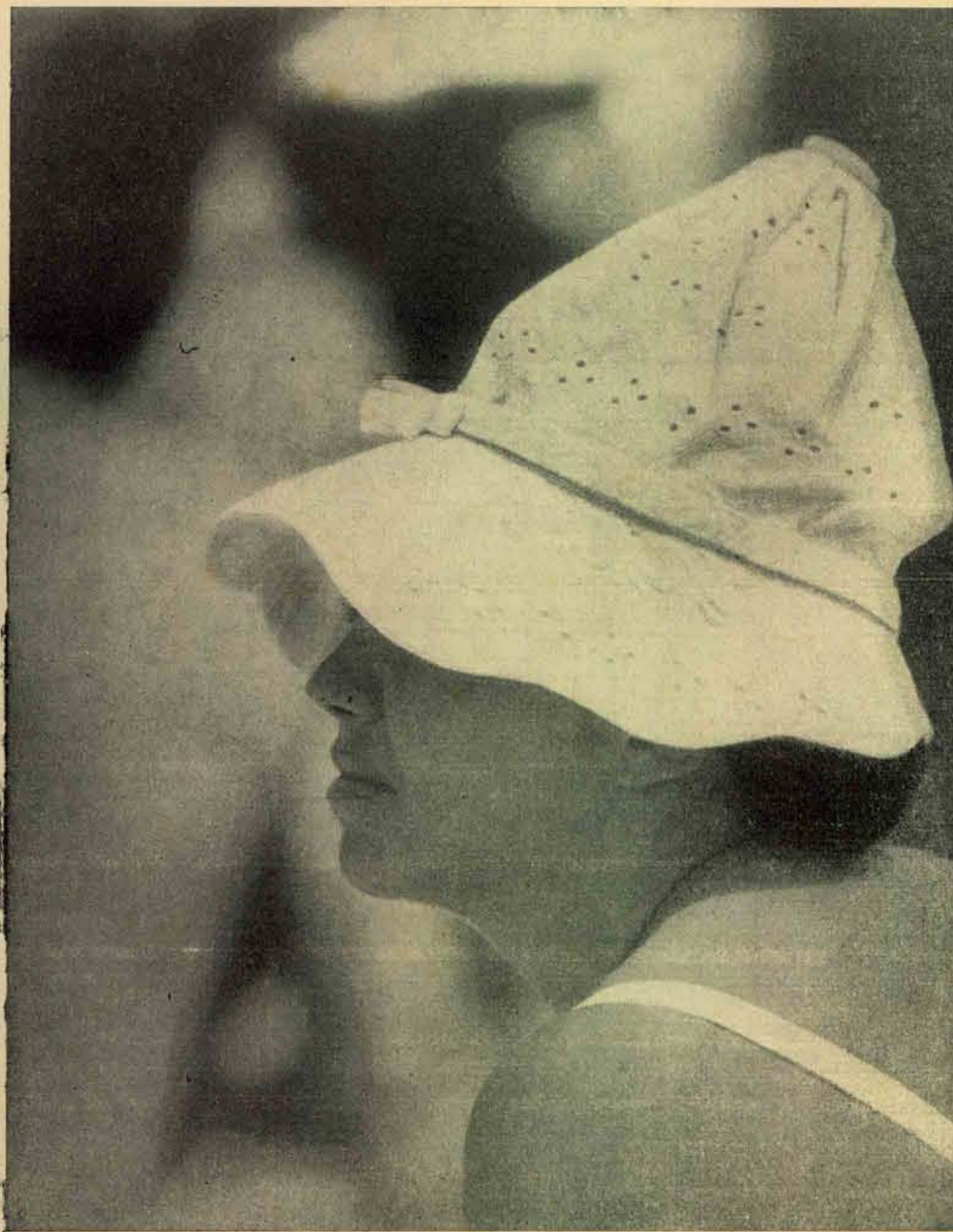
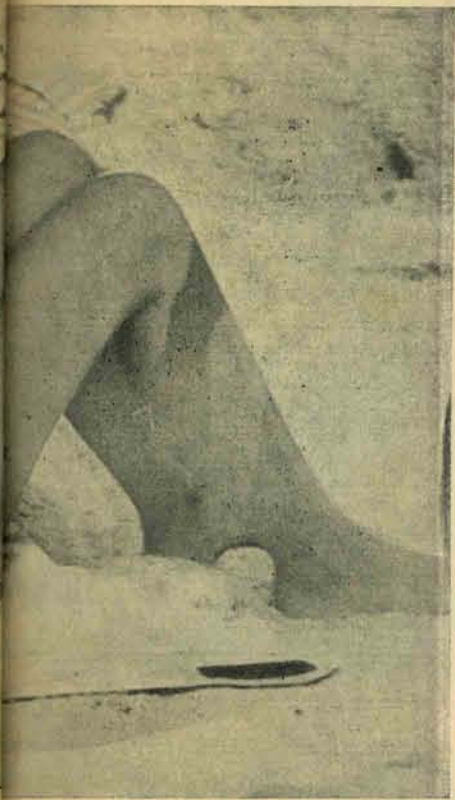


*Sob O Sol
De Agosto,
Uma Verdade (Quase
Nua): Ela É
Linda*

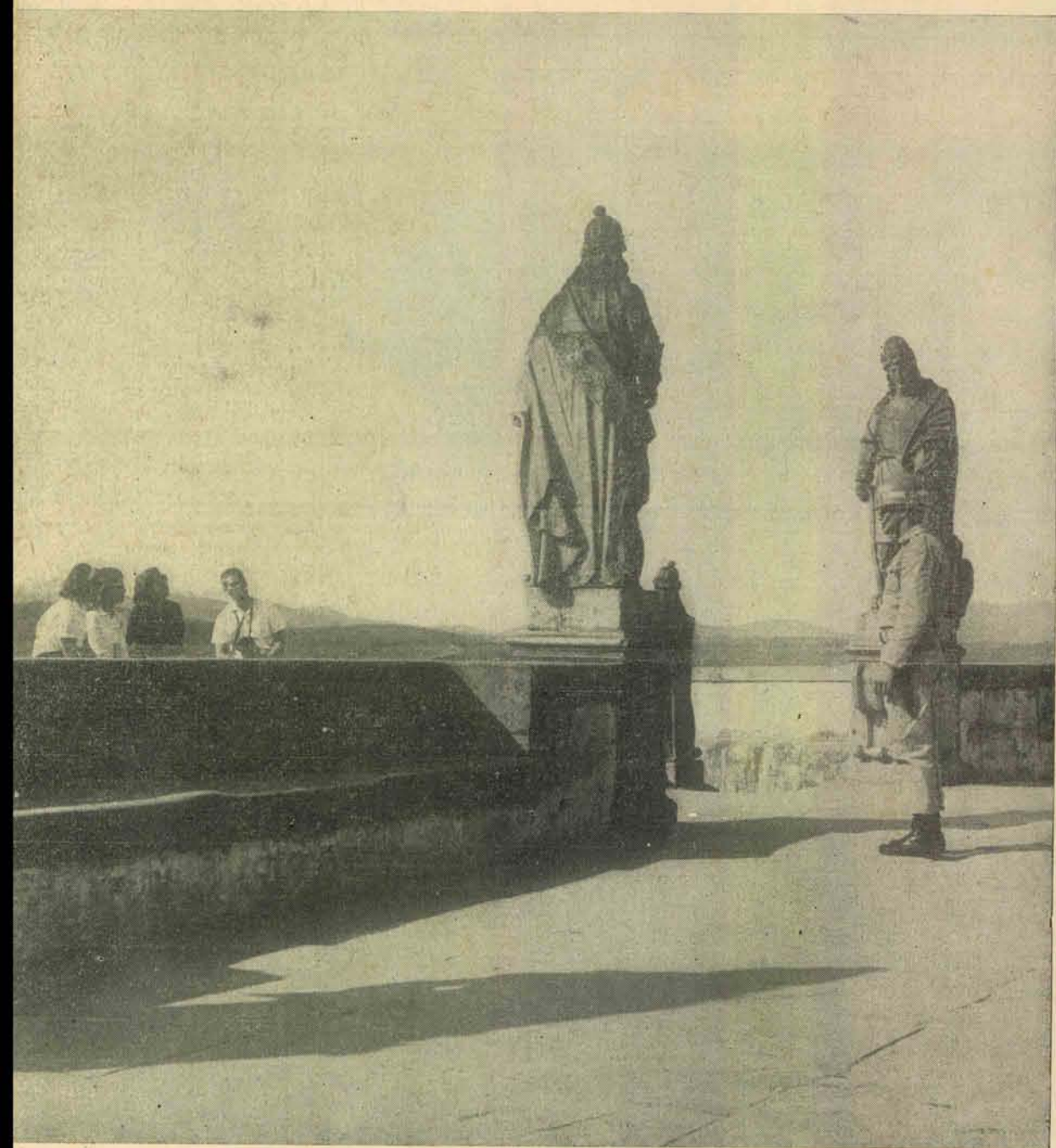
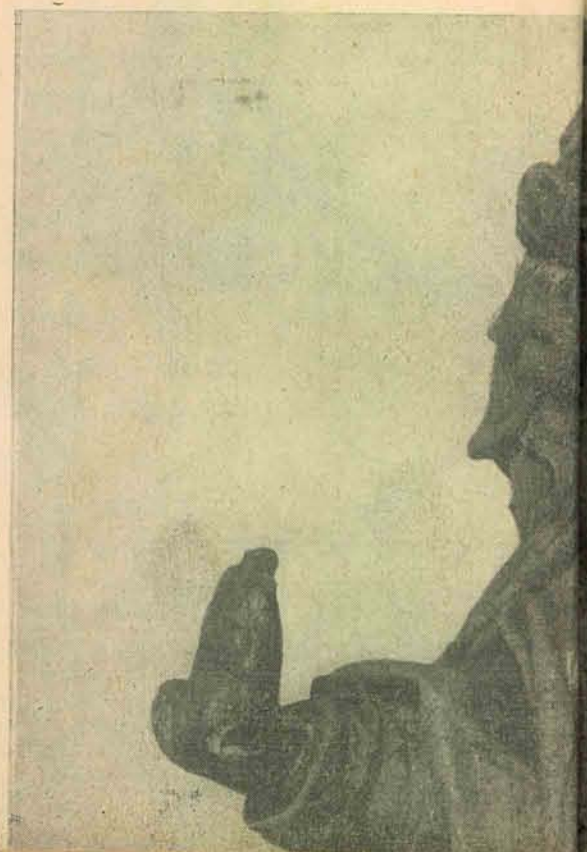


A môça que se levantou às 9 h, no seu apartamento da Avenida Atlântica, tomou um suco de laranja, pôs um biquíni e se deitou na areia, não está encerrada no aparente egoísmo de quem se sabe bela, tão bela que não precisa de elogios: sob o sol brilhante de agosto, ela inicia, no primeiro convívio com a praia, depois de dois meses de inverno, um ritual tão meticuloso que o prazer original do banho de mar parece diluir-se diante dessa rotina obrigatória e mecânica. Da grande bolsa de praia ela retira o equipamento de trabalho: escova de cabelos, pente, baton, lápis de sobrancelhas, grampos, óleo de bronzear, espelho. Primeiro, o rosto: num instituto de beleza improvisado sobre a toalha, ela trata dos lábios, dos olhos, dos cílios, com o mesmo cuidado que teria se saísse dali para se casar na igreja. Depois, o corpo: o óleo espalhado sobre a pele tem a missão de controlar a cor até aquele tom dourado das morenas que é a glória de Copacabana.

Quando os rapazes passam por ela e soltam um adjetivo desinibido, então não há mais nada a fazer, porque o seu dia está ganho: a psicologia feminina manda que a môça faça de conta que não ouviu nada, mas no fundo de seu orgulho ela comemora a conquista de uma secreta vitória. Com um ar de «miss» honorária, a banhista do Posto Dois apanha a bolsa, levanta-se lentamente e parte, num passo musical, que parece ensaiado, escondendo, atrás dos óculos escuros, a alegria de uma vaidade satisfeita.



EIS O FIM QUE OS PROFETAS NÃO PREVIRAM



Reportagem: Dirceu Soares
Fotos: Euler Cássia



A vigilância de quatro soldados da Polícia Militar, dia e noite, junto a estas estátuas, que formam, em Congonhas, o maior conjunto artístico de um só autor, do mundo, é o preço de um risco de vida que correm os 12 profetas do Aleijadinho: nem mesmo o rosto ameaçador de Isaías, à entrada da Basilica do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, consegue fazer medo nos turistas, romeiros e namorados que vão a Congonhas, nos domingos, e deixam escrita a canivete, sobre as imagens em pedra-sabão, a marca da sua presença, sob a forma de algumas iniciais, de datas e, às vezes, de um coração flexado.

Todos os profetas estão riscados e Daniel, embora esteja ao lado de um leão, é o que mais sofreu de todos eles, enquanto Jonas, o que está junto da baleia, perdeu todos os dedos da mão direita, e tem nas costas uma inscrição profunda com o nome «Mário» e a data — 1921 — em tamanho grande. Um visitante, achando que escrever nos pés de um profeta era pouco, subiu no muro e gravou uma data no ombro de Abdias. Perto dele, está Amós, que foi mutilado no rosto por uma frase — «Lembrança do jubileu de 1960» — e uma assinatura ilegível. Aos pés de Isaías, Jeremias, Baruch, Ezequiel, Oséias, Habacuc e Joel estão dezenas de iniciais e datas. Mas a presença da polícia não diminuiu o perigo do ataque às imagens, porque os turistas empregam um processo discreto para fazer as inscrições: os amigos juntam-se em um grupo e se encostam a uma estátua, fingindo que a estão admirando, enquanto um deles deixa a assinatura. Os visitantes mais perigosos não escrevem apenas: eles esperam a madrugada para destruir as imagens, levando um pedaço de pedra-sabão como lembrança — e hoje, por causa disso, Amós não tem o polegar direito e Ezequiel e Habacuc perderam os dedos indicadores. Para os padres da Matriz do Senhor Bom Jesus e para o povo de Congonhas, só há três soluções para o problema das mutilações: colocação de uma redoma de vidro ao redor de cada estátua, transferência dos originais do Aleijadinho para um museu e troca por cópias idênticas em cimento e a instituição do policiamento permanente para vigiar os turistas.



ELAS SÃO MENOS
ELAS COM OS CABELOS
DAS OUTRAS





A mulher mais bonita do mundo nasceria, por encanto, se alguém tomasse emprestado os olhos de Liz Taylor, o tamanho de Kim Novak, os lábios de Sofia Loren, o sensualismo de Ava Gardner — e reunisse tudo buscando a perfeição? Essa pergunta já preocupou meio mundo, mas agora, uma experiência menos ousada — usar numa o cabelo da outra — mostra que não é muito bom sonhar com o tipo ideal. A razão: a personalidade pode estar, exatamente, no cabelo — é o que se sente no caso de Brigitte Bardot, muito criticada por sua aversão ao pente e pela cor, muito amarelada (não é loira propriamente) de sua cabeleira. Que tal, por exemplo, adaptar em BB os cabelos de Ava Gardner? E o que surge, aí está: uma Brigitte bem penteadinha, com lindos e brilhantes cabelos negros, mas com um ar triste, apenas do sorriso malicioso. Todo o encanto de Bardot desaparece, também por encanto. E atenção candidatos a perfeccionistas: não ousem fazer a mesma experiência com Gina Lollobrigida, sob o argumento de que aquela linguagem silenciosa de seus olhos, o sensualismo dos lábios, exigem, também, cabelos sensuais — os da francesa Françoise Hardy, lhe dariam bem. Puro engano ou pura verdade? Você julgará: veja Lolobrigida com os cabelos de Hardy. Mas parece que, assim, Lolobrigida se deixou transfigurar. Com uma grande divulgação na Europa e nos E.U.A., a foto-montada, além de decepcionar os reformistas da beleza feminina, trouxe um consolo às próprias e belas mulheres: é melhor deixar como está, já acham elas.

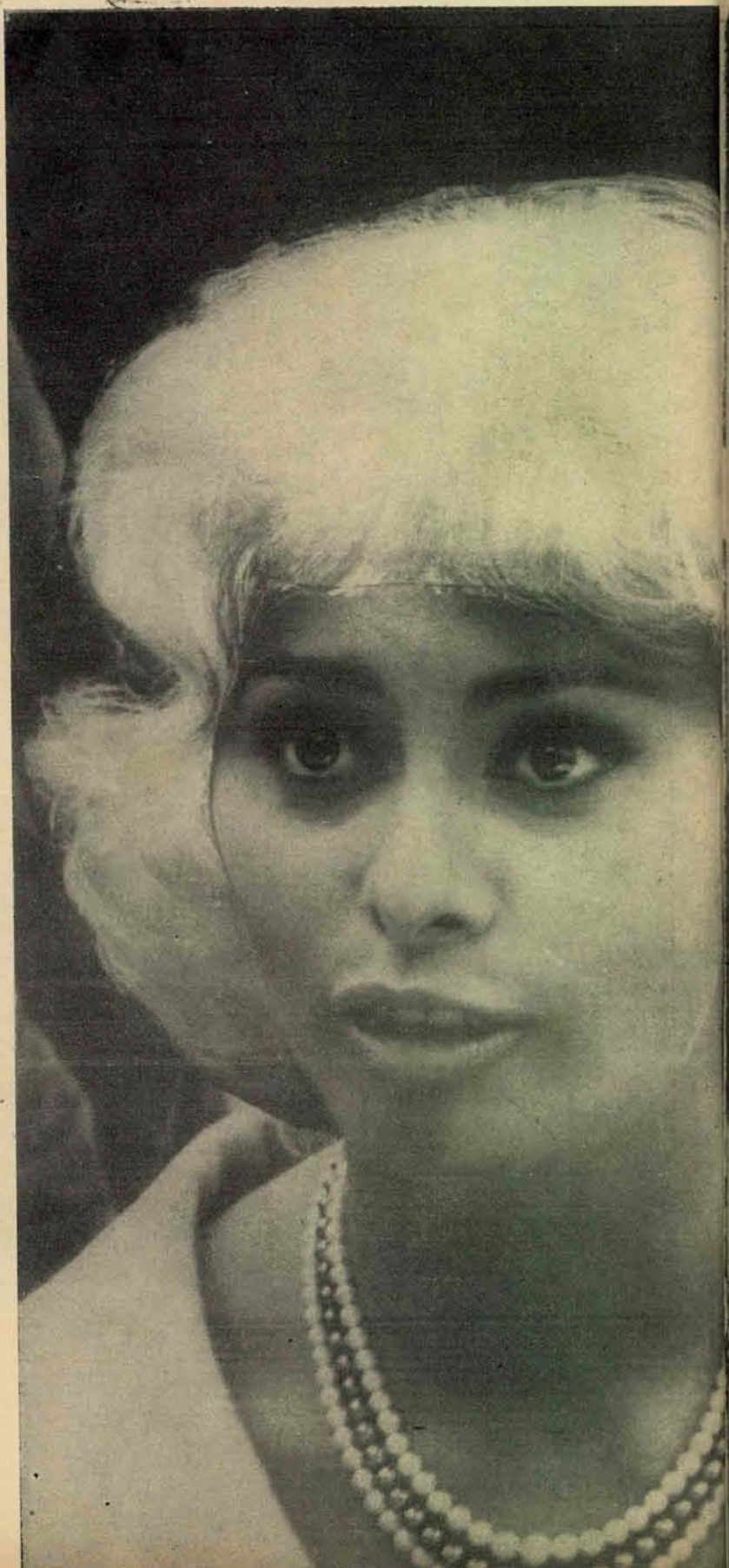
Reportagem: Paul Lucas

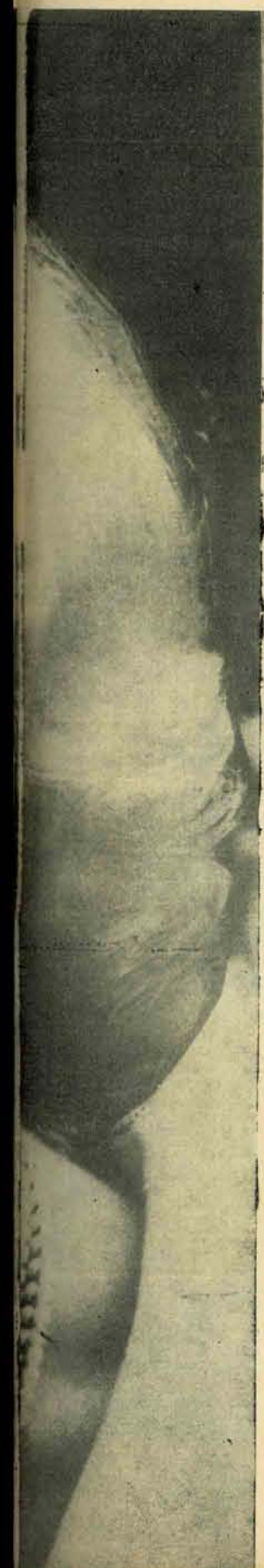
Fotos: Agência Dalmas

Com A Beleza Da Mulher, Não Se Brinca

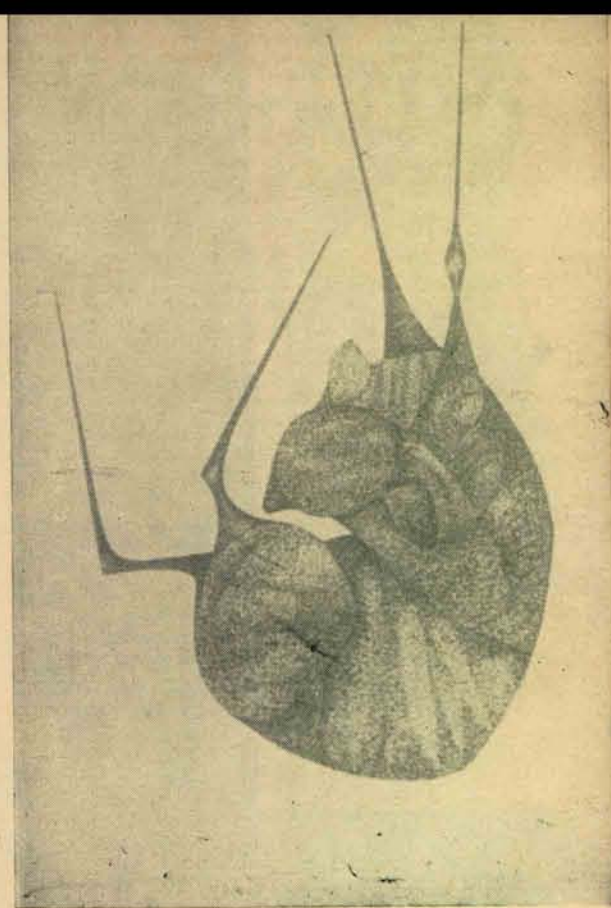


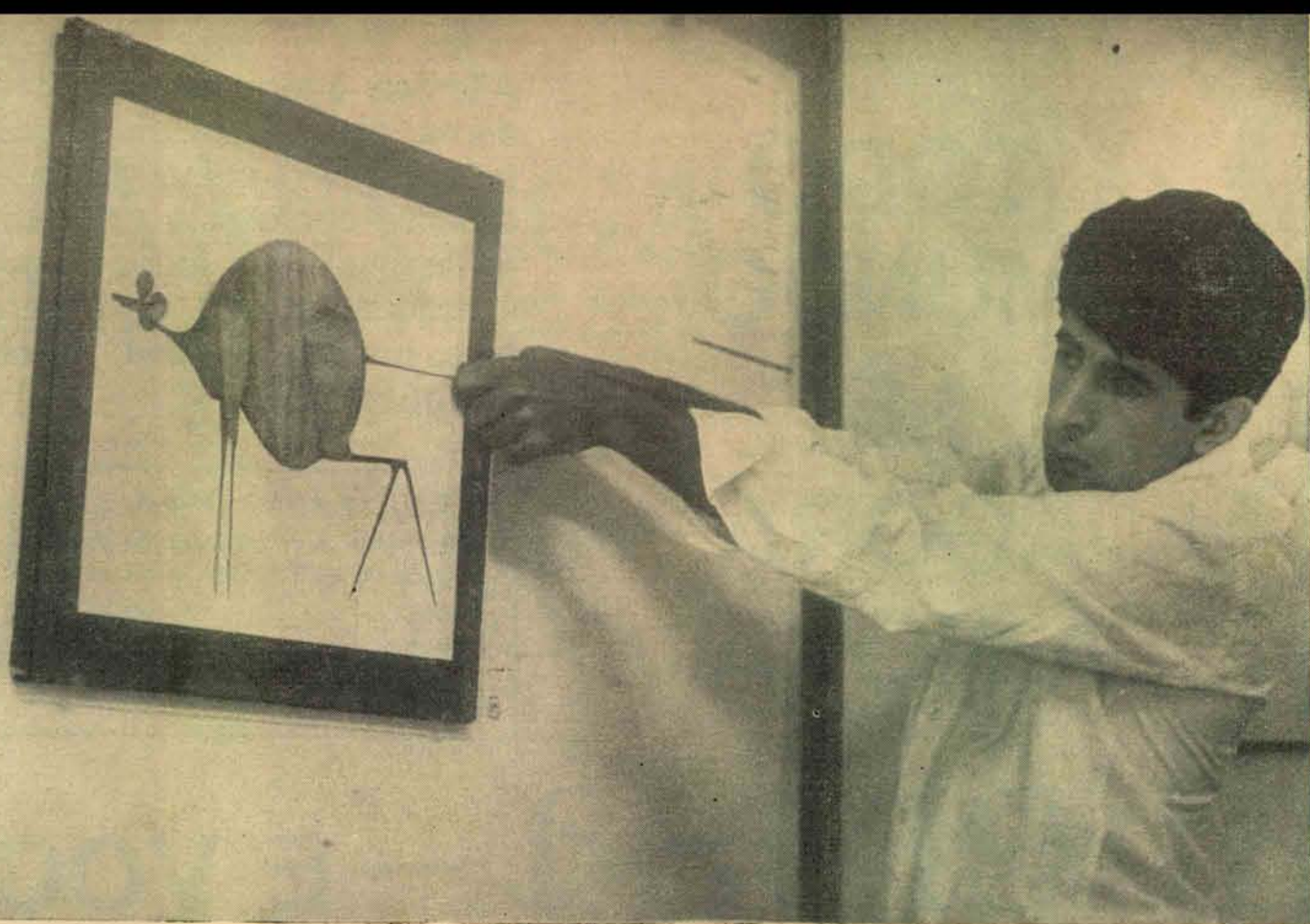
Outra conclusão a que se pode chegar, depois de tentar substituir a cabeleira, é que a beleza de uma mulher exige todo respeito: qualquer retoque poderá ser fatal. E isso a gente sente muito mais quando tenta mexer numa mulher assim como Liz Taylor — não é possível substituir em «Cleópatra» nem mesmo um fio da sobrancelha, garantem os mais apaixonados. Qualquer tentativa está marcada, desde já, pelo fracasso. O exemplo pode ser visto aqui: Liz Taylor usando a cabeleira curta, de Mylène Demongeot, transforma-se numa mulher vulgar. Tudo pode chegar à extravagância quando se toma os cabelos de Jayne Mansfield para colocar num tipo de beleza inteiramente diferente: Sofia Loren que, assim alourada, fica mais velha e incapaz de despertar olhares. Quanto você não daria pelos cabelos de Liz Taylor? Talvez uma fortuna. Mas usados por Michele Morgan, cujo encanto reside na boa combinação dos olhos verde-azuis com os cabelos louros. E, para terminar, com os votos de que ninguém mais sonhe com a fusão de belezas, eis Ava Gardner, loura, despenteada, levando a pior na troca que faz com Brigitte Bardot.





**LIRISMO
DOS BICHOS FAZ A
ARTE DE JARBAS**





Assim, perto de seus quadros, ele parece ser, apenas, um jovem preocupado em imitar o pintor excêntrico Salvador Dali. Mas os que subiram onze andares de um edifício, em Belo Horizonte, para ver sua exposição de desenhos, acabam de descobrir o nome de um artista que, breve, poderá ficar ao lado de Aldemir Martins: Jarbas Juarez, 27 anos, ex-aluno de Guignard. Só que, em vez de seguir para Ouro Preto, como o Mestre Guignard, ele se refugiou num quarto de apartamento e decidiu buscar na infância os bichos que fizeram a sua alegria. Tôdas as noites, de dez às duas da madrugada, Jarbas Juarez humaniza, com bico de pena, gatos, bois, vacas, galos, cachorros, pássaros. Na segunda noite da exposição, anunciada pelos cronistas sociais e artísticos, gente que até agora não se sentira atraída nem por Portinari, nem por Di Cavalcanti fez subir para 150 o número dos que, no encerramento da mostra, marcaram um recorde de comparecimento na Capital de Minas: mil assinaturas de presença. E a cotação dos quadros de Jarbas Juarez, que era de apenas Cr\$ 15 mil, saltou para Cr\$ 30 mil. Quando lhe perguntam porque «seus gatos têm alma?», Jarbas Juarez conta que é assim que «um menino vê os bichos de sua infância». A próxima exposição de Jarbas Juarez, que é também jornalista — ele pagina *Alterosa* — será no Rio, na Galeria Relêvo.



**TODO
MUNDO
LÊ
AGORA
A NOVA**

Alterosa agora está muito melhor, mais moderna, dinâmica e oferecendo muito mais leitura. Repare como a matéria está variada: observe como está mais fácil de ler, e como há assunto para todos os gostos, escritos com simplicidade. Não deixe para amanhã! Assine hoje mesmo a nova revista Alterosa. Você vai gostar!

À Editora Alterosa S. A. — Cxa. Postal 279 — BH — MG
Segue junto a importância de Cr\$ 950,00 correspondente a assinatura de ALTEROSA por 1 ano.

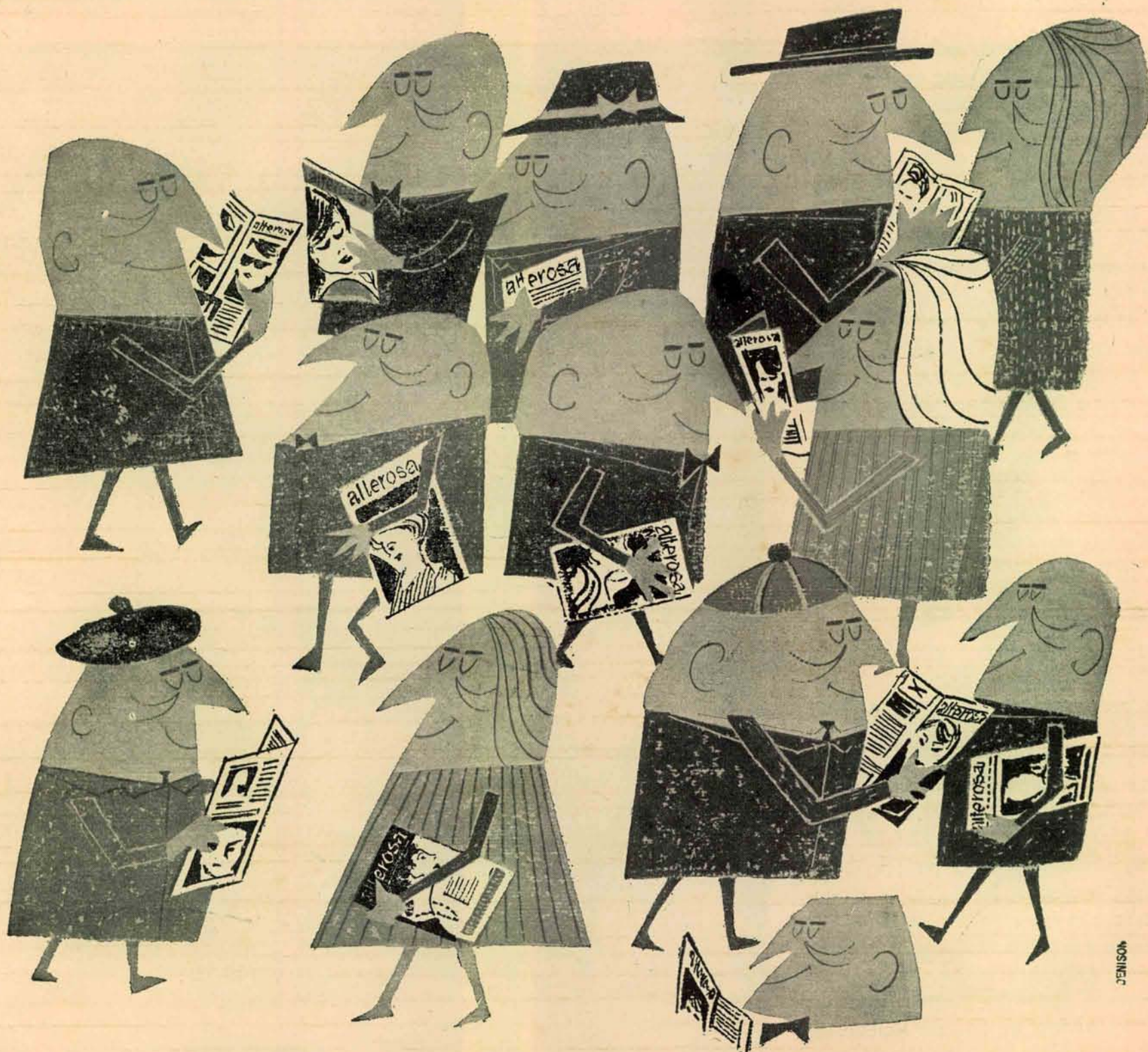
NOME: _____

CIDADE: _____

ESTADO: _____

ENDEREÇO: _____

alterosa — E VOCÊ?

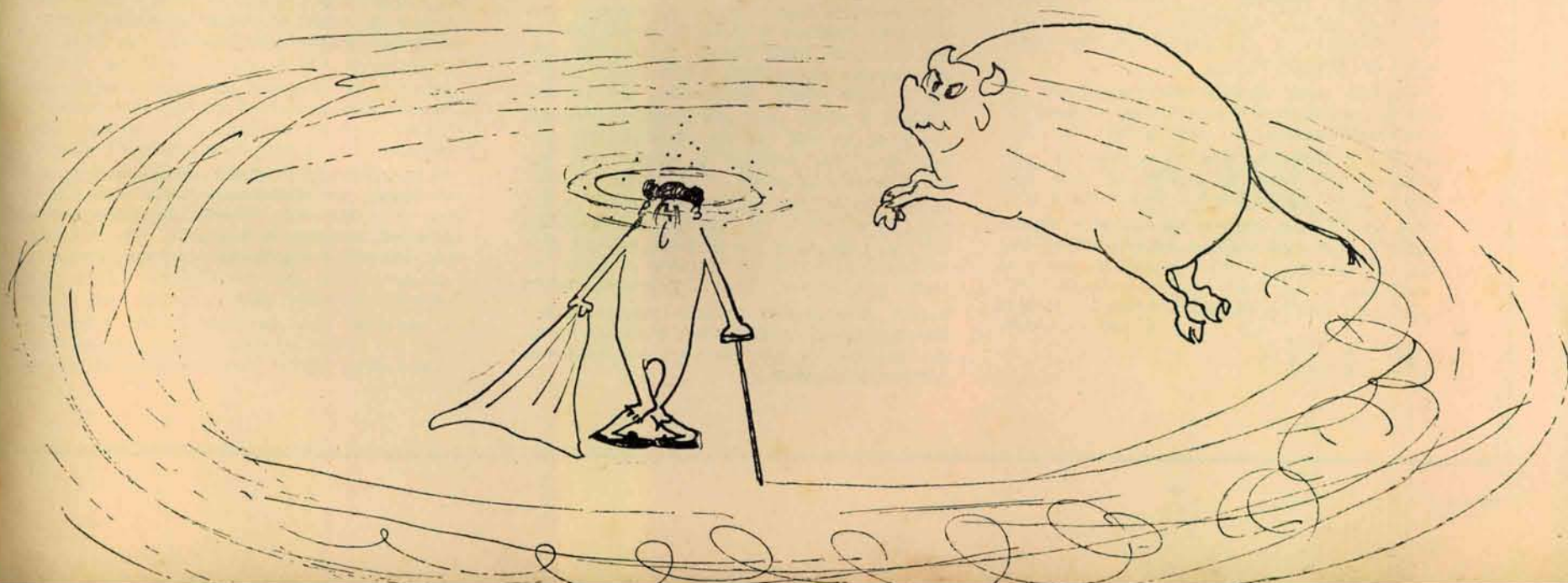
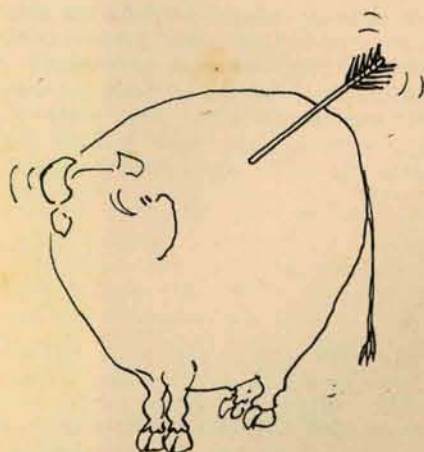
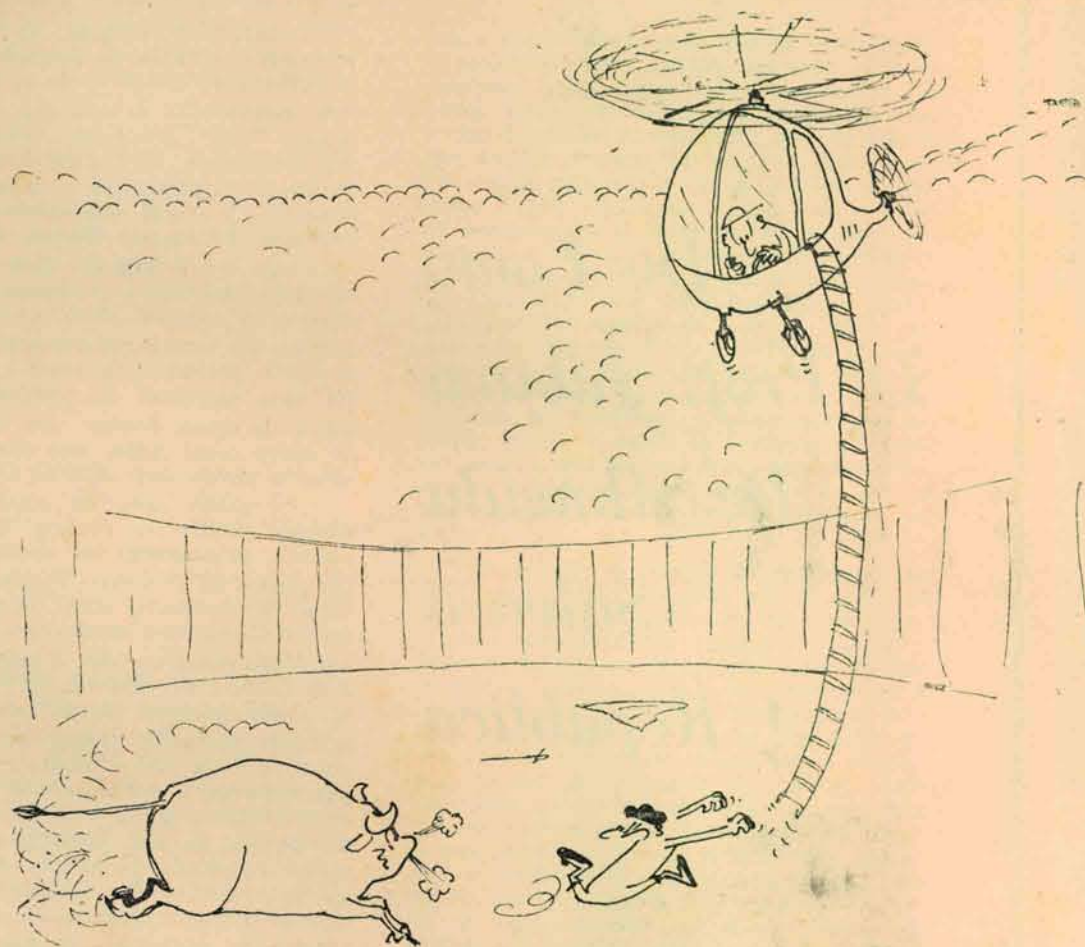


AS AMARGAS, NÃO

(12 páginas para rir e divertir)

Amor

O TOUREIRO



OTTO LARA RESENDE

De Como O Prof. Jubileu De Almeida Salvará A República

HÉLIO PELLEGRINO e eu assistíamos, outro dia, ao programa «A verdade de cada um», na Televisão Rio, quando ouvimos Sargentelli dirigir ao Príncipe Dom João de Orléans e Bragança uma pergunta formulada pelo Professor Jubileu de Almeida. Poderíamos ambos supor que se tratasse de uma alucinação auditiva, mas não era; havia outras testemunhas. E todo mundo que viu o programa aceitou, normalmente, aque aquela pergunta fôsse da autoria do emérito Professor Jubileu de Almeida.

Acontece, porém, que Hélio e eu, cada um à sua maneira, somos um pouco autores dessa figura exemplar de cidadão da República, de súbito reaparecida numa pergunta endereçada a um presuntivo representante da Monarquia.

Quem teria retirado da obscuridade a que se recolheu o nosso ilustre, acatado e inexistente Mestre? O enigma logo se desfez com a suposição que me ocorreu: o responsável pela volta de Jubileu só pode ter sido o nosso amigo Borjalo, humorista e homem de TV, que conhece de ouvido e admiração a vida pregressa do eminente brasileiro.

O DOUTOR JUBILEU de Almeida é um expressivo exemplo de fundação do ser pela palavra, se me permitem a licença de tomar emprestada a definição de Heidegger para a Poesia. Foi Hélio Pellegrino que um dia, nos idos de 1940, cismou com a palavra Jubileu. Se há Pompeu e Aristeu, Zaqueu e Gudesteu, por que não haveria Jubileu? A princípio, Jubileu só. Depois, doutor Jubileu — e logo o personagem começou a delinear-se. Sobrevindo-lhe o sobrenome e batizado Jubileu de Almeida, virou um bacharel bem-falante, doutoral e festivamente patriota. De doutor a professor, foi mais que um passo: foi uma exigência da professoral personalidade de nosso homem, que não foi tirado do barro como Adão, mas surgiu do nada, como o mundo das mãos de Deus.

Foi assim, pois, de uma palavra, um simples substantivo comum, que nasceu a, como a de Augusto dos Anjos, singularíssima pessoa do Professor Jubileu de Almeida. Uma vez nomeado, nosso Mestre passou a existir de maneira dominadora. Invocávamos seu santo nome em vão, a propósito de tudo e de nada, e lhe atribuíamos, irreverentemente, muita pachecal tirada retórica e muito pretensio profundo pensamento. Jubileu foi citado por via oral e escrita e mais de uma vez engordou a nossa escassa erudição litero-jornalística, nos jornais de Belo Horizonte. Quando eu era responsável pelo suplemento dominical da «Folha de Minas», tive oportunidade de publicar várias máximas do Professor Jubileu de Almeida, como recurso de paginação, ao lado de palavras igualmente luminosas e eternas de Napoleão, La Rochefoucauld e outros.

Os homens graves haverão de criticar-nos, com razão, por essa juvenil e alegre invenção de um seu igual, personagem gravíssimo, com o leviano e maldoso propósito de nos rirmos dele, tanto mais jocoso quanto mais austero. Mas Jubileu reagiu, como se vai ver, e se impôs ao respeito da Nação.

ALGUNS ANOS depois do nascimento em Belo Horizonte do Professor Jubileu de Almeida, estava eu, certa tarde, sentado diante de uma máquina-de-escrever, na sala-de-imprensa do Senado. Eu era repórter credenciado junto à Egrégia Câmara Alta. Depois de tarimbado nessa ocupação, ela às vezes me parecia maçante e tediosa. O obrigatório convívio com o mundo da oratória parlamentar desafia a alma da gente, põe-lhe um sustenido falso. Aquela ênfase sistemática, aquela permanente e subsidiada retórica, aquelas vozes empostadas, de variado sotaque e quase invariada monotonia, aquele Brasil de discurso, tão enjoado e postiço, muitas vezes me levaram a sonhar com um Parlamento impossível, mas ideal, do qual seria expulsa, por decôro regimental, a má oratória e todo o seu bombástico e artificial cortejo. Digo estas coisas quase solenes para explicar, ou ao menos atenuar o gesto leviano que cometi. Vão à guisa de defesa prévia, para que os espíritos magnânimos e misericordiosos compreendam o estado de alma que me fez recorrer ao nosso Professor Jubileu de Almeida.

Depois de uma vasqueira sessão senatorial, cabível em meia dúzia de linhas, de morei-me a escrever algumas notas políticas para o jornal em que trabalhava. Uma delas dizia respeito à sucessão maranhense, que se procurava conciliar em torno de uma dessas «fórmulas altas» que costumam engendrar a figura isenta e lotérica do «tertius». Como repórter aplicado à minha tarefa, eu apurara que três seriam os nomes cogitados, na hipótese de chegarem as forças adversárias ao entendimento que se procurava, sob a égide do Governo Federal. Um deles poderia então vir a ser o candidato comum ao governo do Maranhão. No momento de datilografar os citados três nomes (e deles já não guardo memória), ocorreu-me por mera distração escrever Fulano, Beltrano, Sicrano e... Inadvertidamente, tomei o impulso de quem vai encarregar quatro nomes, e não três. Para não voltar atrás e não estragar a limpeza de meu original, não tive dúvida e sapequei logo: Fulano, Beltrano, Sicrano e Jubileu de Almeida.

MAL PODERIA eu imaginar a tempestade promocional e publicitária que se iria desencadear sobre a respeitável e encanecida cabeça de nosso Mestre. No dia seguinte, voltando ao Senado, na minha rotina jornalística, tive oportunidade de ouvir o formal desmentido de um impetuoso senador maranhense. Não era verdade que ele tivera a iniciativa de sugerir os quatro nomes publicados (a essa altura, os nomes já eram quatro mesmo) ao exame dos partidos, para a pacificação da então tormentosa política de seu Estado. Diante disso, só me cumpria redigir o desmentido, do qual tirei numerosas cópias, generosamente distribuídas aos meus colegas da bancada de imprensa. Tornava-se, assim, explícito, dito alto e bom som, que era prematuro falar no nome do Professor Jubileu de Almeida, ou de qualquer dos três outros igualmente ilustres, como candidato ao governo do Maranhão. O desmentido, como era natural, foi discretamente divulgado por quase toda a imprensa brasileira, na manhã seguinte. Ficava o dito: o Professor Jubileu não tinha sido lembrado, por enquanto como um dos valores nacionais capazes de levar ao entendimento a buliçosa família política maranhense.

O ACASO LEVOU-ME, vinte e quatro horas depois, ao gabinete do Ministro da Justiça, que concedia, naquele momento, uma entrevista coletiva à imprensa. Um dos temas em pauta era a sucessão maranhense.

Cabia ao Ministro a árdua missão de pacificar as forças estaduais em luta. Quando se tratou do assunto, sobre a um repórter mais afoito a sugestão de indagar do Ministro se, de fato, ele estava examinando a hipótese de reunir os partidos em torno da candidatura do Professor Jubileu de Almeida.

— Os nomes virão depois — esquivou-se mineira e inteligentemente o arguto titular da pasta da Justiça, que evidentemente não quis passar recibo da grave falha que significava o desconhecimento de nome tão ilustre e acatado.

Ao terminar a entrevista, a reportagem estava convencida de que era cedo para cogitar de nomes. Mas Jubileu e outros apareceriam mais adiante, quando o esquema da conciliação já se tivesse consolidado. O que importa, porém, é que o eminente Professor, mineiro de nascimento, tinha merecido as honras de uma citação indireta por parte do Ministro da Justiça. Como tal, os jornais não podiam deixar de registrar o fato — e o registraram, graças à eficiência da imaginosa e diligente reportagem política.

Eis aí como Jubileu foi atirado às feras e lançado à ordem do dia, no tumulto dos acontecimentos políticos. Sua pacata e tranqüila vida de personagem inexistente iria ser totalmente subvertida. Sabendo, como sabíamos nós, seus poucos discípulos, a que ponto ele era (e é) avesso à publicidade, pôde-se imaginar a indignação do Professor, que é homem de temperamento episódicamente exaltado, dado a rompantes quixotescos, a que os seus belos e bastos bigodes brancos dão um especialíssimo encanto. O fato é que, por vários dias, os jornais não mais o deixaram em paz. Uma vez cogitado (ou ainda não cogitado, como o afirmaram o Ministro e um senador) para o governo do Maranhão, o proveito Professor Jubileu foi retirado abruptamente do exílio um tanto cético e da amena obscuridade em que voluntariamente sempre procurou viver.

NAQUELA ÉPOCA, um dos homens que lideravam a Oposição antivitorinista no Maranhão era o hoje deputado Henrique La Rocque de Almeida, então presidente do IAPC. Os adversários tinham suspeitado que partira de La Rocque, por ser Almeida, a lembrança do nome de seu provável parente Jubileu, também de Almeida. A especulação teve curso na reportagem política dos matutinos e, à tarde, fui encontrar o presidente do IAPC em seu gabinete. Estava em companhia de nosso amigo e seu conterrâneo, maranhense como ele, Franklin de Oliveira, o mesmo que hoje tão brilhantemente assessorava e teoriza a revolução do deputado Leonel Brizola. Franklin, apesar de já ser nome nacional, contentava-se com o programa de revolucionar o Maranhão, onde era candidato a deputado, infelizmente não eleito. No gabinete de La Rocque encontrava-se também Odylo Costa, filho, outra figura de prol ude-nistamente engajada na luta antivitorinista. Lá só não estava o então vibrante e fogoso jornalista Neiva Moreira, hoje deputado e líder revolucionário, mas que nem por isso deixou de saborosamente tomar conhecimen-

to da cogitada candidatura do Professor Jubileu de Almeida. Depois de esclarecida a missão que me levava ao gabinete do presidente do IAPC, La Rocque, certamente de boa fé, mas com uma ponta de lúdica simpatia pelo gracejo, concordou em distribuir à imprensa uma nota em que afirmava que não era parente nem amigo do Professor Jubileu de Almeida. A nota continha outras importantes informações atinentes ao chamado «caso maranhense» e, se a memória não me trai, deve ter sido redigida por Franklin de Oliveira.

Outro esclarecimento, de menor amplitude, viria igualmente a público logo a seguir: o repórter político José Augusto de Almeida, natural do Maranhão, pretendia passar por sobrinho do Professor, mas foi desmascarado pelo seu próprio suposto tio, em carta estampada, a pedido, num importante matutino.

A PARTIR DESSE episódio, já não foi possível conter a onda de publicidade que envolveu o nosso proveito e respeitável Mestre. As notícias a seu respeito se multiplicaram — e tais foram as deformações a que o submeteram, que ele teve de encaminhar uma longa, erudita e polêmica missiva ao «Correio da Manhã», com o patriótico intuito de repor a verdade em seu equilibrado eixo. Esse documento, bordado com paciência segundo a psicologia e o estilo do Mestre, foi redigido por Marco Aurélio Matos. O poeta João Cabral de Mello Neto, então no Brasil e militando na imprensa, glosou, com fina ironia e delícia, a carta do Professor Jubileu — e confessou-se de público um seu ardoroso admirador e discípulo. Paulo Mendes Campos, por seu turno, abordou outros aspectos da biografia do grande humanista, inclusive a sua participação na famosa reforma do ensino em Minas, de autoria de Chico Campos. Estabeleceu-se, daí, insopitável polêmica em torno dos feitos e da obra do Professor Jubileu, inspirador discreto de tantos relevantes acontecimentos em nossa vida cultural. Em São Paulo, um escritor egresso da Semana de Arte Moderna, creio que Sérgio Milliet, depôs acerca da sutil e importantíssima intervenção de Jubileu no advento renovador do Modernismo. Alguns postulados ficaram assentados de pedra e cal: o Professor era (e é) um notabilíssimo brasileiro, nascido em Minas, mas com numerosas perambulações por todo o País, inclusive pelo Norte. Daí a sua ligação com o meio maranhense, cujos líderes tiveram a glória de trazê-lo ao debate, contrariando a sua nunca desmentida modéstia.

OUTRO QUE SE ocupou longamente da admirável figura do Professor foi o poeta Vinícius de Moraes. Contou ele que, indo à Vila Isabel, em busca de subsídios para uma reportagem sobre Noel Rosa, lá encontrou, por acaso, o nosso Mestre Jubileu de Almeida, que lhe concedeu uma memorável entrevista, publicada por «Última Hora». Outro que aderiu a Jubileu, com a sua tradicional generosidade cívica, foi o jornalista Joel Silveira. Com os olhos na personalidade exemplar do grande cidadão, Joel aprovei-

tou a oportunidade para malhar o sufocante e medíocre clima político nacional. Outros panfletos foram igualmente produzidos. A parte iconográfica ficou a cargo do repórter-fotógrafo internacional José Medeiros, que surgiu, a certa altura, com uma excelente fotografia do Professor Jubileu, a qual vinha a ser, ao mesmo tempo, um autêntico retrato moral de nosso homem: o olhar flamejante e altivo, os bigodes «old fashioned» e digníssimos, a fisionomia civicamente brava e altaneira. Foi pena que Sérgio Porto, logo depois, contasse em crônica, ainda não assinada pela flor dos Ponte-Prêta, que encontrara o Professor na Livraria Agir, de cabeça inchada, como um simples e vulgar torcedor do Flamengo. O pormenor não alterou, porém, o perfil já histórico de Jubileu. Antes, deu-lhe um certo pico populista, que ia bem com a sua condição de grande líder às vésperas de assumir as rédeas do Poder.

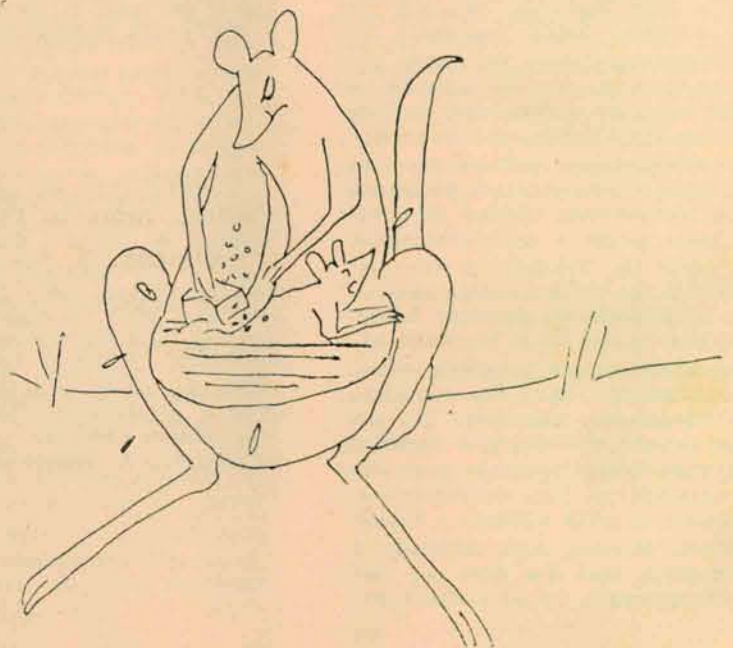
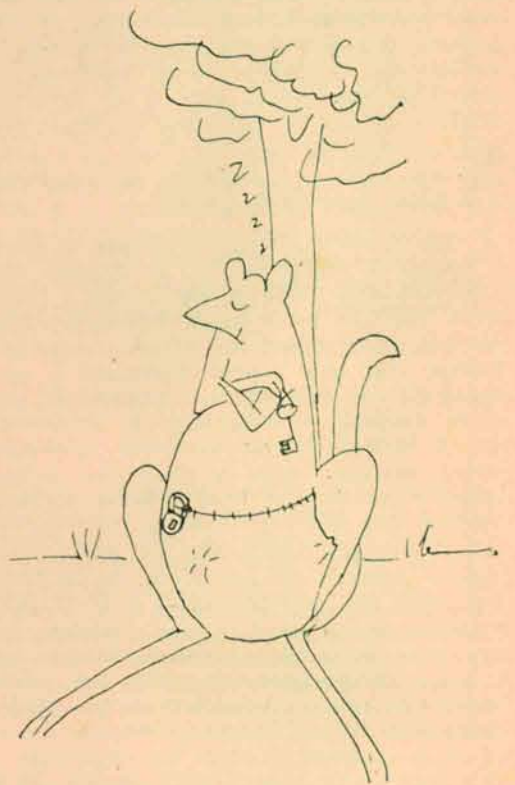
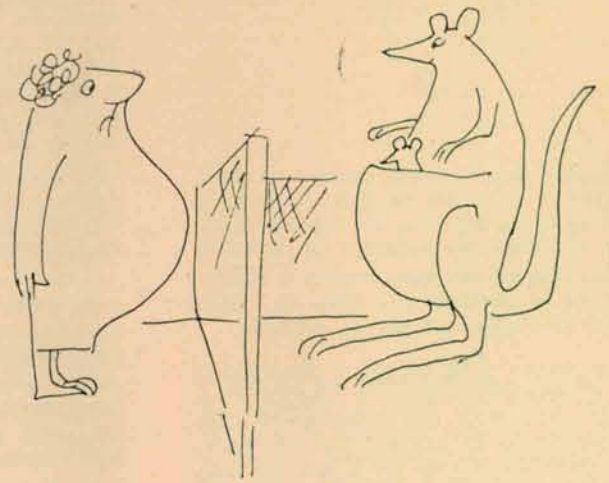
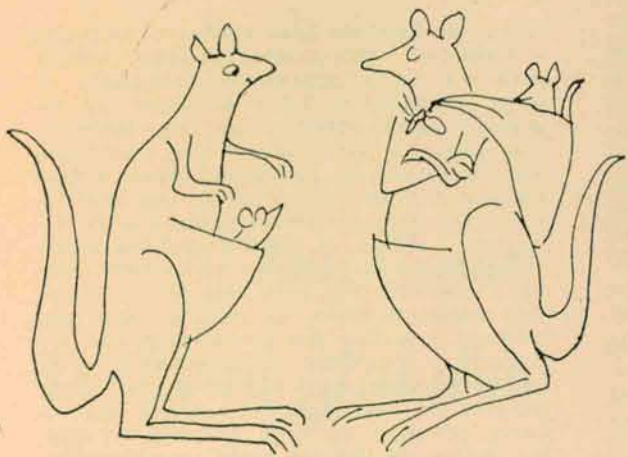
Assim o viu o cronista Rubem Braga, que lhe dedicou duas crônicas no «Correio da Manhã». Rubem, tomado de entusiasmo patriótico pelo Professor, protestou contra a idéia de fazê-lo candidato ao governo do Maranhão — e lançou logo a sua candidatura à Presidência da República. Sua segunda crônica concluía, porém, com este desfêcho decepcionante e terrível: «Pena que o Professor Jubileu de Almeida não exista». Mas Fernando Sabino não se conformou com essa revelação e protestou, em sua coluna, contra o pessimismo de Rubem Braga. Para provar sua existência real, Jubileu compareceu com outra epístola aos gentios — uma carta aberta de novo redigida por Marco Aurélio. A revista «Manchete», fazendo eco ao protesto de Fernando, incluiu a biografia sumária de Jubileu na coluna «Gente da Cidade», em que tanta gente de carne e osso quis entrar — e não entrou.

O TEMPO, implacável e ingrato, acabou sepultando de novo o Professor Jubileu de Almeida na obscuridade e no quase-anonimato em que continua a viver. A política maranhense não foi pacificada. Jubileu não foi candidato à Presidência da República, por falta de compreensão das elites e falta de apoio das massas. A vida girou, o caos nacional prosseguiu a caminho do abismo à cuja beira jaz, há tantos anos, a nossa Pátria. Tudo, evidentemente, por culpa coletiva de nós todos, gregos e troianos, que não nos conciliamos em torno de uma reserva moral do porte do Professor Jubileu de Almeida.

Em sua homenagem, dedico-lhe agora estas páginas, repassadas mais de emoção cívica do que propriamente de ironia, como há de parecer aos menos avisados. O fato de Borjalo e Sargentelli o terem lembrado é bom sinal. Louvável e lisonjeira foi também a atitude do Príncipe Dom João, respondendo, com tanta solicitude, à bem-formulada pergunta de nosso Mestre, que assim rompeu, pela primeira vez depois de tantos anos, o enjoado silêncio que se impôs. Aproveito a oportunidade para sugerir o seu nome não aos políticos maranhenses, mas aos líderes que vão decidir a sucessão presidencial de 1965. JA-65 — vejam bem que é um bom slogan, e o nome do homem começa providencialmente por J...

O. L. R.

Maay O CANGURU



CARLOS WAGNER

De Repente, Na Noite Passada

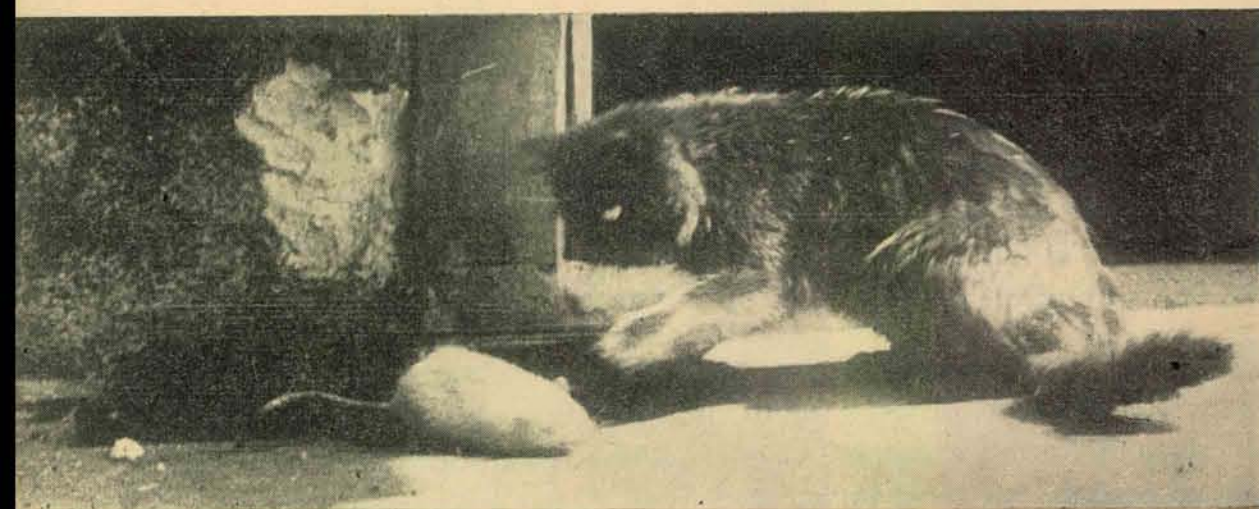
Foi então que comecei a sonhar. Era uma viagem incerta, de pés flácidos sôbre os paralelepípedos, numa noite assim ouropretana, escura, com a neblina geral espalhando seu frio de silêncio. Havia uma rua onde eu pisava com um passo errante, uma rua como as outras ruas do dia, é certo; mas o fato de ser o seu único transeunte me alienava da realidade provável e contraditariamente me comunicava um fio sutil de correspondência com os fatos conscientes. Era o fio daquela secreta angústia, daquele medo dissimulado que até um simples telefonema tinha o poder de acordar. A responsabilidade de ser o inquilino solitário da rua, que conferia à rua a sua razão básica de existir, me deixava um tanto perturbado.

Foi então que aconteceu o encontro: do outro lado, divisei a figura incorpórea do Poeta Drummond. Curvado ao pêso de sua calva brilhante, êle andava rápido, sem olhar para os lados, com destino a lugar nenhum. Meus pés, que se afundavam nas pedras de consistência gelatinosa, foram convocados para alcançá-lo antes da primeira esquina: a geada agora se tornara tão espessa que era preciso apertar os olhos para seguir o poeta. Venci, então, com a respiração curta, a estranha distância que nos separava: agora nós nos encontrávamos a alguns passos um do outro; eu com o coração batendo atropelado de emoção,

êle com a serena convicção de uma bússola a caminho do norte. Apertei o passo e parei à sua frente, à espera dêle: então, toquei-o no ombro e o Poeta me lançou, por um segundo, atrás dos óculos de míope, o brilho metálico de seus dois olhos itabiranos, e, sem se deter, continuou o caminho. Vi, então, a extensão de meu desespero: eu ia perder a oportunidade extraordinária de, como uma pedra no caminho, paralisar o movimento daquele ser deambulante e extrair, da sua presença mineral e muda numa noite de neblina, o tímido diamante da ternura poética que se trancava para além da calva e das lentes. Tentei mais uma vez ultrapassá-lo para estabelecer um novo contato: eu queria que êle descobrisse em mim uma identidade com o seu tédio das coisas, uma simbiose cristalizada em tantos anos de convívio lírico. Bastaria isso de sua parte, a compreensão tácita, sem palavras, de que, mesmo à distância, êle me guiava; e de que uma constelação de circunstâncias me levaria um dia a oficializar, como agora, a sua função de guia. Depois, então, haveria o diálogo. Mas, de que falaríamos? De seu próximo livro? Do estar-no-mundo? Da poesia-limite? Não, melhor seria calar, e no silêncio sem equívocos surpreender a verdadeira comunicação. Apenas a comunicação: mas o Poeta já era, então, um ponto escuro no fim da rua. Lá longe, a sua calva era um sol opaco sob a neblina.

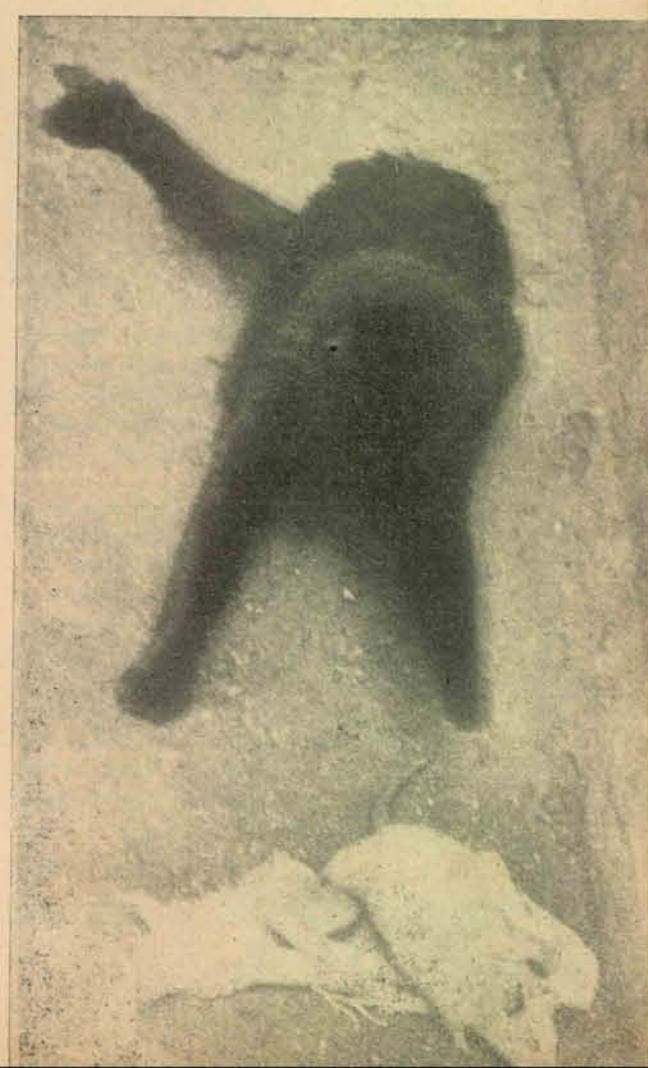


EXCLUSIVO: EIS O MAIOR TRATADO DE PAZ DA HISTÓRIA



Um pedaço de queijo e um pires de leite selaram o tratado de paz mais importante da História dos animais: sem saber que, naquele instante, o seu rápido encontro estava sendo fotografado como se fôsse uma conferência de cúpula entre Kruchev e Kennedy, um gato e um rato quebraram, em dez minutos de brincadeira, um tabu de vários séculos para se tornarem dois amigos íntimos. O primeiro contato foi de silenciosa expectativa, como o de dois adversários no primeiro «round» de uma luta de boxe: estudando-se mutuamente, ambos pareciam dispostos a mostrar as suas armas, o gato com a violência da fome, o rato com a agilidade do medo. Um minuto depois, estava consumado o pacto de não-agressão: a mesma pata que se acostumara a matar iniciava, com um cumprimento, as gestões para pôr fim à guerra fria. Numa Genebra improvisada em um fundo de quintal, o gato abandonou sem restrições a «linha dura» que manteve até então, e o rato adotou a tática da «nova fronteira»: o resultado foi a coexistência pacífica que, agora, serve de estímulo para um novo rumo nas relações entre as duas raças.

REPORTAGEM: JARBAS JUAREZ



LÚCIA MACHADO DE ALMEIDA

Xisto
No Espaço

Uma Surpresa Atrás Da Outra

Xisto parte rumo ao planeta Minos numa cosmonave em companhia de seu amigo Bruzo, barão de Rutília, a fim de evitar que a Terra fosse invadida pelos minositas, conforme ameaça do misterioso «Rutus, O Que Não Tem Sangue», senhor de Minos. A astronave, devido a defeito técnico, é desviada para o desconhecido planeta Nivea, onde os terrestres encontram uma humanidade muito evoluída científica e espiritualmente. Logo de início, entraram em contacto com Kibrusni, menino inviolável, filho de um dos dirigentes do planeta, o Sábio Atômico.

O que muito encantou Xisto foram os sons musicais, antes não percebidos, que agora lhe chegavam aos ouvidos. O próprio vento soprava emitindo zunidos harmoniosos. Pássaros ainda não vistos cantavam coisas lindas e o aperfeiçoado super-receptor eletrônico de Nivea captava ruídos sonoros provindos de estrêlas distantes e desconhecidas. Dir-se-ia que toda a natureza cósmica estava... orquestrada em surdina. Bruzo, ainda perturbado pela visão do inusitado «foting» aéreo que acabara de presenciar, saiu com Xisto a dar uma caminhada. Aliás aquilo não seria bem uma... caminhada, pois os dois amigos, graças à baixa gravidade, deslizavam pelo solo, em saltos lentos de pluma, bastando para isso que dessem ligeiro impulso. Logo adiante, num descampado árido, encontraram duas crianças niveanas olhando para o chão, como que em êxtase.

— Que beleza! Que maravilha! gritavam elas.

— Que estarão vendo? Que falam? disse Bruzo. Não enxergo nada, nem um simples capinzinho.

— Que pena Kibrusni não ter pôsto em você a pilhazinha do «transmissor de pensamento» e as lentes de contacto! comentou Xisto, aproximando-se das crianças que nem deram por sua presença.

— São fininhas como fios de cabelo! exclamava a menina, entusiasmada.

— Estão querendo furar a terra! gritou o menino batendo palmas.

Maravilhado, Xisto percebeu que aquelas crianças estavam observando a germinação das sementes dentro do solo. Reparando bem, viu perfeitamente as delicadíssimas raízes tentando romper a crosta. Um puxão em seus cabelos seguido de uma risadinha interrompeu seu deslumbramento.

— Kibrusni! disse ele. Você está aí outra vez?

— Sim, sou eu.

— Escute uma coisa. Essas crianças aí também usam lentes de contacto como eu?

— Não por que são meninos evoluídos. Foi para as pessoas que estão um pouco... atrasadas que meu pai inventou a «lente para ver além das coisas» e a «pilha para transmitir o pensamento». Andem um pouco adiante e verão uma coisa divertida, acrescentou Kibrusni.

Bruzo e Xisto seguiram na direção indicada e não puderam conter os gritos de espanto. Acabavam de encontrar uma porção de bichos minúsculos que deslizavam em saltinhos vagarosos. Um verdadeiro jardim zoológico em miniatura!

— Estão dando pequenos urros! São leões e têm jubinhas! gritou Rutília, alucinado.

Incrível! Animais das selvas reduzidos a... cinco centímetros de tamanho! Camelos de um dedo, ursos do tamanho de uma caixa de fósforos... E tudo vivo, correndo de um lado para outro. De repente Xisto deu um grito: estava entendendo bichês, isto é, a linguagem dos bichos! Apurou bem o ouvido e escutou dois bezerrinhos do tamanho de uma unha a contarem vantagens:

— Mamãe vaca dá trinta gôtas de leite por dia, e a sua só dá dez, dizia um deles.

— Mas o leite da minha é mais grosso do que o da sua! retrucava o outro. Um rinoceronte queixava-se de estar com reumatismo no chifre, e uma novilha tomava aulas de mugido, repetindo (em mi bemol) sem parar: Mú... Mú... Mú... Xisto sorria, perplexo.

— Está espetando? perguntou a vizinha de Kibrusni. Esses bichinhos foram submetidos a irradiações de anti-protons que lhes reduziram o tamanho.

— Mas por que fazem isso nesse planeta?

— Para alegrar crianças doentes. As feras tornam-se mansas e não são prejudicadas em nada. Pelo contrário. Veja como aqueles jacarés ali estão se divertindo... Xisto prestou atenção e escutou as gargalhadas que eles soltavam. Estavam contando anedotas...

— E' inconcebível! exclamou Xisto.

Rutília, que andara mais adiante, chamou o amigo: Venha ver que flôres lindas!

Xisto correu, parou, segurou delicadamente entre os dedos a mais bela de todas, cortou-a com suavidade. Então — Ó maravilha! — escutou um som musical e viu que dela se desprendia como que um pingo de espuma leve e rosada, que se evaporou no ar. Era a alminha da flor que estava saindo, feliz por ter sido docemente colhida para dar alegria a alguém. Rutília, que era meio estabado, arrancou violentamente um raminho. Tanto bastou para que este soltasse um gemido doloroso, escutado por Xisto que vira e ouvira tudo, graças às «lentes para ver além das coisas» e ao «transmissor de pensamento».

— Aí vem papai, disse a vizinha de Kibrusni.

Xisto olhou para o céu e viu chegar um veículo aéreo, esférico, parecendo feito de vidro, puxado por duas enormes libélulas. O carro pousou no solo, e dele desceu um homem alto e de cabelos claros, vestindo uma espécie de túnica vermelha, que saudou Xisto e Rutília com a cabeça. Os dois homens — o da Terra e o de Nivea — olharam-se, face a face, mal contendo a mútua curiosidade.

— Sejam bem-vindos, meus irmãos terrestres! disse o recém-chegado.



planeta. Nossos antepassados fizeram a mesma coisa.

— Não venha Vossa Sabieza me dizer que as... libélulas voaram até lá...

— Não, é claro. Servimo-nos dos insetos apenas para... uso interno. Nossas viagens espaciais são feitas em cápsulas fotônicas, veículo cósmico movido por foguetes de impulsão e ftons, isto é, a partículas de energia luminosa. A propósito: caso não seja consertado em tempo o defeito em sua cosmonave, pomos, desde já, à sua disposição a mais rápida de nossas cápsulas fotônicas para a viagem a Minos... Creia, entretanto, que é loucura atender ao chamado de Rutus! Mas... pensemos em coisas mais agradáveis. Vamos ao Grilódromo.

— Grilódromo? Que é isso? indagou Xisto, subindo ao carro puxado por libélulas.

— Você verá.

E lá se foram os dois pelos ares. Logo adiante, Xisto do alto viu um grande pedaço de terra sendo arado por... que seria aquilo, santo Deus? Formas pretas, enormes, com chifres...

— São besouros «Dinasta Hércules», explicou o Sábio. Saíram de ovos submetidos a irradiações atômicas seletivas destinadas a modificar os caracteres genéticos no sentido de favorecer o crescimento ilimitado dos futuros seres. Talvez o amigo não saiba também que uma das ciências mais desenvolvidas em Nívea seja a biônica, isto é, o estudo das soluções da natureza para resolver problemas técnicos de direção, ótica, radar, etc. Por exemplo, as lentes de nossos telescópios são baseadas no maravilhoso sistema ocular de visão total dos besouros; nossos veículos são equipados com radar inspirado nos dispositivos que dão aos morcegos aquela hipersensibilidade quase intuitiva; nossos submarinos copiam a forma e os movimentos musculares do peixe Bôto, um dos mais velozes seres marinhos. E assim, amigo Xisto, intimamente ligados à natureza, vivemos bem próximos de Deus, o supremo Criador, ponto de partida de todas as coisas!

— De que se alimentam vocês? perguntou Xisto.

— De frutas, cujas sementes também sofrem irradiações, o que nos permite obter exemplares de... um metro de tamanho! Além disso, usamos mel de abelhas super-vitaminado, plancton e algas marinhas. Jamais existiu fome em Nívea.

O alimento é abundante e chega para todos.

— Vocês comem carne?

— Comer... carne?

— Sim. Carne de vaca, de porco, de galinha.

— Desculpe, amigo Xisto, mas nós, niveanos, temos o maior respeito por todas as forças de vida.

Jamais seríamos capazes de pôr na boca alguma coisa que houvesse sofrido morte.

— Ai de mim, tornou Xisto, dou-lhe razão, e, apesar disso, sinto falta de meu franguinho assado! E agora outra pergunta: todos trabalham?

— O maior desgosto para um niveano é ser inútil. Cada qual, a seu modo e dentro de suas possibilidades e aptidões, faz o que pode para o bem-estar geral.

— Que armas vocês usam?

— Arma? Que é arma?

— Instrumento de defesa para matar o inimigo em caso de ataque.

— Meu caro amigo terrestre, perdoe-me outra vez, mas nós sabemos que se algum dia houver ameaça, ela virá do Espaço, de outro planeta. Essa certeza nos une cada vez mais. O mal — quando raramente aparece por aqui, é encarado com tolerância e compreensão, mais como desajuste, enfermidade nervosa ou avitaminose. O «doente» é submetido a testes, e faz um tratamento à base de sons e de assimilação de... cores através da retina visual. Graças a Deus, não existe ódio em Nívea.

Encantado com o adiantamento espiritual dos niveanos, Xisto estava longe de suspeitar que naquele mundo quase perfeito, iria ter uma das experiências mais trágicas e impressionantes de sua vida!

L. M. A.

Do pai de Kibrusni emanava uma tal distinção e doce autoridade que Xisto logo percebeu tratar-se de um chefe. Aliás mais tarde veio a saber que a cor vermelha era o distintivo dos sábios que governavam Nívea. Muitas foram as perguntas que ambos fizeram um ao outro, todas girando em torno do sistema de vida nos respectivos planetas. Xisto ficou sabendo que a energia utilizada em Nívea era a nuclear, em alto grau de aperfeiçoamento, mas exclusivamente utilizada no sentido positivo, isto é, em benefício do progresso e bem-estar da gente do planeta. Ao examinar a astronave espacial, o Sábio Atômico cumprimentou Xisto:

— Meu jovem amigo. E' espantoso como, sem dominar ainda as forças da gravidade, e nem totalmente as da energia atômica, pôde esse pequeno engenho terrestre ser tão bem projetado e executado que conseguiu vencer o Espaço e chegar até nosso planeta. Louvo, sobretudo, sua admirável coragem enfrentando os perigos do Cosmos. Ao saber das razões daquela incrível viagem, o Sábio Atômico empalideceu e disse:

— Rutus é também nosso inimigo! Vivíamos em paz e felicidade até que, há tempos, recebi uma mensagem de «O QUE NÃO TEM SANGUE» exigindo a destruição de nossa Usina Atômica. Rutus é megalomaniaco e quer conquistar o Cosmos, planeta por planeta. Tal não há de ser, entretanto!

— Que espécie de mundo será Minos? Perguntou Xisto.

— Terrível e dominado pela maldade, exclamou o Sábio cheio de horror. Já o avistamos de perto várias vezes, pelo Espaço, mas jamais nos atreveríamos a tentar a «aminossagem». Aliás fique sabendo senhor Xisto, que já vislumbramos — ainda que à distância — o seu

IVAN ÂNGELO

história de assalto

Contornando a lagoa, ele vinha pensando no banho morno e na cama. Chegava a sentir, na pele, o abraço água do banho; nas costas, o apoio lençol da cama. Ia numa velocidade perfeita, que ajudava a sonolência, pois não precisava ficar muito atento. Àquela hora — uma e tanto da noite — nem era preciso prestar muita atenção, o pouco movimento da avenida possibilitava divagações em torno do tema banho-cama. Chegou, botou o carrinho na garagem, fechou, entrou no elevador, apertou o botão do quarto andar — aaaah! — abriu a porta do apartamento e sentiu-se, apesar de fatigado, feliz. Uma felicidade cansada de homem que chega em casa.

— Estou aqui, bem.

A voz da mulher — uma mulher nova, linda e grávida que era a sua — a voz vinha lá da sala de leitura. Chegou, beijou-a de levezinho nos lábios, olhou o título do livro (ela é do tipo que gosta de crônicas), e falou:

— Bom, acho que vou tomar um banho. Estou morto de cansado.

— Escuta, bem, você não se importa?, eu estava esperando só para isso: vai comprar um sorvete pra mim, vai?

— Ah, essa não! Nem vê! De jeito nenhum!

E saiu para não ouvi-la insistir. Ligou o chuveiro, foi tirando a roupa enquanto a água esquentava, apanhou os chinelos, pijama, entrou no banho. Aaaaah! Mas o prazer completo do banho já fôra estragado pelo pedido da mulher — ele sabia e tentava ainda fingir que não. Outras vezes já dissera a ela que esse negócio de desejo era invenção de mulher grávida. Ela, que só lia crônicas, não acreditava. Terminou o banho frustrado naquele primeiro prazer.

A mulher continuava na sala de leitura, e de lá vinham suspiros ritmados: ela chorava, constatou com preguiça, a indignação calma de quem vai ter de ceder para evitar um desgosto maior. Na cabeça, adiou o prazer da cama. A vida de casado é feita de renúncias, pensou.

De calça, camisa e chinelos, resolveu dar um pulo até o bar da esquina. Passou pela sala de leitura, acariciou rapidamente os cabelos da mulher e saiu. A raiva, a revolta, o quase ódio que sentiu contra ela nasceu somente no momento em que, a cem metros do prédio,

na rua deserta, um homem sujo apontou-lhe o revólver:

— Passa o dinheiro.

— Não tenho, não trouxe. Olha aí, saí de casa só para comprar um sorvete para minha mulher. Ela está esperando menino. Estou até de chinelos, olha aí.

O assaltante considerou que havia dado um golpe errado. Decidiu, afinal, o que poderia tirar do homem:

— Então passa pra cá a roupa.

Hesitação no outro, e por dois motivos: 1º) carteira no bolso de trás, com vinte e cinco mil cruzeiros, para pagar aluguel do apartamento; 2º) ridículo de ficar na rua inteiramente nu, pois havia dispensado roupa de baixo. Mas o revólver ameaçador não admitia hesitações.

— Porco. Nem cueca não usa.

Agüentou, calado, o ódio fervendo visível na cara. O homem também tirava a roupa, e foi vestindo a sua, sem descuidar-se do revólver. Lá da esquina começaram a vir sons de vozes: dois homens retiravam-se ruidosos do bar. Quis gritar por socorro, mas o ladrão desapareceu de maneira quase mágica. Ridículo e impotente, poupando-se aquela última humilhação, entrou às pressas dentro da calça que o assaltante jogara no chão, e correu para o prédio. Pegou direto o elevador, quase se esmurrando de tanta raiva, realizou o desejo de esmurrar batendo na porta do apartamento, gritou o nome da mulher, ansioso por atribuir-lhe a culpa do incidente. Ela abriu, surpresa e indignada diante da barulhada insólita àquela hora da noite.

— Olha aí, sua imbecil, o que foi me arranjar.

Explicou o acontecido aos gritos, colocando todo o drama da história na perda dos vinte e cinco contos e na impossibilidade de pagar o apartamento, «por sua culpa».

A briga, que ameaçava tornar-se definitiva, acabou quando ele, atendendo outro grito dela — «Deixa de gritar como um idiota e tira logo essa imundície do corpo» —, tirou, só então com verdadeiro nojo, a calça remendada do homem e encontrou, no bolso de trás, a importância de quarenta e dois mil cruzeiros e quebrados. Produto, talvez, de outros assaltos...

compram de tudo em tôda parte...



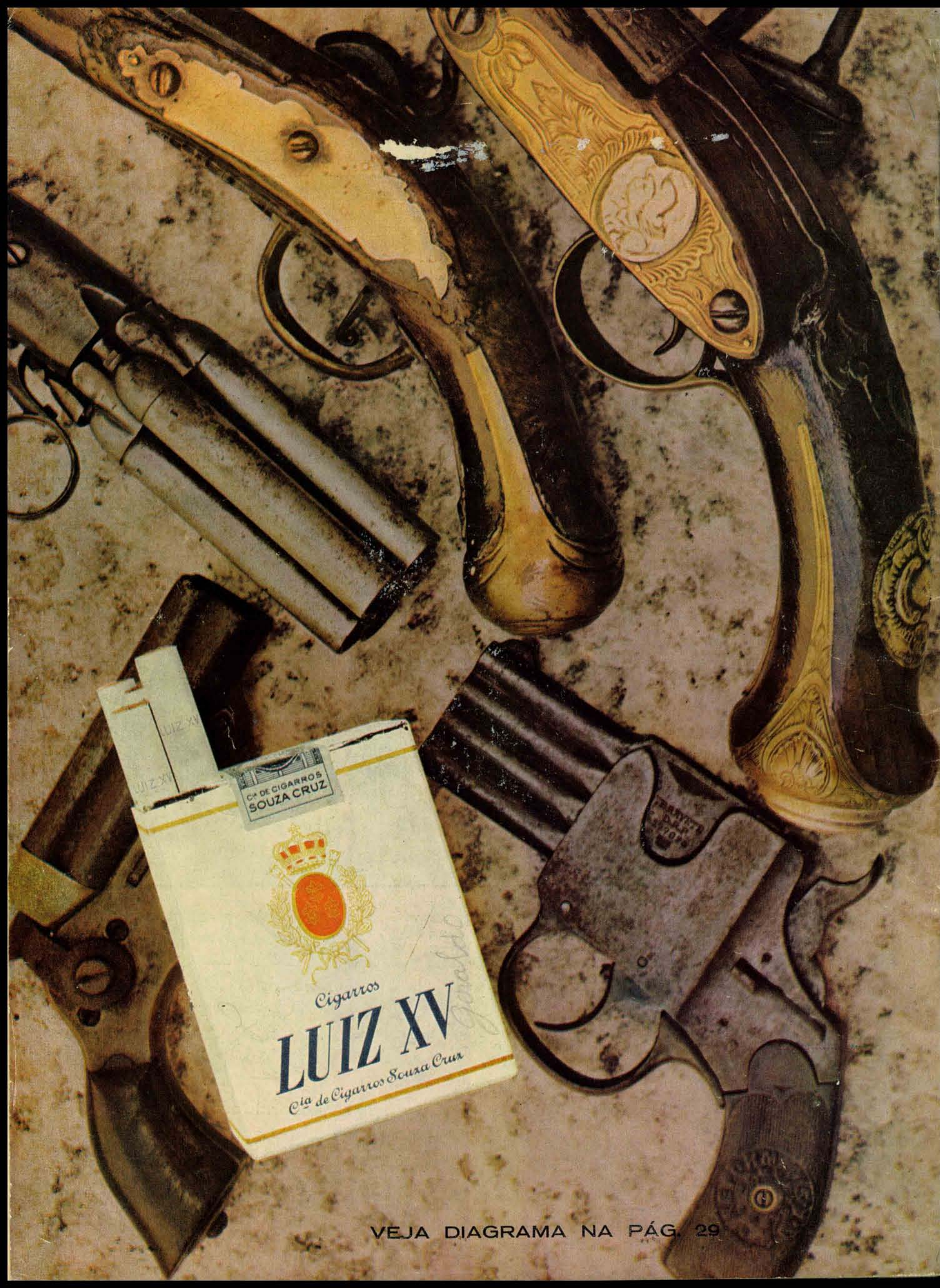
CHEQUES DE VIAGEM

Onde você chegar, poderá pagar praticamente tudo com Cheques de Viagem do Banco Nacional de Minas Gerais. Lojas, hotéis e companhias de aviação os aceitarão como dinheiro vivo. E em qualquer agência do Banco, você transforma seus Cheques de Viagem em moeda corrente, sem qualquer despesa. Não há taxas nem comissões. É como levar "dinheiro no bolso"... mas dinheiro que só pode ser usado por você, pois, só vale com sua assinatura.



* garantidos pelo

BANCO NACIONAL
DE MINAS GERAIS S. A.



VEJA DIAGRAMA NA PÁG. 29